

# SERÕES



LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 36 — JUNHO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

## Summario

### MAGAZINE

	PAG.
EL-REI D. MANUEL II ( <i>Frontispicio</i> ).....	374
A ACCLAMAÇÃO DE EL-REI (19 <i>illustrações</i> ) por EDUARDO DE NORONHA.....	375
UM AUTOGRAPHO DE EORD BYRON (3 <i>illustrações e 2 autographos</i> ) por ALBERTO TELLES.....	389
COMO SE UTILISA UM RABICHO (4 <i>illustrações</i> ).....	396
PARA O PAIZ DO COBRE (21 <i>illustrações</i> ) por ANTONIO DE SOUSA MADEIRA PINTO.....	397
A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL (8 <i>illustrações e 1 vinheta</i> ) por ALBRECHT HAUPT.....	405
A ACÇÃO DAS MANCHAS SOLARES NA ECONOMIA DA VIDA (12 <i>illustrações e 2 vinhetas</i> ) por A. RAMOS DA COSTA.....	413
OS BASTIDORES DO NIHILISMO (2 <i>illustrações e 2 vinhetas</i> ) por MAX PEMBERTON.....	420
SERÕES DOS BÉBÉS (3 <i>illustrações e 2 vinhetas</i> ).....	432
ACTUALIDADES (49 <i>illustrações</i> ).....	437
QUEBRA-CABEÇAS Decifrações, enigmas, charadas, etc.....	448

### OS SERÕES DAS SENHORAS (39 *illustrações*)

CHRONICA GERAL DE MODAS..... pag. 177	LAVORES FEMININOS..... pag. 186
OS NOSSOS FIGURINOS..... » 180	PELOS ALTOS..... » 188
CHAPEUS DE VERÃO..... » 182	CONSULTORIO DE LUIZA..... » 189
A NOSSA FOLHA DE MOLDES..... » 184	

### A MUSICA DOS SERÕES

BARCAROLA, por C. M. DE WEBER.....	4 paginas
------------------------------------	-----------

DIRECTOR LITTERARIO

H. Lopes de Mendonça

# Serões

ADMINISTRADOR

Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

**Praça dos Restauradores, 27**

**LISBOA**

(PASSAGEM DO ANUARIO COMMERCIAL)

**Telephone 805**

## ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

### Por uma só inserção

1 pagina . . . . .	6\$000 réis
1/2 pagina . . . . .	3\$500 »
1/4 pagina . . . . .	2\$000 »

### Por um anno, ou sejam, 12 inserções

1 pagina . . . . .	70\$000 réis
1/2 pagina . . . . .	40\$000 »
1/4 pagina . . . . .	20\$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

## Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno . . . . .	2\$200 réis
	Semestre . . . . .	1\$200 »
	Trimestre . . . . .	600 »
Para o Brazil (moeda fraca) . . . . .	Anno . . . . .	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro - Anno . . . . .		15 fr.

Pedidos para assignaturas, ou qualquer numero avulso dos *Serões*, e indicações para inserção de annuncios, dirigir-se á

## ADMINISTRAÇÃO DOS Serões

**Praça dos Restauradores (Passagem do Anuario Commercial) 27**

Telephone 805

**LISBOA**

CH. DENIS. — Agent exclusif pour les annonces étrangères, 128, Faubourg Poissonnière — PARIS.



# A Nacional

Companhia Portuguesa de  
Seguros de Vida

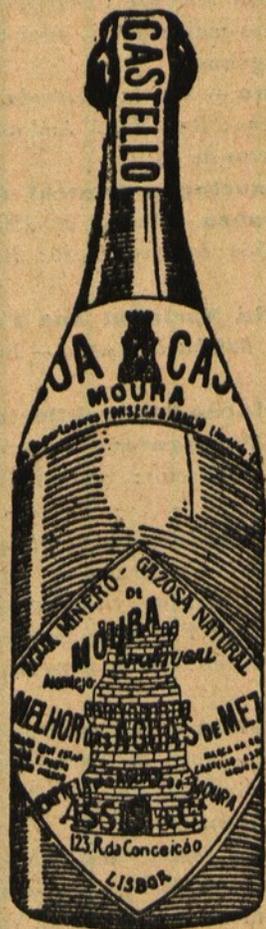
CAPITAL 500:000\$000 réis

Seguros em caso de vida e em caso de morte

Seguros contra desastres pessoais

Seguros de viagem

7, Rua do Alecrim—LISBOA



## AGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

— DE —

**MOURA**

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.º

LISBOA

## GRANDE DEPOSITO

— DE —

Moveis de ferro e colchoaria

— DE —

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56

— LISBOA —

# SERÕES

## LIVROS, REVISTAS E JORNAIS

### RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

**Tristezas**, por João Maria Ferreira — Lisboa, 1908 — Collecção de poesias em que vibra a alma sentimental de um portuguez, em accentos de saudade, notas de amor, enleios mysticos e panthaistas, n'uma fórmula em geral digna de apreço, em que as tendencias renovadoras se revelam apenas nas simplificações orthographicas.

**Casamento e divorcio**, por D. Alberto Bramão — Lisboa, 1908 — Brillhante exposição de factos e argumentos, apresentada por um pensador que é ao mesmo tempo um poeta illustre, em favor da dissolubilidade do matrimonio. Depois da resenha historica e juridica do sr. Robredo de Sampaio sobre o assumpto, o livro do sr. D. Alberto Bramão affigura-se-nos que se exgota, e que levará o convencimento a muitos espiritos, retrahidos ainda, perante as imposições do direito canonico. É uma soberba obra de lucta e de propagação.

**A Fidalguinha de Levada**, por Alexandre Malleiro — Porto, 1908 — N'este romance, que o autor classifica de novella militar, é seu intento seguir na piugada de Julio Diniz. Confessa-o elle proprio no prefacio, e é meritoria a sua tentativa. Não permittirá a sua modestia que nós affirmassemos ter elle igualado o modelo; mas as suas qualidades de observação justificam a sinceridade do seu esforço.

**o meu livro**, por Fausto Guedes Teixeira — Lisboa, 1908 — O renome adquirido justamente por Guedes Teixeira dispensa a apreciação do seu livro, admiravel repositorio de poesias, eserinio onde uma musa exuberante e amavel espalhou ás mãos cheias as mais preciosas joias. Na presente quadra em que se annuncia a villegiatura, nenhum companheiro mais captivante para os passeios bucolicos do que este bello livro de um enternecido poeta, livro de que elle proprio diz com razão:

*Não é marmore, não! é alma, é carne...*

**Estudos Sociais** — *Revista Catholica Mensal* — N.º 4, abril de 1908 — Redacção e administração, Rua da Mathematica, 43, Coimbra.

**Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official** — Fase. XVII — Agosto a Dezembro de 1907. Rua Aurea 177, 2.º — Lisboa.

**Boletim Photographico** — Rua da Prata 135 e 137, Lisboa — n.º 98, Janeiro de 1908.

**o Economista Brasileiro**, *Revista semanal de economia, finanças, politica e litteratura*. Números de Março, Rua da Alfandega, 114, — Rio de Janeiro.

**Gazeta** da Associação dos advogados de Lisboa — N.ºs 13 e 18, de 1908.

**Archivo Bibliographico** — Da Bibliotheca da Universidade de Coimbra. — Vol. VIII — N.º 1, 1908.

**o Instituto** — *Revista scientifica e Litteraria*. — Redacção — Rua do Infante D. Augusto, 44, — Coimbra. — N.ºs 1 e 2 de 1908.

**Alma Feminina** — *Revista semanal illustrada* — Redigida por algumas das mais notaveis escriptoras portuguezas e estrangeiras.

**A Construcção Moderna** — *Revista illustrada* — Redacção e Administração: Rua Maria Andrade, 10, 2.º — Lisboa — numeros de abril.

**Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza** — Março de 1908. Fundada em 1860 — Séde da Associação: Rua Garrett, 95, — Lisboa.

**Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos** — *Instituto Rainha D. Amelia* — Rua 24 de Julho.

**Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes** — 4.ª Serie — Tomo XI n.º 5.º — Director: Gabriel Pereira.

**A Vinha Portugueza** — *Revista mensal de viticultura e de Agricultura Geral* — Dedicada aos progressos agricolas e principalmente viticoas, do paiz. Publicada e dirigida por F. d'Almeida e Brito — Redacção e Administração: Rua do Arco Bandeira, 22, 1.º — Lisboa.

**Revista de Manica e Sofala** — *Publicação mensal illustrada* — 5.ª serie — abril de 1908 — Redacção e Administração: Rua Castilho, 27, 3.º á Avenida da Liberdade, Lisboa.

**Echos de Roma** — *Revista mensal illustrada* — Publicada pelos alumnos do collegio portuguez em Roma, sob a direcção de monsenhor Sinibaldi. Via del Banco S. Spirito, 12, Roma. Recebemos o numero dedicado á memoria de El-rei D. Carlos e do Principe D. Luiz Filippe.

**A Saude** — *Revista mensal* — Que ensina a manter, robustecer e restaurar a saude. — Redacção e Administração: Rua da Padaria, 48, 1.º — Lisboa.

**Propaganda Catholica** — A acção do sacerdote na imprensa, Opusculo 133 — 2.º do XII anno — Janeiro de 1908 — Redacção e Administração: S. Clemente — Silvares — Fafe.

**A Caça** — *Revista illustrada do sport peninsular e da vida dos campos* — Redacção e Administração: Rua Nova do Loureiro 36, 2.º — Lisboa — N.º 7 — Fevereiro de 1908.

**Voz de Santo Antonio** — *Revista mensal illustrada* — N.º 16, de 1908. — Redacção e administração — Braga.



EL-REI D. MANUEL II

*Cliché de Arnaldo Fonseca — Lisboa*



Phot. Rocchini

O PALACIO DAS CÔRTEES, ONDE SE REALISOU A ACCLAMAÇÃO DE EL-REI D. MANUEL II

## A acclamação de El-Rei

— *Real, real, real, pelo muito alto, muito poderoso e fidelissimo rei de Portugal, o senhor D. Manuel II.*

É esta a formula com que ha seculos o alferes-mór do reino, precedido pelos reis-de-arms, dos porteiros-da-canna e maça, dos arautos e passavantes, annuncia ao povo a ascensão ao throno do novo monarcha.

Nunca, desde a fundação da monarchia, essa participação antiquada da pragmatica medieval teve um tão tragico significado. Em trinta e tres soberanos, que contam as quatro dynastias reinantes no paiz, nenhum herdou a corôa em circumstancias tão dolorosamente dramaticas e bem poucos em tão tenra e descuidosa idade.

Duque de Beja, como o seu glorioso homonymo do seculo xv, ha na sua ainda curta existencia mais de um ponto de contacto com

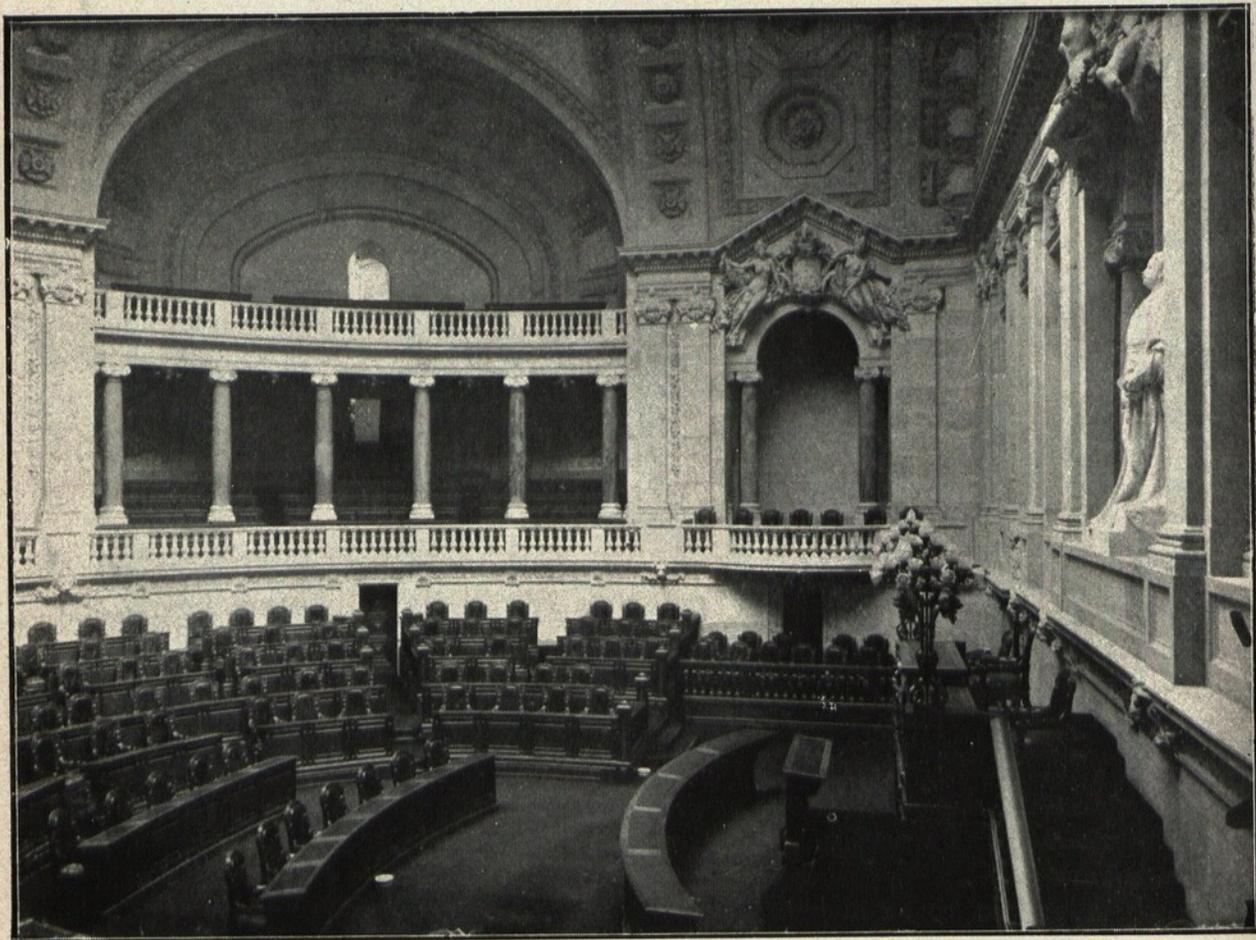
o feliz irmão do desventurado duque de Vizeu e ditoso filho da amargurada infanta D. Beatriz, mãe de D. Diogo apunhalado e sogra do duque de Bragança degollado no cadafalso. Não sabemos o que o destino lhe reserva, nem a época se compadece com falliveis vaticinios de astrologos phantasiosos, mas o que devemos registrar é que a Historia capricha em repetir, de quando em quando, factos remotos mas semelhantes, acontecimentos muito afastados pela idade, mas demasiado proximos pela analogia.

A acclamação de agora foi das mais simples do seu genero, mas não com certeza das menos eloquentes e grandiosas pelo espontaneo carinho e funda commoção que despertou em todas as almas. Não é para comparar, é claro, no ponto de vista de magnificencia e de ostentação, com a reali-

zada em Lisboa no dia 15 de dezembro de 1640, quando o duque de Bragança foi proclamado rei D. João IV.

Levantou-se para este fim, como narra Rebello da Silva, no Terreiro do Paço um tablado alto, sumptuosamente ornado, que pudesse correr igual com as varandas do palacio. Baixou a elle o novo rei revestido de todas as insignias da soberania e acompanhado dos officiaes-móres, dos titulares e dos fidalgos. Tinha confirmado na posse dos

Castello Branco por seu irmão, ausente em Madrid, o de guarda-mór Pedro de Mendonça e o de alferes-mór Fernão Telles de Menezes. O marquez de Ferreira trazia o estoque de condestavel, e Francisco de Lucena exercia as funções de secretario de estado. D. João sahiu trajado em vestes reaes, com uma opa de tela branca semeada de ramos de oiro, botões e cadeia de diamantes, e segurava-lhe a cauda do manto o camareiro-mór. Sentou-se no throno com des-



Phot. Barcia

SALA DA CAMARA DOS DEPUTADOS

*Onde se realisaram as ceremonias da abertura do parlamento e da acclamação de el-rei*

cargos mais elevados da côrte os herdeiros dos nobres, que os haviam exercido na antiga monarchia, e até os que mercês recentes tinham investido n'elles, e entrou seguido do marquez de Gouveia, D. Manrique da Silva, mordomo-mór, de João Rodrigues de Sá, conde de Penaguião, camareiro-mór, de Luiz de Miranda Henriques, estribeiro-mór, e do veador D. Pedro de Mascarenhas, filho primogenito do marquez de Montalvão. Serviu o lugar de meirinho-mór D. João de

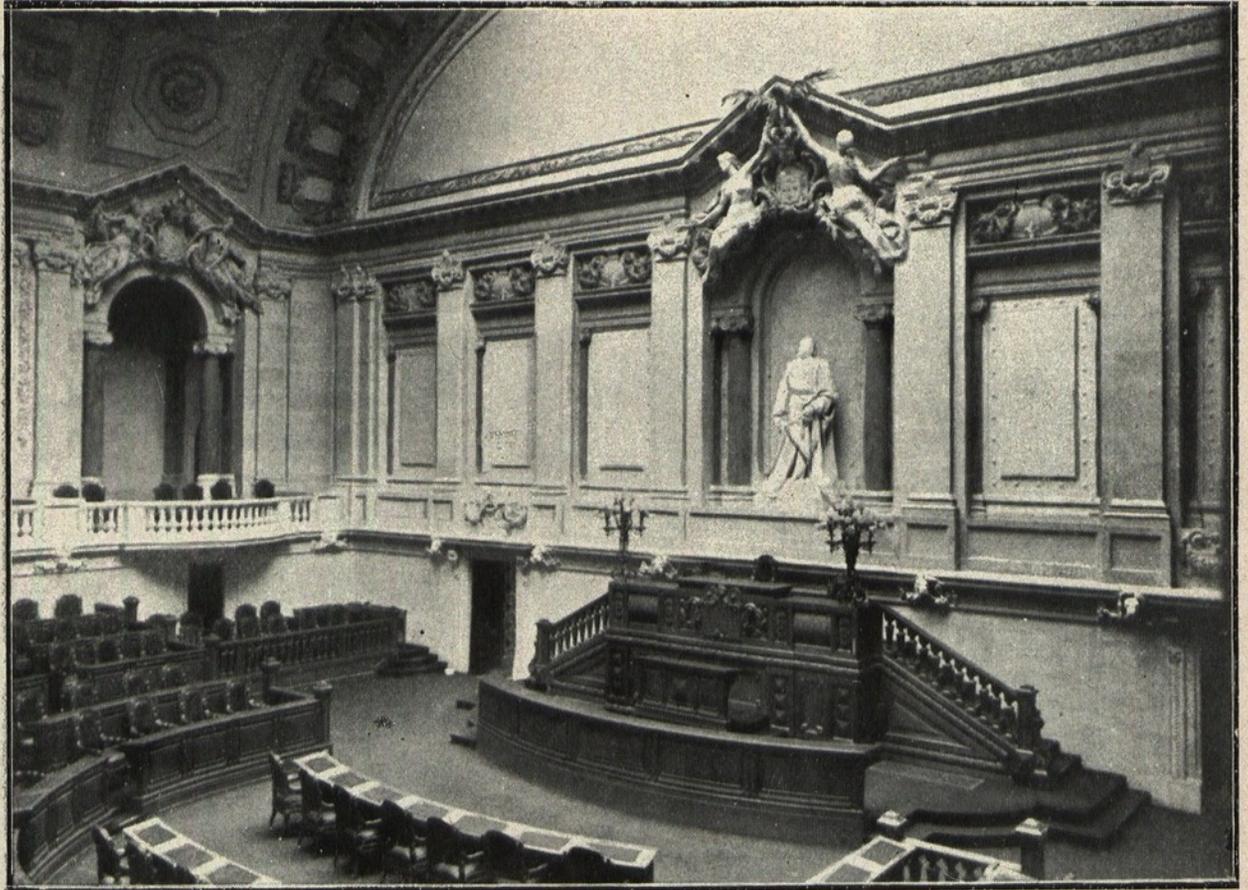
assombro. A côrte occupou os logares que lhe pertenciam.

Deu começo á cerimonia o doutor Francisco de Andrade Leitão, desembargador dos agravos, recitando uma oração, na qual ponderou a justiça com que os tres estados do reino restituiram a D. João IV a corôa usurpada a D. Catharina por Filippe II. memorou a el-rei a sinceridade com que os povos se offereciam para defender o throno e com elle a liberdade, e avivou aos povos

a resolução em que estava o soberano de se expôr pela sua conservação. Terminada a oração seguiu-se o juramento, subindo ao estrado pequeno o reposteiro-mór para collocar deante de el-rei uma cadeira coberta de brocado com sua almofada e outra aos pés. O capellão-mór, D. Alvaro da Costa, abriu em cima da almofada um missal e poz uma cruz, e o arcebispo de Lisboa, assistido pelo de Braga e pelo inquisidor-geral, ajoelharam defronte. D. João, tambem de joelhos, repetiu a antiga formula de reger

Noronha, duque de Caminha, e concluindo o marquez de Ferreira. O alferes-mór terminou o acto desenrolando o estandarte e saudando o novo rei com tres acclamações estrondosamente repetidas pelo povo.

Desceu D. João e montou depois a cavallo debaixo do pallio, cujas varas seguravam o conde de Cantanhede, presidente do Senado, e os vereadores. Levava-o de redea D. Pedro Fernandes de Castro, fazendo as vezes do conde de Monsanto, ausente, alcaide-mór da cidade. Adeante ca-



Phot. Boreia

OUTRO ASPECTO DA SALA DA CAMARA DOS DEPUTADOS

e governar bem e direito, de administrar justiça quanto a humana fraqueza lh'o permitisse, e de guardar os bons costumes, privilegios, graças e franquezas, que os reis seus antecessores haviam dado, outorgado e confirmado. Levantou-se logo, e sentado tornou a empunhar o sceptro de cristal com remates de ouro, que servira aos principes portuguezes. Seguiu-se o juramento de fidelidade dos tres estados, confirmado semanas depois nas côrtes celebradas em 28 de janeiro de 1641, principiando D. Miguel de

minhavam os reis-de-armas e os porteiros-da-canna com suas maças de prata. Precediam a pessoa do soberano o condestavel e o alferes-mór e logo atrás os grandes do reino, titulares, senhores e fidalgos, todos a pé, descobertos e trajados de vistosas galas. D. João, na flôr dos annos, airoso, e bem posto, sorria-se para os subditos, correspondendo aos applausos populares. Na praça do Pelourinho estava erguido outro tablado adereçado tambem de ricos pannos. Parou ali o prestito, e o doutor Francisco Rebello

Homem, vereador da camara, em uma curta pratica significou ao principe o alvoroço do povo e sua firme resolução de sustentar a gloriosa empreza de 1 de dezembro. Acabada a oração o conde de Cantanhede entregou as chaves da cidade. Das janellas e dos logares altos lançavam sobre o cortejo flôres e aguas cheirosas entre parabens e vivas. Continuou el-rei com o mesmo aparato até ás portas da cathedral, onde se apeou, recebido pelo bispo em habitos pon-

los, citaremos um incidente curioso. Quando D. João IV recebia o juramento dos vassallos, o chanceller-mór Fernão Cabral disse para alguns fidalgos, rindo-se:

— Sua Magestade deve accrescentar a esta clausula: «até a chegada de D. Sebastião».

O monteiro-mór D. Francisco de Mello referiu á mesa o dito gracioso do chanceller, e el-rei, festejando-o respondeu:

— A clausula não é necessaria, Em elle vindo largo-lhe tudo, porque não sou ne-



Phot. Barcia

SALA DOS PASSOS PERDIDOS NA CAMARA DOS DEPUTADOS

tificaes. No antigo templo, soberbamente armado e illuminado, rompeu a musica instrumental e o cantico de *Te-Deum*, enquanto o monarcha, prostrado com humildade, elevava ao céu o coração e as esperanças. Concluida a festa religiosa voltou o acompanhamento a passo pela Rua Nova, orvalhado por uma chuva miudinha, que não diminuiu o jubilo nem o concurso, cada vez mais numeroso.

Para se conhecer, que as visões da vinda do Encoberto vexavam ainda muitos crédu-

num tyranno que lhe tome o reino, que foi seu.

Mais ainda. Nomeando aia do principe D. Theodosio, D. Marianna de Lencastre, viuva de Luiz da Silva, soube que apesar de muito estimar a mercê, não acabava de se mudar para o paço com escrupulo de faltar a el-rei D. Sebastião, do qual era grande apaixonada. Mandou-lhe recado que se tranquilisasse, affirmando-lhe:

— Se vier entregar-lhe-hei a corôa.

Eis o que foi a cerimonia que permittiu a D. João IV fundar a dynastia de Bragança, com o intrépido concurso de um punhado de fidalgos, poderosa e denodadamente secundados pelo povo que odiava o jugo castelhano e que queria ser livre.

O desvario do attentado de 1 de fevereiro provocou uma reacção natural, consequente. Para um povo bondoso como o nosso,

deixou, á força de tragicos e alheios á indole nacional, como inerme e petrificado.

O enervamento, a catalepsia moral em que mergulharam todas as consciencias honestas, foram pouco a pouco sendo sacudidas, e, um bello dia, por um d'esses phenomenos psychicos tão faceis de explicar, despertou radiante, austera, magestosa, cheia de imperio, no uso completo das suas faculdades affectivas e dos seus mais subtis e delicados sentimentos, a alma das mães portuguezas.

Não, aquella creança de dezenove annos



Phot. Novaes EL-REI SAHINDO DO PALACIO DAS CÔRTEES DEPOIS DA ABERTURA DO PARLAMENTO

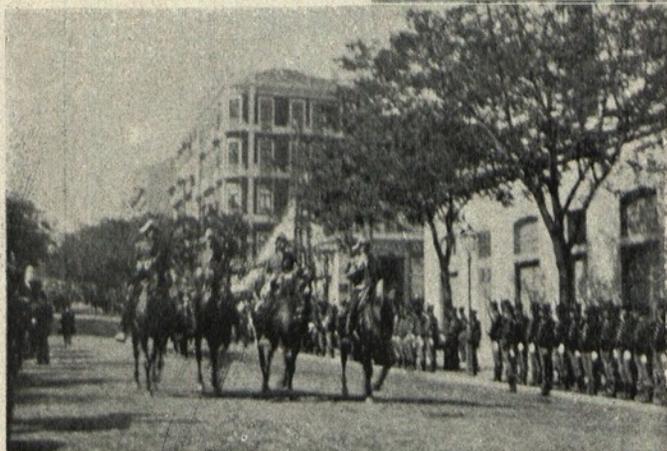
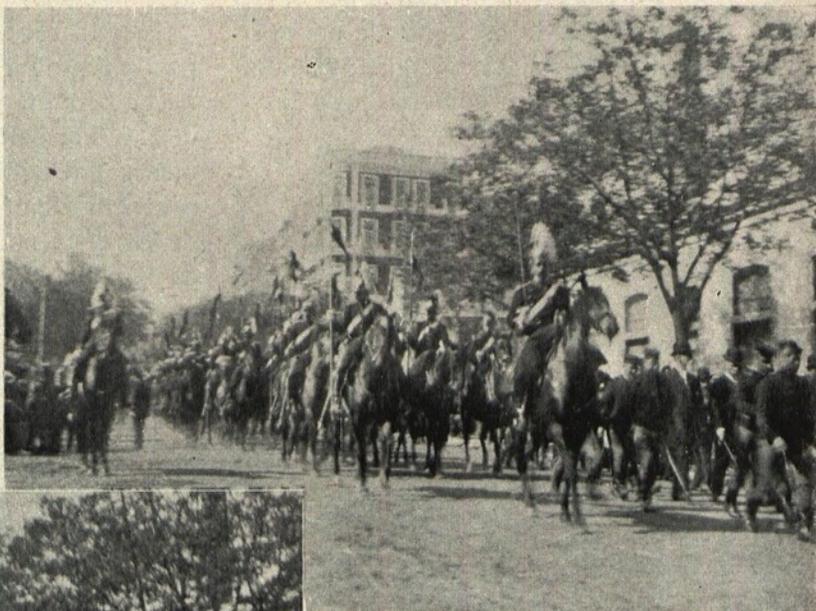
desaffecto a transes sanguinarios, habituado a um longo socego na sua vida social, sem commoções violentas que lhe perturbem a monotonia quotidiana da existencia tranquilla, a morte do rei, o assassinio de uma creança indefesa e sem responsabilidades, as inauditas e pungentes angustias da rainha D. Amelia no tremendo lance, a dôr profundissima da Senhora D. Maria Pia que cahiu gravemente enferma, o luto que envolveu toda a familia real, foi uma serie de choques, de tal modo intensos e inesperados, que no primeiro momento o assombrou e o

a quem algumas cegas e irresponsaveis grammas de chumbo e polvora arrancavam, n'uma horrorosa tragedia, o pae e o irmão, e atiravam n'um impeto de feroz brutalidade para um cargo, com que nunca sonhara, coberto de espinhos e recheado de perigos, não teria só por mãe a princeza, que o concebera no seu seio, não, n'um movimento unico e espontaneo, sem outra consulta que não fosse o impulso isolado, mas poderoso, dos seus corações, arredando de si quaesquer creanças politicas da familia, todas as mulheres de Portugal, esposas ou virgens, re-

solveram perfilhar o juvenil e atribulado orphão.

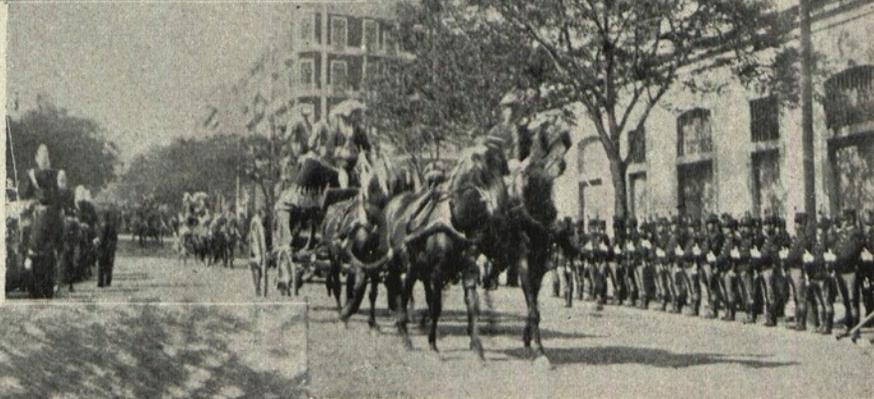
El-rei D. Manuel ficou desde esse momento sob a égide do amor materno da nação.

Cerca das duas horas do dia 6 de maio era enorme a concorrência em todas as ruas que o cortejo devia percorrer e no largo das Côrtes. O dia, um dia lindo de pri-



nham sido disputados com empenho e obtidos com immensa difficuldade. Nos oitocentos logares que ali existem, couberam, sem se queixar do aperto, approximadamente o dobro

mavera, ostentava as suas galas mais viçosas e deslumbrantes. Os bilhetes para assistir a cerimonia nas galerias da sala ti-



das pessoas. O aspecto do recinto lembrava o de um gigantesco açafate de camélias brancas, de tal modo predominavam as *toilettes* d'esta côr, realçadas aqui e ali pelo tom escuro e austero das casacas e pelo brilho offuscante dos bordados e veneras das fardas e uniformes.

A' uma e meia é nomeada pelo presidente da camara dos pares, conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco, a deputação a quem compete acolher o soberano á entrada do parlamento. Cá fóra,

VARIOS ASPECTOS DO CORTEJO DA ACCLAMAÇÃO

Phot, Barcia

no atrio, havia um borborinho intenso de ministros, magnates, officiaes, politicos, etc. Para além, no largo, apesar das ordens severas recebidas pela policia, agglomeram-se compactos magotes de povo de onde se desprende um incessante e confuso murmurio, um vozear baixo e respeitoso. Por cima da multidão campeia o vulto desassombrado e altivo de José Estevam, que do alto do pedestal parece indicar ao novel monarcha quaes os seus deveres constitucionaes.

A architectura banal e fria do edificio

cujo contraste de uniforme produz excellente effeito.

Pouco a pouco veem chegando as altas personagens que devem representar o papel mais importante na cerimonia. A's duas horas em ponto apeia-se o senhor infante D. Affonso, incumbido de desempenhar as funcções de condestavel do reino. Approxima-se o momento. A anciedade é grande. Não o aneio temeroso que pairava sobre a multidão no dia das exequias nos Jeronymos, mas o aneio confiado e impaciente de que



EL-REI D. MANUEL APEIANDO-SE Á PORTA DAS CÔRTEZ PARA A CEREMONIA DA ACCLAMAÇÃO

Phot. Novaes

como que se anima com as colgaduras de damasco carmezim franjadas a ouro que pendem da varanda, com os trophéos de bandeiras que corôam as cinco portas da construcção, com os grupos de militares e de civis que enxameiam e oscillam n'um fluxo e refluxo de cabeças de todos os matizes e expressões. Na sala dos *Passos Perdidos*, enfileiram-se os alumnos da Escola do Exercito, no corredor do primeiro pavimento os da Escola Naval, em baixo uma força de caçadores 5. São as tres guardas de honra

appareça alguem a quem muito se deseja vêr.

De subito ouve-se como um marulho enorme, a distancia repercutem os sons estrídulos dos instrumentos de metal das bandas, e aquelle Oceano de physionomias ávidas e risonhas, onde predomina o elemento feminino, acairelado pelos cordões dos regimentos, revolve-se n'um sussurro que abafa, por assim dizer, quaesquer outros ruidos. Repentinamente o colossal zumbido cessa. Ao longe surge a comitiva régia, as



Phot. Barcia

CASA ORNAMENTADA NA RUA DE D. CARLOS

carruagens e os coches rodam com vagar ao trote curto dos cavallos sumptuosamente ajæzados. Coisa curiosa! O tejadilho da carruagem que conduz el-rei dir-se-hia convertido no esmaltado canteiro de um jardim, de tal modo as flôres o revestem e o perfu-

mam. Desencadeia-se então um formidavel ribombar de vivas, dos que sobem espontaneamente do coração aos labios e de cuja sinceridade e affecto não se pode duvidar.

Quando D. Manuel II desce o entusiasmo augmenta n'uma vertigem de delirio. A fazer



Phot. Barcia

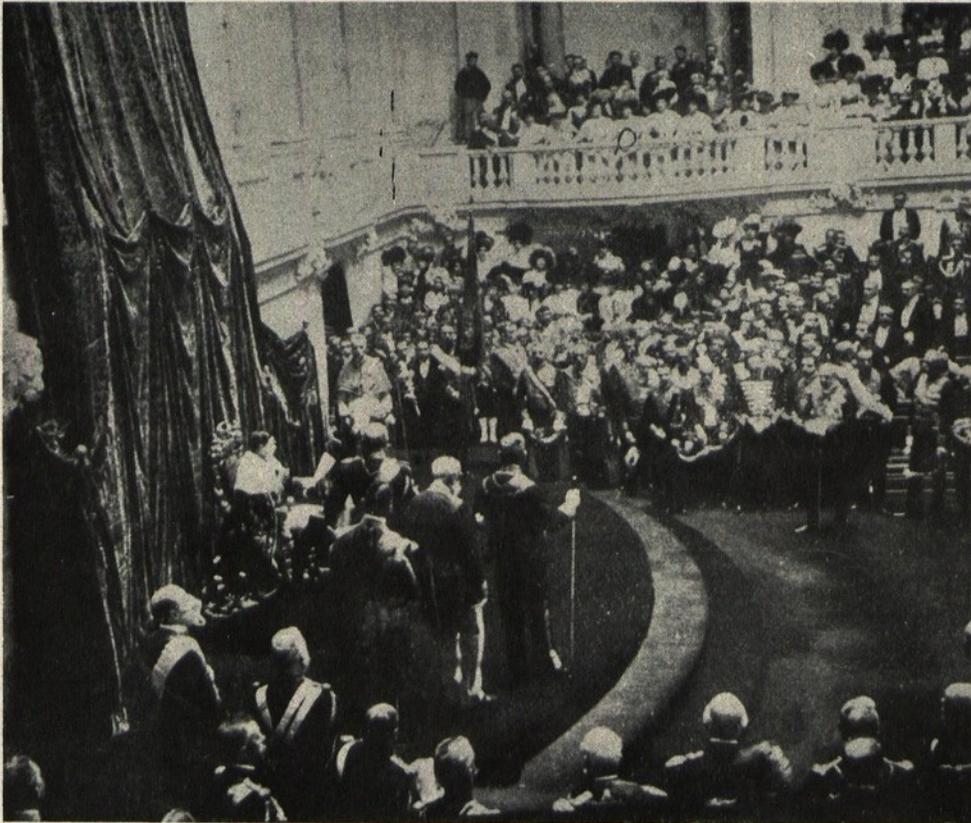
O AUTOMOVEL DO GOVERNADOR CIVIL PRECEDENDO O CORTEJO

côro aos vivas atroadores crepitam infinitas e prolongadas salvas de palmas. Os lenços saem de todas as algibeiras e as lagrimas saltam de todos os olhos. O sympathico rapaz a custo domina a sua commoção. N'esse momento, certamente, livrou-se de um grande attentado: o de ser devorado a beijos pelas damas presentes.

Forma-se o cortejo, depois do estribeiro-mór correr o estribo e de um caudatario segurar o manto a el-rei. O prestito desfila por entre alas de archeiros. A' frente os

e saudações continuam sempre dentro e fóra do edificio.

O interior da sala, como já dissemos, era imponente. Em cima de uma credencia ostentavam-se as insignias da realeza, o precioso missal de Estevam Gonçalves e a fórmula do juramento. O rei transpoz a porta tranquillo e de expressão ponderada. A sua farda de generalissimo, calção de anta, bota de montar, de polimento, esporas de ouro, a banda das tres ordens, as veneras rútilas de diamantes, o collar da Torre-e-Espada,



Phot. Novaes EL-REI D. MANUEL LENDO A FORMULA DO JURAMENTO CONSTITUCIONAL

porteiros da real camara, passavantes, reis-de-armas e arautos; depois o porteiro da camara, D. Luiz Alvito com a corôa n'uma almofada de velludo carmezim; a seguir as deputações da camara alta e electiva; após el-rei e rodeando-o e seguindo-o o mordomo-mór, o estribeiro-mór, o commandante da guarda real, o alíeres-mór de estandarte enrolado, o ministerio, o conselho de estado, officiaes-móres, mestre-sala, porteiro-mór, veador-mór, condestavel do reino, cappellão-mór, gentil-homem de serviço, ajudantes e moços fidalgos. Os cumprimentos

o manto de velludo purpura orlado de arminhos e mosqueado dos symbolicos castellos, imprimiam-lhe um cunho de grandeza despretenciosa, que não afugentava a sympathia que a todos inspira. Cumprimentou com graça e dignidade o corpo diplomatico e assentou-se no throno tomando cada um dos dignitarios o logar que a pragmatica lhe assignava.

Então o guarda-joias offereceu ao soberano, n'uma salva de ouro, o sceptro real, insignia que o monarcha segurou com a mão direita ao passo que apoiava a esquerda



Phot. Novaes

SAÍDA DE DIGNITARIOS POR OCASIÃO DA ABERTURA DAS CÔRTESES



Phot. Novaes

NA ESPERANÇA — A GUARDA MUNICIPAL AGUARDANDO O CORTEJO

nos copos da espada. N'esse momento levantou-se o presidente da camara dos pares, ladoado pelos pagens, que pela primeira vez desempenhavam funções publicas, trajados de velludo e seda e calção e meia, levando o da direita a fórmula do juramento e o da esquerda o afamado missal. Todos ascenderam os degraus do throno. D. Manuel II ergueu-se, mudou o sceptro para a mão esquerda, estendeu a direita sobre o missal aberto e pronunciou com inflexão sonora,

ministro approximou-se de el-rei e entregou-lhe uma allocução que sua magestade leu com energia, pausa e tom convicto analogo ao juramento que prestara. Procedeu-se acto contínuo a acclamação propriamente dita. O conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco levantou um viva ao monarcha, e então, como se todas essas centenas de gargantas formassem uma só, com a rapidez fulminante de uma corrente electrica, com um enthusiasmo impossivel de ser excedido,



Phot. Novaes

ACCLAMAÇÕES DO ELEMENTO OFFICIAL

firme e magestosa a fórmula apresentada pelo delegado da representação nacional, pela qual o monarcha jurava defender a religião do Estado, a patria, observar a constituição e as leis do paiz e promover a felicidade da nação. O silencio na sala era profundo, e se algum rumor o interrompeu foram os soluços de algumas damas mais commovidas e nervosas.

N'este momento o alferes-mór desenrolou o estandarte. O presidente da camara dos pares reoccupou o seu lugar, o primeiro

tudo se ergueu e saudou vibrantemente o rei. O proprio corpo diplomatico, apesar das reservas impostas pela sua missão especial, não se furtou ao contagio d'esta delirante manifestação. Os applausos não tinham fim. O cardeal José Netto, patriarcha resignatario e officiante no baptismo do joven monarcha, arrancou do mais intimo do seu peito uma calorosa acclamação e victoriou o rei em nome do clero, da nobreza e do povo, á moda antiga, acenando com o seu chapéo cardinalicio de purpura e oiro.

O programma fôra rigorosa e vehemente executado, tornava-se necessario regressar ás Necessidades; a não ser assim as ovações estrondeariam até o cair da noite. O soberano sentou-se por um instante, tratando-se immediatamente de reorganisar o prestito de sahida. No exterior do edificio, na varanda, o alferes-mór procedia á proclamação do estylo como narramos no principio.

Logo que o soberano appareceu no vestibulo a multidão que se apinhada em densos cachos, que nem a policia nem a tropa po-

petiu-se sem um desfallecimento por todas as ruas do trajecto, e se o tejadilho da caruagem, como atrás dissemos, desaparecia litteralmente sob uma densa camada de flôres, não era menos significativo nem menos eloquente o numeroso sequito que acompanhava o monarcha, não só formado pelos estados-maiores e dignitarios, mas principalmente por um longo e luminoso rastro de sorrisos, de faces marejadas de commovido e consolador pranto, de um unisono e suggestivo côro de benções e desejos de um bom



Phot. Novaes

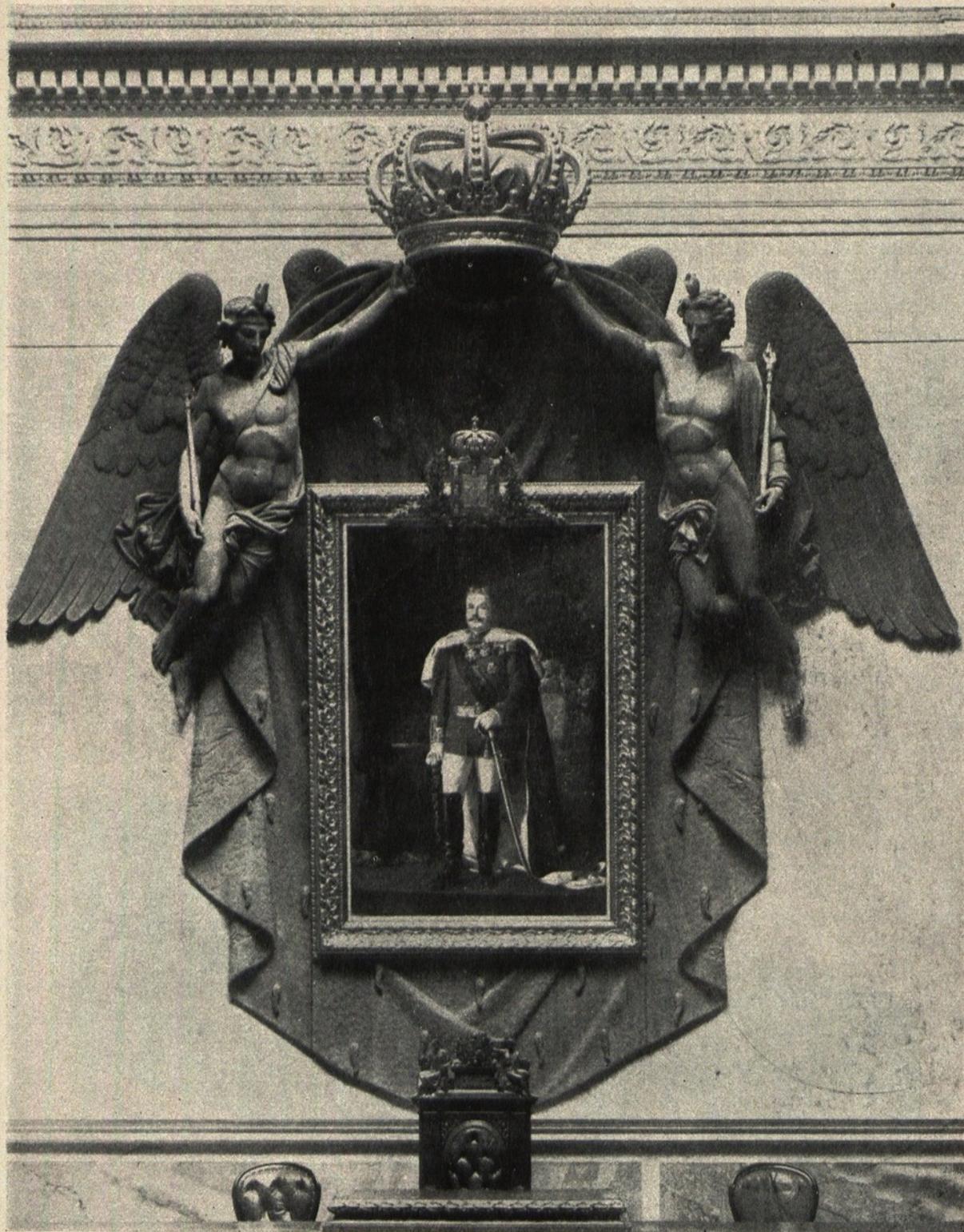
ACCLAMAÇÕES DO POVO

diam conter no desvario das suas effusivas expansões, prerompeu n'um estupendo clamor de ruidoso jubilo. As palmas estrepitosas, os vivas retumbantes, os applausos de toda a especie, os chapéos que se agitavam movidos por braços febris, os lenços que se assemelhavam a milhões de azas offuscantes de gigantescas revoadas de pombas, tudo isso constituia um extraordinario e prodigioso espectáculo, que nem o protagonista da festa nem quem lh'a dedicava tornarão com certeza a esquecer.

A loucura d'estas ardentes expansões re-

futuro. Até, no fundo, os mais irreconciliaveis adversarios do principio monarchico se sentiam empolgados por essa corrente de sympathia, que transbordava em redor de uma creança a quem um horrendo morticínio da sua familia arvorara caprichosamente em rei,

O palacio das Necessidades, como se fôra qualquer humilde choupana, abrigava a mãe mais anciosa do paiz. A etiqueta impedira a rainha de acompanhar o filho, e, durante essas compridas duas horas, não obstante todas as affirmativas, todas as communicações,



Phot. Rocchini

RETRATO DE EL-REI D. CARLOS I  
Na sala da camara dos Pares do Reino

todos os argumentos para tranquilisar o seu espirito attribulado, o seu coração devia ter sido atormentada arena onde se digladiassem as sensações mais afflictivas, as expectativas mais contrarias, onde a esperança e o receio luctavam n'uma pugna feroz e renhida.

Debruçada no eirado do Paço, com essa acuidade de percepção que nos tortura nas ocasiões criticas da nossa existencia, chegavam até ella os rumores longinquos da turba, esse sussurro tão parecido com o embate e ressaca das ondas, e que umas vezes, como agora, significa um hymno radiante e

alegre de hossanas e outras um rugido cavo e ameaçador de actos selvagens. Nunca ella fôra tão grande, tão magestosa com os emblemas da soberania. Nunca a corôa lhe circumdara a fronte com tão deslumbrante aureola, nunca os immaculados arminhos do seu manto regio, nem os fulgores iriados das suas joias mais raras, attrahiram sobre si tão reverentes e dedicadas homenagens. Envólta n'um singelo traje de luto, sem nenhuma insignia exterior que a differenciasse das outras mulheres que a contemplavam, a realza d'aquelle momento impunha-se a todas as sensibilidades, o throno do qual ella dominava a multidão nenhuma creatura ousa destruir. Symbolisava n'esse instante o amor de mãe, e, suprema verdade da democracia dos sentimentos, soffria tanto como a mais humilde das suas vassallas em condições identicas

O filho appareceu por fim, não escoltado por baionetas nem lanças, mas nimbado pelas mais sinceras felicitações com que um povo tem celebrado o advento de um principe. O rei apeou-se, subiu agil a escada; nem lhe pesava o diadema nem o atemorizava o futuro do seu reinado. De tudo se esqueceu só para vêr os dois braços que se lhe abriam e nos quaes se lançou trémulo de uma alegria que raras vezes se repete na existencia. Sentiu então na face um longo e demorado beijo, todo um intimo poema de amor materno. Esse beijo demoliu as paredes. ouviu-se em Portugal, no mundo inteiro, penetrou nas almas femininas e supplicou-lhes o seu amparo.

Que agitação collectiva da politica ou que desvario isolado de um fanatico pode ser efficaz contra uma creança santificada pelo carinho de todas as mulheres de um paiz ?

EDUARDO DE NORONHA.



# UM AUTOGRAPHO

DE

# Lord Byron

(Propriedade do Dr. Coelho de Carvalho)



OAQUIM Coelho de Carvalho, que todos por ahí conhecem do jornal, do livro ou do theatro, e muitos tambem como um dos mais espirituosos conversadores n'estes ruins tempos de *apagada e vil tristeza*, para falarmos na linguagem dos *Lusiadas*,—Coelho de Carvalho, meu antigo amigo, disse-me, ha dias, que fosse eu a sua casa para vermos ambos uma ruma de livros, que elle comprara ultimamente na loja de um alfarrabista.

Folguei immenso com este convite, e escuso dizer que no dia seguinte, ás onze horas da manhã, lá estava a bater-lhe á porta...

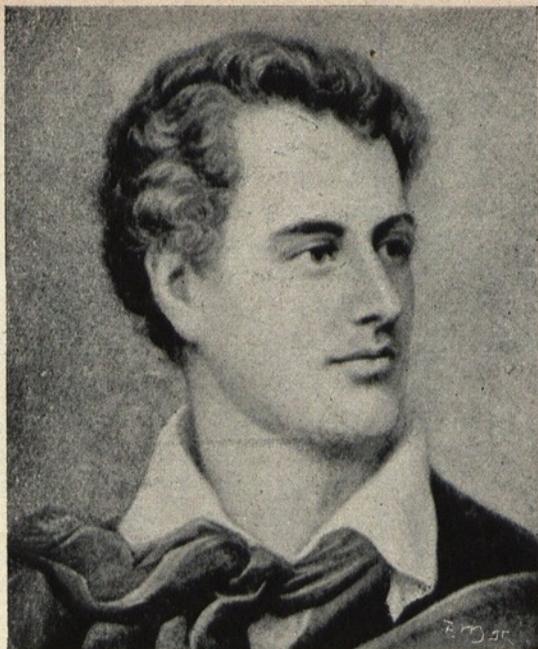
Desatado o lote dos livros, Coelho de Carvalho pegou n'um d'elles, collocou-o sobre a sua banca de trabalho, e, apontando-me uma cadeira, disse:

— Veja lá esse.

Era um grosso volume, em formato grande, das obras completas de lord Byron, na edição de Galignani. Apenas o abri, logo me excitou a curiosidade uma folha grande de papel branco, que, por mais comprida e mais larga que o livro, estava posta em dobras apropriadas ao tamanho d'elle.

Aberta a folha de papel, — oh! que impressão de extraordinaria surpresa! — deume em cheio nos olhos a letra do proprio punho de lord Byron, letra que os entendidos conhecem á primeira vista, e até dispensava bem a assignatura que lá está, a d'elle, a verdadeira, traçada pela excelsa mão que esculpiu os versos immortaes do *Childe Harold*.

Um autographo de lord Byron é sempre



LORD BYRON

um achado precioso. E então este de que falo perfeitamente conservado; nem poído o papel nem a tinta desmaiada. Por tudo isso, a meu ver, é grande o seu valor.

Vejamos o que elle diz em vulgar:

Ill.<sup>mo</sup> Sr.

*Em varios numeros do seu periodico tenho visto menção de uma obra intitulada O Vampiro, seguida do meu nome, como auctor d'ella. Não sou o auctor e nunca até agora ouvi falar em semelhante obra. N'um jornal mais recente vejo o annuncio formal do Vampiro, acompanhado de uma noticia da minha «residencia na ilha de Mitylene», pela qual me succedeu passar, viajando ha annos pelo Levante, e onde não teria duvida de residir, mas onde nunca vivi.*

*Nenhuma d'essas affirmações partiu de mim, e parece-me não ser injusto nem menos attencioso pedir-lhe o favor de desmentir o annuncio a que me refiro.*

*Se o livro tem merecimento, seria baixeza prejudicar o verdadeiro escriptor — seja elle quem fôr — da honra que lhe cabe; — e, se é estúpido, não ambiciono a responsabilidade da estupidez de outrem, bem me basta a minha.*

*Espero me desculpe o incommodo que lhe dou — a imputação não tem grande importancia — e enquanto se limitou a boatos, referencias, te la-ia recebido como a tantas outras, em silencio. Porém, a solemnidade que tem um annuncio publico de um livro que nunca escrevi — e de uma residencia que nunca tive — é já de mais, especialmente por não ter conhecimento do conteúdo de um nem dos incidentes da outra. Além d'isso, tenho particular embirração com vampiros, e o pouco que os conheço em nenhuma maneira me induziria a divulgar-lhes os segredos.*

*Muito menor agravo me fizeram os paragraphos ácerca da «minha devoção e o abster-me de sociedade,*

Sir, In various numbers of your Journal, I have seen mentioned a work entitled "the Vampire" with the addition of my name as that of the Author. - I am not the author, and never heard of the work ~~of~~ in question until now. In a more recent paper I perceive a formal announcement of "the Vampire" with the addition of an account of my "residence in the Island of Mitylane" an Island which I have occasionally visited by in the course of travelling some years ago, through the Levant - and where I should have no objection to reside - but where I have never yet resided. - Neither of these performances are mine - and I presume that it is neither unjust nor ungracious to request that you will favour me by contradicting the advertisement to which I allude. - If the book is clever it would be base to deprive the real writer, whoever he may be - of his honours; - and if stupid - I derive the responsibility of nobody's dullness but my own. - - - You will excuse the trouble I give you, - the imputation is of no great importance, - and as long as it was confined to summaries and reports - I should have received it as I have received many others, in silence. - But the formality of a public advertisement of a book I never wrote - and a residence where

I never resided - is a little too much - particu-  
- larly as I have no notion of the contents of  
the one - nor the incidents of the other -  
I have besides a personal dislike to "Van-  
- pines" and ~~would~~ the little acquaintance I  
have with them would by no means induce me  
to divulge their secrets. - - You ~~would~~ did  
me a much less injury by ~~confessing~~ your para-  
- graphs about "my devotion" and "abandonment  
of Society for the sake of religion" - which appeared  
in your Messenger during last Lent - all <sup>of which</sup>  
are <sup>not</sup> founded on fact - ~~and are altogether untrue~~  
~~to these and profited from the same~~ <sup>but</sup> them. -  
You see I do not contradict ~~that~~ because they are merely personal whereas the <sup>others</sup>  
in some degree concern the reader - - -

You will oblige me by complying with my  
request of contradiction - I assure you that  
I know nothing of the work or works in  
question - and have the honour to be - (as  
the correspondents to Magazines say) "your  
constant reader": and very

Truly

humble Servant

Byron

To the Editor of Galignani's Messenger.

Yc Yc Yc

Venice April 27<sup>th</sup> 1819. - -

por amor da religião», que appareceram no seu Mensageiro, durante a ultima quaresma — os quaes não assentam em factos — mas note que os não contradigo, por serem muito pessoas, ao passo que os outros até certo ponto dizem respeito ao leitor.

Muito me obsequiará, annuindo a fazer o desmentido que lhe peço, — affirmo-lhe que nada sei da obra ou obras de que se trata — e tenho a honra de ser (como dizem os correspondentes de Revistas) «constante leitor» e muito

Obediente e Humilde Servo  
BYRON

Ao redactor do Mensageiro de Galignani.  
Veneza, 27 de abril de 1819.

galante menina, muito instruida e romantica, de cabeça leve e idéas livres ácerca do matrimonio. Ia pedir-lhe que empregasse toda a sua influencia para ella ser admitida como actriz no theatro de Drury Lane.

Chamava-se Jane Clermont a gentil pretendente. Sua mãe contrahira segundas nupcias com o negociante Godwin, que tambem era viuvo, e tinha uma filha mais velha um anno que Jane, e da mesma sorte formosa. Estas duas meninas eram, portanto, irmãs por uma affinidade bem pouco vulgar, sendo que a mais velha era tambem romantica, um tanto ou quanto leviana e de idéas li-

A Monsieur  
Monsieur Galignani —  
18 Rue Vivienne.  
Paris.

SOBRESCRIPTO DA CARTA DE LORD BYRON

Verdade, verdade, este caso do *Vampiro* apresenta bastantes difficuldades — por uma parte, um jornal que affirma a existencia de uma obra com esse titulo, feita por lord Byron, e, por outro lado, uma carta d'elle, que nega o facto terminantemente, e até pede um desmentido não menos formal que o annuncio.

Em segundo logar, vamos já ver que este assumpto se prende com a vida de lord Byron desde 1816, quando elle estava em Londres, em vespera de separar-se judicialmente de sua mulher, até 1819, em que vivia em Veneza ao sabor nauseabundo de paixões ignobeis.

Caminhemos, pois, de vagar e por partes, segundo a ordem dos acontecimentos.

Remontando a 1816, lord Byron, em fevereiro d'esse anno, foi procurado por uma

vres. Bem se pode dizer, pois, que, a não ser pelo sangue, eram em tudo irmãs!

Não se sabe ao certo se lord Byron pensou que a Jane Clermont faltavam os predicados necessarios para seguir com vantagem a carreira do theatro, ou se de si para consigo entendeu que era muito melhor fazer d'ella sua amante. O certo é que a linda Jane, esse fresco botão de rosa, cedeu á irresistivel tentação do poeta lhe aspirar o perfume, e se inebriar com os seus encantos.

Abro aqui um parenthesis para observar, em homenagem á verdade, que a esta Jane Clermont é mister dar outro nome, que foi o que ella escolheu para si, e pelo qual é conhecida na volumosa e agitada biographia de Byron.

Jane, em nossa linguagem Joanna, principiou por eliminar de todo este nome, quiçá

por lhe parecer bastante prosaico. E, submettendo á analyse o seu appellido Claremont, Clairmont e Charlemont, decompô-lo em duas partes — *clair* e *mont*. Supprimindo a ultima, mudou a primeira em *CLAIRE*, e por este optou, ficando para sempre Claire, modificação de Clare, que em portuguez é Clara.

Cerrando o parenthesis, lembrarei apenas ao leitor attento as graves perturbações que pouco antes tinham sobrevindo no pouco afortunado lar de lord Byron, e deram causa a que sua esposa formasse o proposito inabalavel de conseguir a separação do homem illustre, a quem ingenuamente amara. E, sendo desnecessario insistir n'este ponto, por de mais sabido, baste dizer que lord Byron, mal visto por esse facto de toda a sociedade e até do povo inglez, se viu exposto a gravissimos insultos e até forçado a sahir immediatamente de Inglaterra.

Por esse tempo, isto é, na primavera de 1816, a irmã de Clara, apaixonada por Shelley, outro grande poeta, tambem separado da mulher, tinha já um filho d'elle, e com elle vivia maritalmente.

Shelley tinha resolvido fazer uma viagem á Suissa, e suppõe-se com fundamento que Clara combinou acompanhar a irmã, para depois se encontrar com Byron na Suissa.

Fosse como fosse, aos 25 de abril de 1816, lord Byron partiu de Dover para Ostende, onde aportou na noite do dia seguinte. D'ahi passou a Bruxellas, e, tendo atravessado a Flandres, seguiu pela estrada do Rheno para a Suissa. Levava comsigo três creados, Fletcher, Rushton, um suiso chamado Berger, e um joven medico, Polidori, de nome e parentesco italianos, que teve, como veremos, ingerencia no caso do autographo de lord Byron, de que aqui tratamos. E observa um dos seus biographos que o leitor o pode seguir n'essa viagem, abrindo o canto III do *Childe Harold*.

No fim de maio havia já oito dias que Shelley com as suas companheiras, Maria e Clara, e o filhinho de um anno das suas relações com aquella, estavam no hotel Sécheron, nos suburbios de Genebra, quando a carruagem de Byron entrou no pateo da hospedaria, onde causou grande alvoroço a sua chegada, e ainda mais a intimidade que para logo os hospedes notaram entre elle, Shelley e mais familia. De todos foi sabido que Maria não era casada com Shelley, e

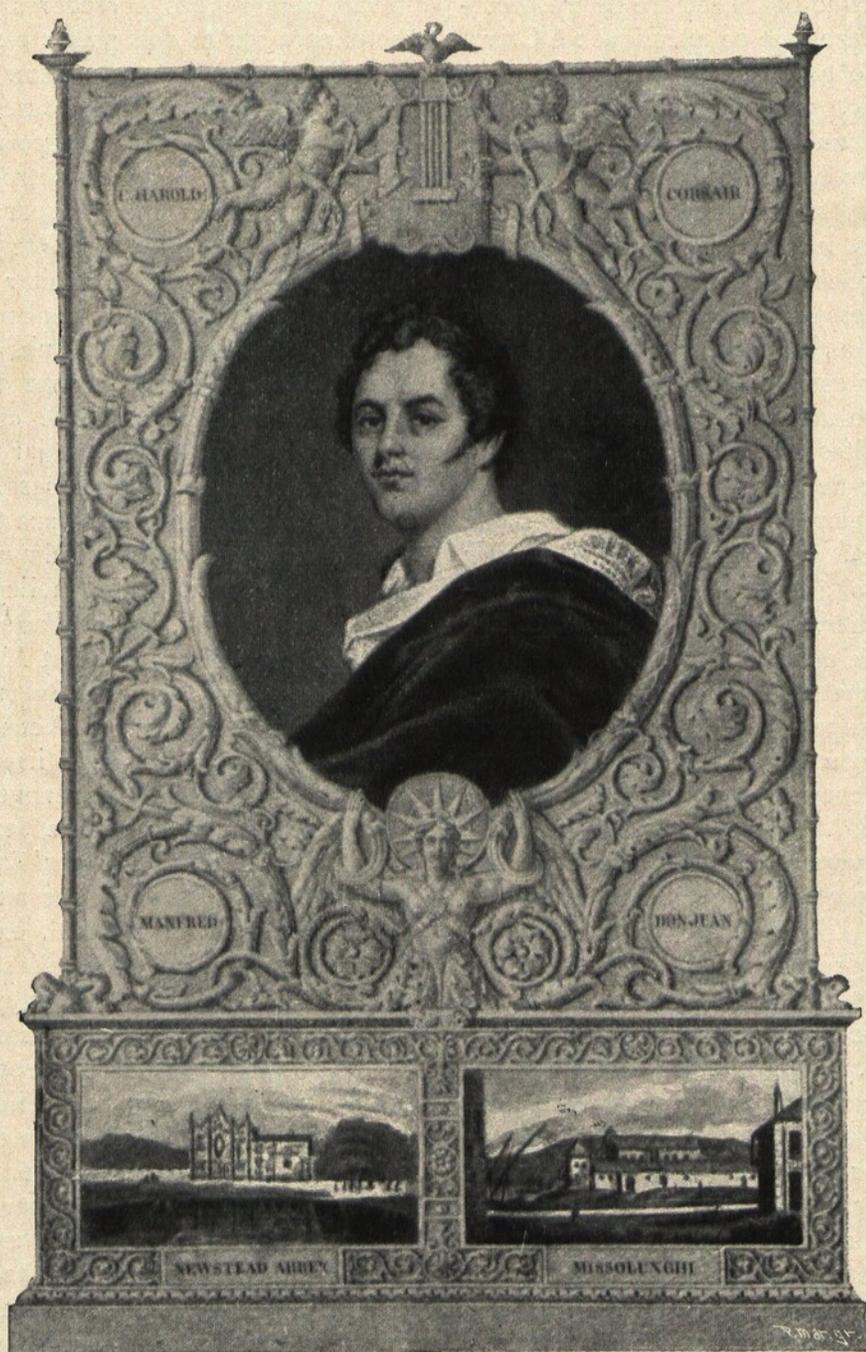
que sua irmã, a formosa Clara, substituiu agradavelmente a falta da legitima mulher de Byron. E tão vexatoria se tornou a persistente curiosidade dos commensaes de Sécheron, viajantes inglezes e outros, que se juntavam sempre nos corredores e á porta do hotel para ver os dois poetas e o seu sequito, quando saham de carruagem, ou, ainda ao ar livre, quando, ao lusco fusco ou já noite fechada, desembarcavam depois de andarem no lago, que não houve outro remedio senão elies sahirem do hotel para umas casas na margem, do lado do Monte Branco. Lord Byron e Polidori foram habitar a Villa Belle Rive, e Shelley mais as senhoras uma casa pequena distante da outra uns dez minutos. Nem ahi os deixaram em paz os importunos hospedes de Sécheron, que os perseguiram com oculos assestados aos jardins e ao caminho de uma para outra casa. De maneira que, para estarem mais á sua vontade, lord Byron teve que mudar ainda uma vez para a Villa Deodati, e os Shelleys para uma casa situada por baixo d'aquella, Maison Chapuis ou Campagne Mont Alègre. No entanto, em Genebra, circulavam os mais escandalosos boatos sobre a convivencia dos dois poetas com as duas irmãs, nenhuma das quaes tinha ainda dezenove annos.

«Quando a chuva — diz Jeaffreson, auctor da bella obra *The real lord Byron* — os tinha presos em casa por muitos dias, os inquilinos da Villa Deodati, excitados pela leitura de phantasticas novellas allemãs, entretinham-se a compôr contos que ultrapassassem em mysterio e terror as obras dos auctores germanicos. — Publicaremos os nossos juntos, senhora D. Maria Shelley! — exclamava lord Byron, que fez um esboceto intitulado *O Vampiro*, que não era mais que a idéa ou indicação de uma narrativa atterradoradora.» E, tendo Polidori aproveitado o pensamento de Byron para fazer o seu romance, *O Vampiro*, ahi se deve ir buscar a origem primitiva do annuncio do periodico, ao qual Byron pedia um desmentido.

Isso, porém, succedia na Suissa em 1816, e a carta de lord Byron é escripta de Veneza em 27 de abril de 1819. Que acontecimentos occorreram no intervallo d'esses três annos entre os actores d'este drama! Vamos resumi-los, no interesse do leitor, que estimará dar um nó em factos que, á primeira vista, podem parecer desconnexos.

A romantica existencia que lord Byron levou com Clara na Suissa nem sempre decorreu suavemente. Algumas vezes lhe mordiam o coração pungentes amarguras, occa-

isto — a recordação de amargura, e mais especialmente de recente e maior consternação domestica, que deve acompanhar-me durante a vida, tem-me affligido aqui; e



FRONTISPICIO DO VOLUME «THE WORKS OF LORD BYRON»

Edição de A. and W. Galignani, Paris, 1831, onde se achava collada a carta do grande poeta inglez

sionadas da recusa persistente de sua mulher em tornar a unir-se a elle. São d'isso eloquente testemunho estas palavras traduzidas do seu *Diario*: «... mas em tudo

nem a cantilena do pastor, o estrondo da avalanche, a torrente, a montanha, a geleira, a floresta, a nuvem, alliviaram por um momento o peso que tenho sobre o coração,

nem me permittiram confundir a minha desventurada identidade na magestade, o poder, a belleza, que ha em torno de mim, acima e abaixo.» Essa passageira quadra acabou aos 29 de agosto do mesmo anno 1816, dia em que Shelley partiu para Inglaterra com a familia toda, isto é, Maria, seu filho, e tambem Clara, grávida de cinco mezes.

Pobre Clara! era uma pagina volvida da existencia do poeta.

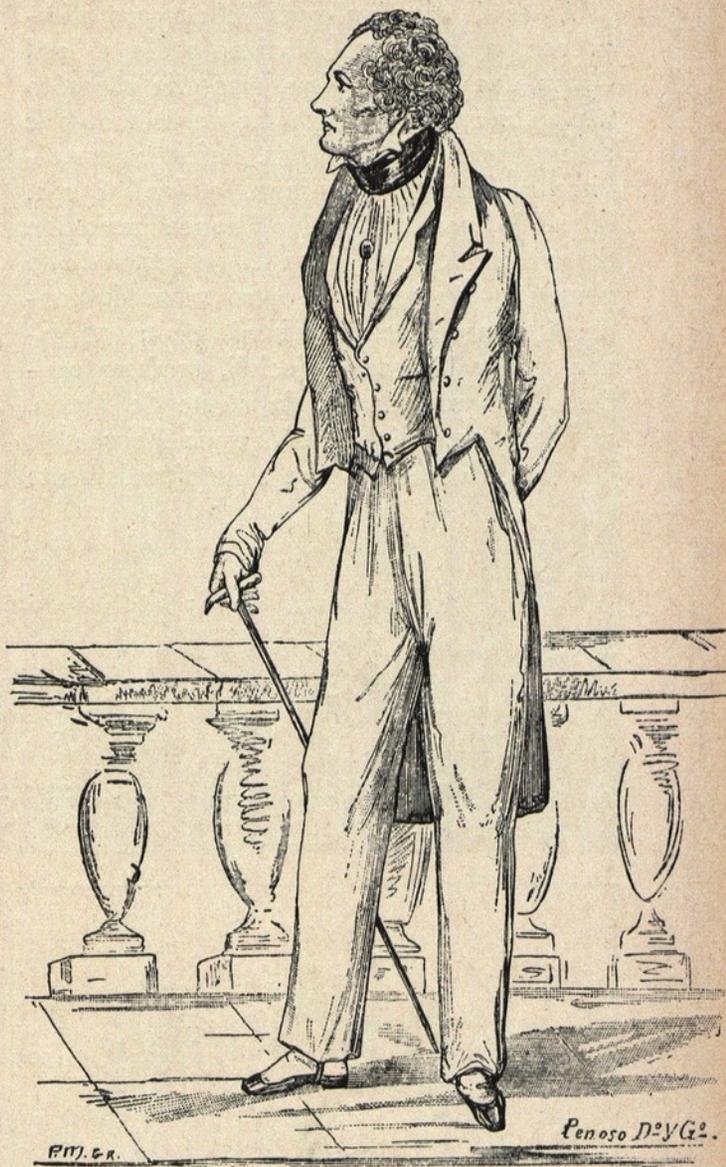
\*  
\*  
\*

Ficou satisfeita a curiosidade, mas ainda não está dito tudo.

Temos de nos transportar á magnifica cidade de Veneza, em 1819, e de collocar a figura de lord Byron — typo genuinamente britannico — n'essa moldura feiticeira e original da antiga rainha dos mares. Cumpre-nos repô-lo n'esse meio historico, artistico, galanteador e depravado, que uma legião de poetas e pintores tanto celebraram com o seu genio. Precisamos de o contemplar aqui como elle era em Veneza no anno de 1819.

Havia então em Veneza dois palacios muito concorridos á noite por pessoas da primeira sociedade — dois salons, como dizem os francezes, o da condessa Albrizzi e o da condessa Benzoni, que eram, já se vê, rivaes. Byron concorreu primeiro ao da condessa Albrizzi, denominada a Staël de Veneza, senhora dotada de grande instrucção, maneiras singelas, e attenciosa com os estrangeiros, que compoz uma obra intitulada *Retratos* de pessoas celebres, e n'ella traçou com fervoroso entusiasmo o de lord Byron, que é como se segue:

«Não vale a pena insistir na mera belleza de um semblante em que era tão notavel a expressão de uma intelligencia extraordinaria. Que serenidade pousava na fronte adornada de finos cabellos de tom louro-escuro, leves, anelados e com tal arte dispostos que a arte se occultava na mais aprazivel natureza! Que variada expressão nos olhos, da côr azul do céu, donde pareciam derivar a sua origem! No feitio, na côr, na transparencia, os dentes semelhavam perolas, e as faces tinham o delicado colorido da rosa pallida. As mãos eram tão bellas como se ossem uma obra de arte.»



*Byron*

RETRATO DE LORD BYRON AOS 35 ANOS (1)

(1) Este retrato foi offerecido ao auctor do presente artigo por Camillo Castello Branco, e publicado na sua traducção da *Peregrinação de Childe Harold* (Ed. Livraria Ferreira, 1881) com a seguinte carta.

... Sr.

Offereço a v. um rarissimo retrato de Byron. Quasi toda a gente conhece o retrato de Byron rapaz; mas raro haverá quem entre nós tenha exclamado o *quantum mutatus ab illo*, confrontando o juvenil auctor da *charge* aos poetas inglezes e escossezes com o desvairado que deixava as gondolas do Adriatico para ir romper o seu aneurysma n'um pobre catre em Missolonghi. Pode ser que em um jornal illustrado esse retrato, acompanhado de algumas linhas de v., seja bem aceite. Offereço-lh'o com muita satisfação.

De v. etc.

Antes de mandar essas linhas para a imprensa, a condessa Albrizzi pediu a lord Byron que as corrigisse, mas elle não só o não quiz fazer, mas até lhe aconselhou que as entregasse ás chammas. Rejeitou esse alvitre a talentosa italiana, e lord Byron, offendido por tal motivo, nunca mais lhe appareceu, e com grande desgosto d'ella passou a frequentar o outro *salon* da condessa Benzoni, onde veiu depois a apaixonar-se por Tereza Guiccioli, tambem condessa, a qual, depois da morte de Byron, mandava estas linhas a Thomaz Moore:

«O seu aspecto nobre e requintadamente

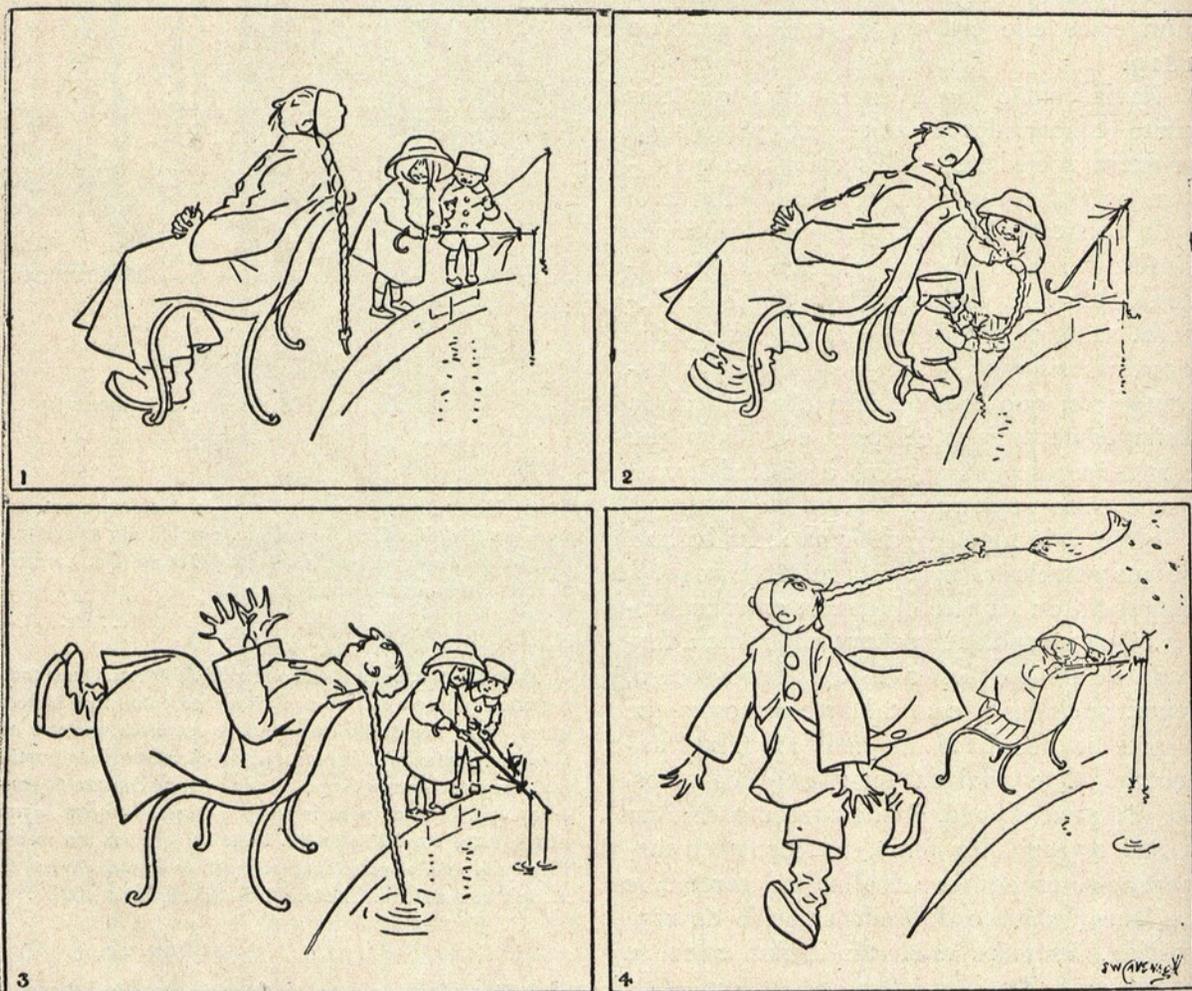
bello, o som da sua voz, as suas maneiras, os mil encantos que o cercavam, faziam d'elle um ser tão differente e tão superior que era impossivel que não produzisse em mim a mais profunda impressão. A contar d'essa noite, e durante toda a minha estada em Veneza, encontravamo-nos todas as noites.»

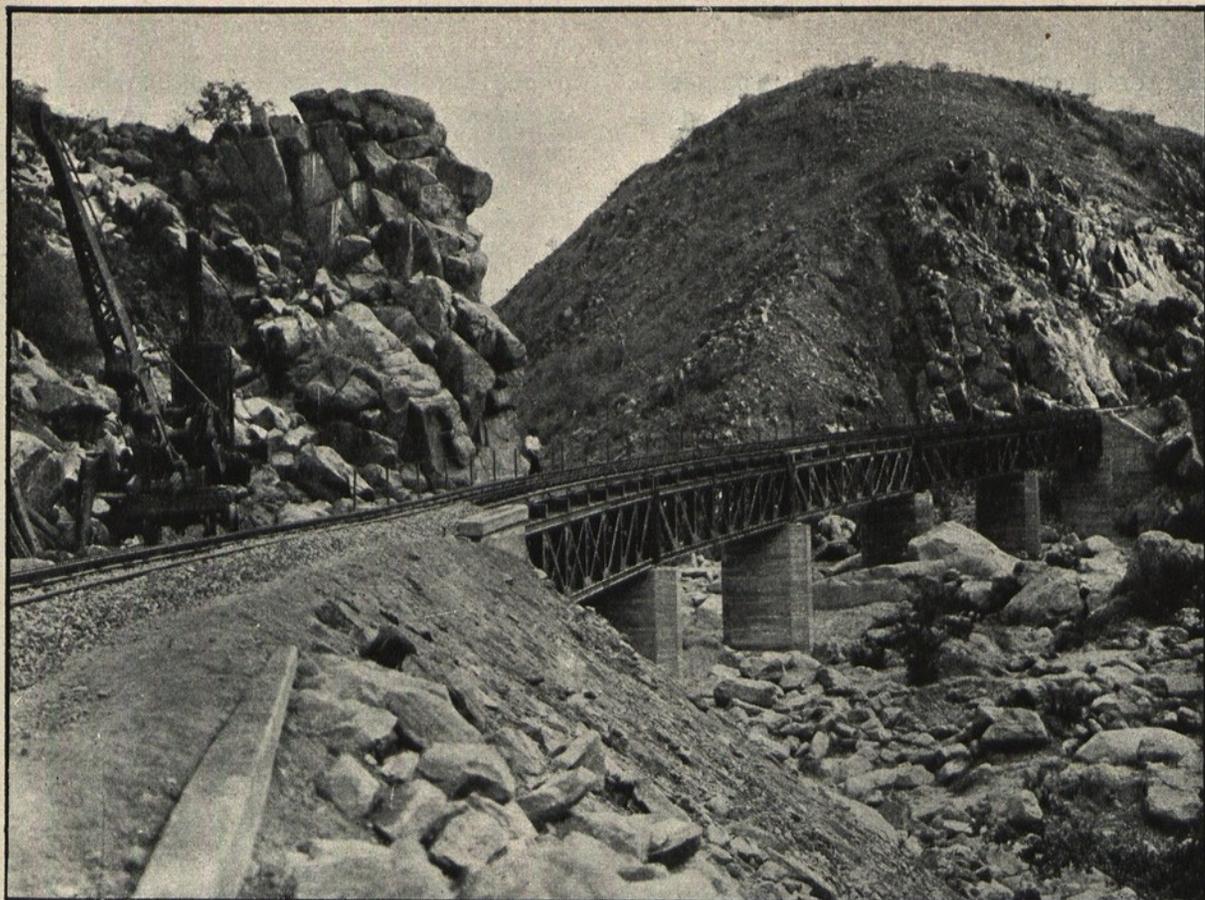
Lord Byron viu pela primeira vez a condessa Guiccioli nas recepções da Albrizzi, em 1818, mas só lhe foi apresentado nas salas da Benzoni no mesmo mez em que escreveu a carta, que é objecto d'este estudo, isto é, em abril de 1819.

ALBERTO TELLES.

NOTA. — O original da carta tem no papel 0,22×0,26, e a linha completa da escriptura 0,19.

## Como se utiliza um rabicho





VIADUCTO NO LENGUE

# Para o paiz do cobre

## O caminho de ferro do Lobito e a redempção de Angola

(Conclusão)

*Do Lobito á Katanga. O terminus da linha portugueza entroncará numa linha que leva ao paiz das minas. Do Lobito á Beira em quatro dias. O maior emporio commercial do sul africano.*

Para que ao caminho de ferro do Lobito affluisse todo o trafego mercantil das minas, faltava apenas a ligação do terminus leste da linha com a região da Katanga.

O governo do Estado do Congo, que ao começo mostrára uma certa relutancia em conceder esse entroncamento, deu ultimamente o seu consentimento.

Por outro lado organizou-se uma socie-

dade anonyma, belga, para a construcção no Estado Livre do Congo de uma linha que, partindo do terminus do caminho de ferro de Benguella na fronteira, proximo do paralelo 11.º de latitude sul, seguirá até ao Ruwe, prolongando-se d'ahi até á fronteira da Rhodesia atravessando toda a região mineira da Katanga.

Esta linha terá a extensão total, aproximada, de 1:000 kilometros sendo 600 da fronteira d'Angola ao Ruwe e os 400 restantes d'este ponto á fronteira da Rhodesia, junto ao paralelo 12.º de latitude sul.

D'este ultimo ponto seguirá um ramal de perto de 320 kilometros de via ferrea

que entroncará em Brocken-Hill, na secção de transafricano Cabo-Cairo já em construcção.

Em dois annos, talvez, o precioso centro mineiro será pois servido pela rêde ferroviaria do sul e oeste africanos e assim em extraordinarias relações commerciaes com o mundo inteiro.

A construcção do caminho de ferro portuguez até ao extremo da provincia, por si só, será sufficiente para arrancar o com-

o consumo da região, como tambem, com pequeno esforço, dará para a exportação, substituindo assim o que hoje importamos de paizes estrangeiros e supprindo o deficit cerealifero da metropole.

A ligação do terminus da linha com a Katinga completará o incremento commercial da provincia transportando ao Lobito o cobre, a prata e o ouro d'essa região privilegiada.

O porto do Lobito, por muito tempo olvidado, tem extraordinarias condições para o



PESSOAL EUROPEU DA CONSTRUÇÃO

mercio angolense á modorra em que se afunda, permittindo a exploração intensiva da borracha, de tão rendosos proventos, cujo commercio baixou de 1890 a 1900 a bagatella de 2:200 contos!

Com a borracha resurgirão tantos outros productos: a canna, o café, o cacau, o algodão que, postos a preços reduzidos no littoral, permittirão aos nossos productores lutar nos mercados europeus com os commerciantes belgas, inglezes e allemães.

O caminho de ferro permittirá tambem cultivar lucrativamente no planalto d'Angola o milho e o trigo, cuja cultura em terrenos fertilissimos não só bastará para

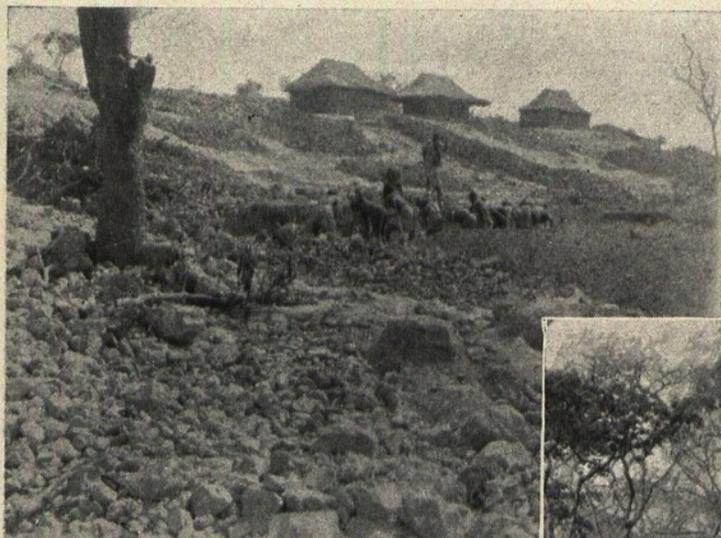
trafego mercantil: é extenso, profundo, perfeitamente seguro e de facil accesso em todas as marés, permittindo a acostagem de vapores da maior tonelagem pela ponte-caes já construida.

Incontestavelmente superior aos seus congêneres do cabo da Boa Esperança, Lourenço Marques e Beira, o Lobito surgirá num futuro muito proximo como o maior emporio sul africano, uma immensa cidade commercial, de edificios magestosos, refervilhando de negociantes das mais estranhas nacionalidades nas suas arterias macdamisadas, desde o inglez pratico e singelo ao judeu especulador e argentario.

Antes da construcção da linha de Benguella, dizia ha pouco numa conferencia o

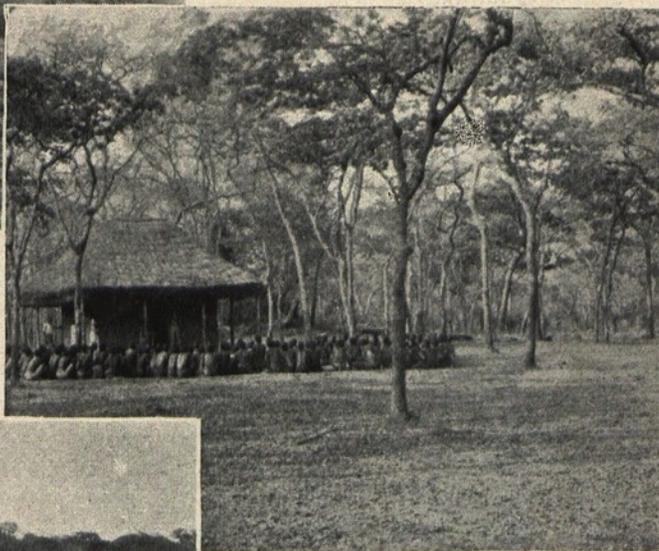
ques aufero o seu rendimento, mas sim da importação de madeiras, ferramentas e outros materiaes necessarios á exploração das minas.

**Na Katanga**



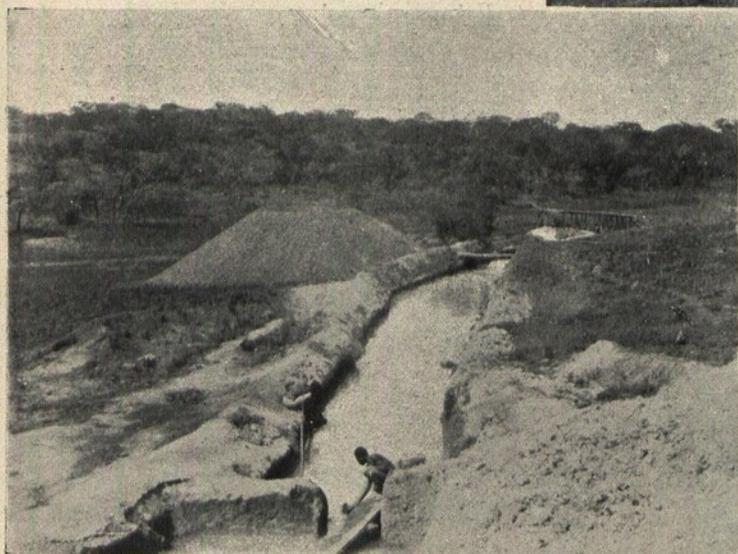
EXTRACÇÃO DE OIRO NA MINA DE RUWE

distincto colonialista Augusto Leão, tudo corria para o Transvaal; a



DISTRIBUIÇÃO DE RAÇÕES

sufficiente para abastecer o mercado mundial durante 280 an-



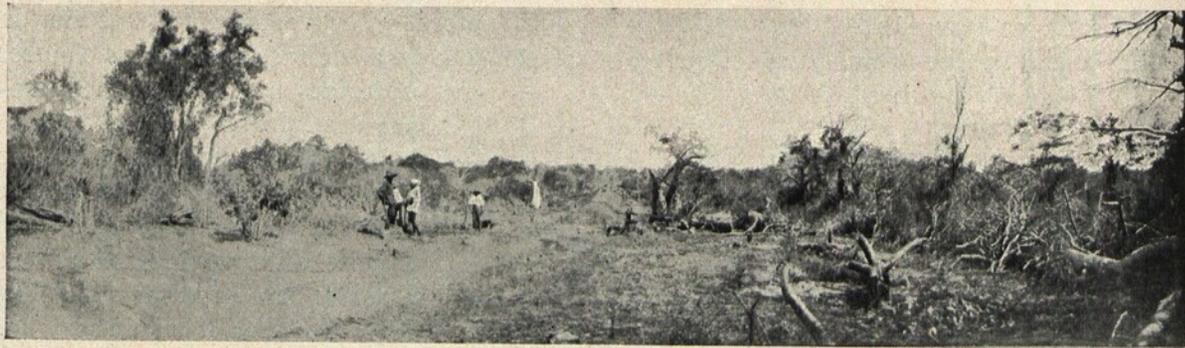
LAVAGEM DO OIRO

Katanga vale porém mais do que o Transvaal, porque o Transvaal é o ouro e a Katanga é o cobre.

Ora para o transporte do ouro um wagon basta para transportar uma fortuna; por isso não é directamente da exportação das minas do Transvaal que o caminho de ferro de Lourenço Mar-



ENTRADA DE MANTIMENTOS



COOLIES TRABALHANDO NO KILOMETRO 140

nos, extrahindo, em média, mil toneladas por dia sem interrupção!

E toda esta immensa riqueza transitará para o Lobito pela via ferrea atravez da Angola.

Comquanto nos primeiros annos, antes de terminada a linha, o serviço dos centros mineiros da Katanga e Kansanshi se faça pela Beira via Bulawayo, de preferencia ao Cabo — uma vez que de Bulawayo á capital da Africa do sul o percurso é de 2:160 kilometros e a distancia de Bulawayo á Beira são apenas 1:072 kilometros—póde affirmar-se que construido o caminho de ferro Lobito-Katanga e á medida que o transcontinental Cabo-Cairo fôr avançando, á medida que as regiões por elle atravessadas se forem fertilizando agricola e industrialmente, diverso será, por certo, o caminho que os productos hão de seguir porque tambem muito diversos são os direitos a tutelar.

Demais, sendo esta a via *rapida e mais economica* não resultará gratuita a affirmação que fazemos.

E assim: a distancia da região mineira da Katanga desde a fronteira Congo-Rhodesia ao Lobito será:

	Kilom.
Da fronteira da Rhodesia ao Ruwe	400
Do Ruwe á fronteira d'Angola . . .	600
D'esta fronteira ao Lobito . . . . .	1:200
Total . . . . .	2:200

A distancia de mesma região á Beira será:

	Kilom.
Da fronteira Congo-Rhodesia a Brocken-Hill . . . . .	320
De Brocken-Hill a Bulawayo . . . .	1:118
De Bulawayo a Salisbury . . . . .	480
De Salisbury á Beira . . . . .	592
Total . . . . .	2:510

A distancia d'essa região ao Cabo da Bóia-Esperança será:

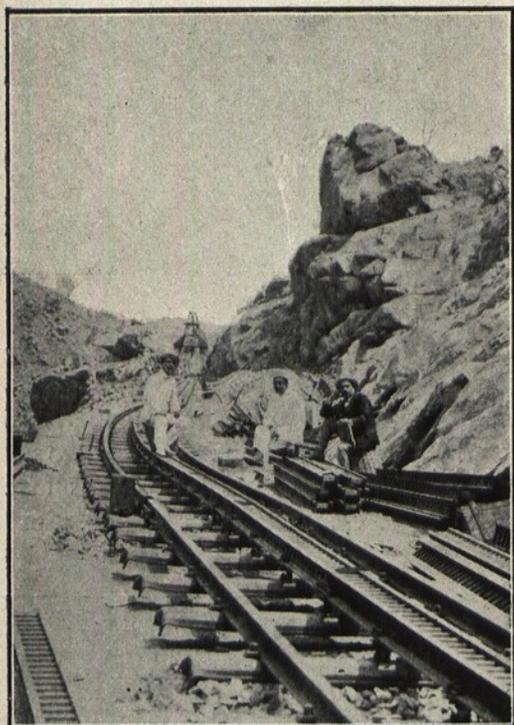
	Kilom.
Da fronteira Congo-Rhodesia a Brocken-Hill . . . . .	320
De Brocken-Hill a Bulawayo . . . .	1:118
De Bulawayo a Cape Town . . . . .	2:160
Total . . . . .	3:598

Convem notar, que nas indicações apontadas incluimos em relação ao Lobito a totalidade de percurso de 1:000 kilometros



COOLIES TRABALHANDO NO KILOMETRO 142

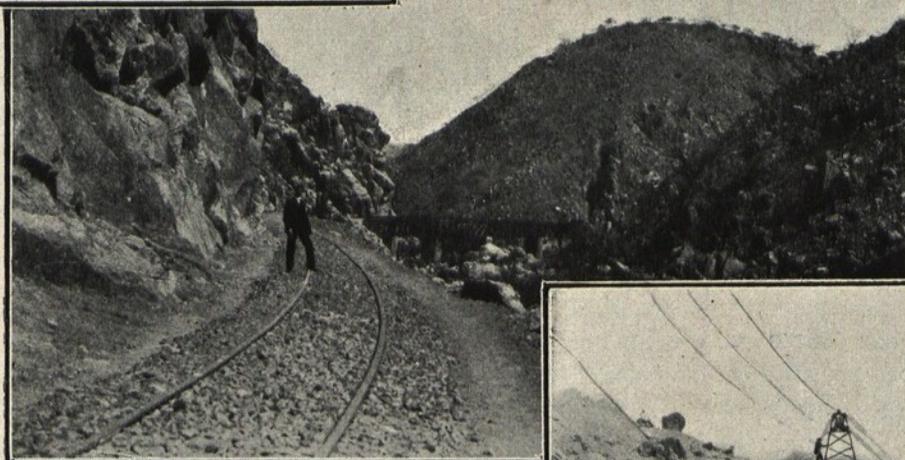
LANÇO EM CREMALHEIRA NO LENGUE



a diferença de percurso marítimo entre o Lobito e os portos da Europa, immensamente menor que a de qualquer dos portos da Africa occidental. E assim a distancia de Southampton, por exemplo é respectivamente:

	Milhas
A Cape Town .....	6:350
A Lourenço Marques (pelo Cabo)...	7:400
A' Beira (pelo Cabo).....	7:900
Ao Lobito.....	4:900

A construcção do ramal de Brocken-Hill, que pode ser terminada em poucos annos é necessaria para o transporte de material a empregar na construcção da linha da fronteira da Rhodésia á fronteira d'Angola. Por essa fórma se poderá conseguir que esta ultima linha esteja con-

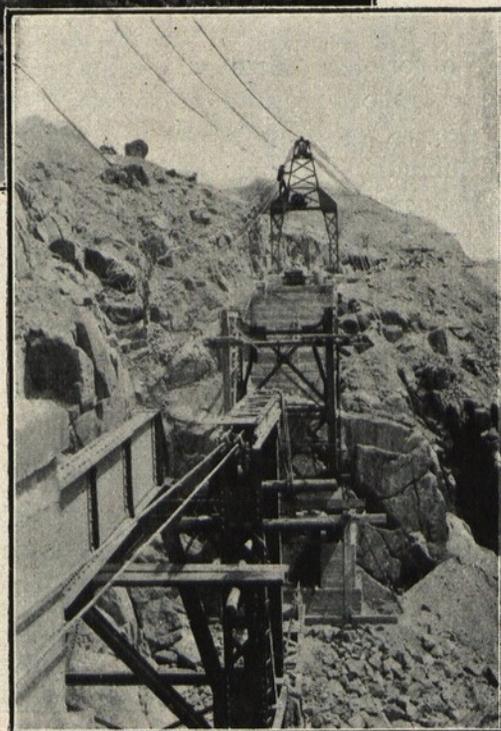


UM ASPECTO DA VIA

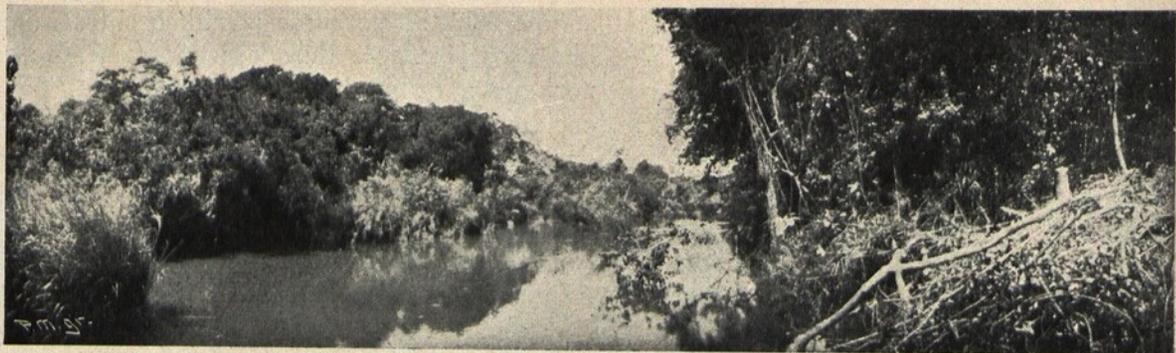
no Congo, como se todas as minas da Katanga estivessem situadas junto da fronteira rhodesiana, e que em relação á Beira e ao Cabo se não comprehendeu percurso algum no territorio do Congo.

Ora sendo certo que muitas das minas da Katanga estão situadas a grande distancia d'essa fronteira, o percurso no territorio congolez para as expedições via Lobito será, na maioria dos casos, muito inferior ao que acima indicámos e correspondentemente será bastante maior para as expedições via Beira e via Cabo.

A' diferença de percurso terrestre em favor das expedições pela linha portugueza accresce



ABERTURA DE TRINCHEIRAS

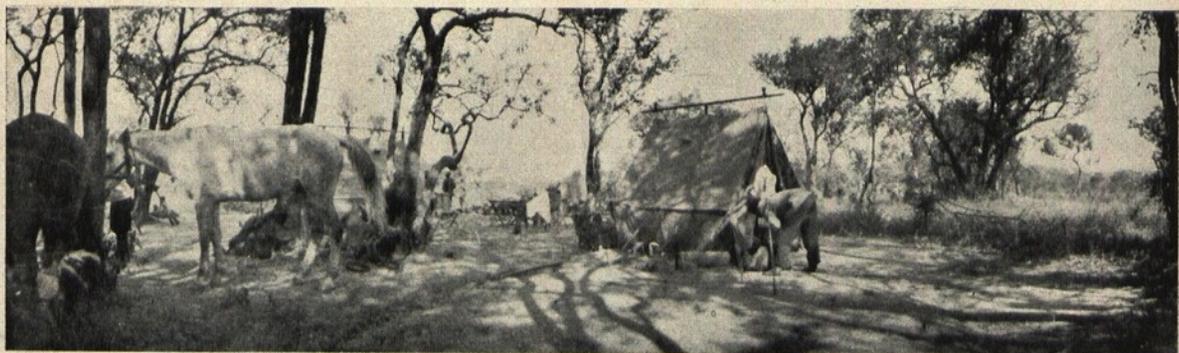


RIO GANDA KUBÁL (KILOMETRO 190)

cluida e prompta a ligar ao caminho de ferro de Benguella na data em que este chegar ao seu terminus.

Emquanto essa ligação se não ultimar, o trafego seguirá pelas linhas da Rhodesia

dividir-se-hão segundo os centros de produção, derivando por esta ou aquella via conforme as tarifas, a brevidade de transportes e as relações mais ou menos favoráveis com as companhias de exploração.



ACAMPAMENTO NO KILOMETRO 200

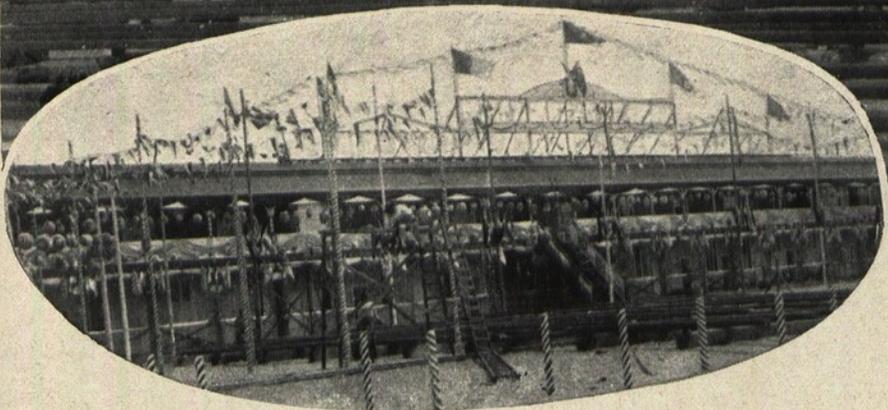
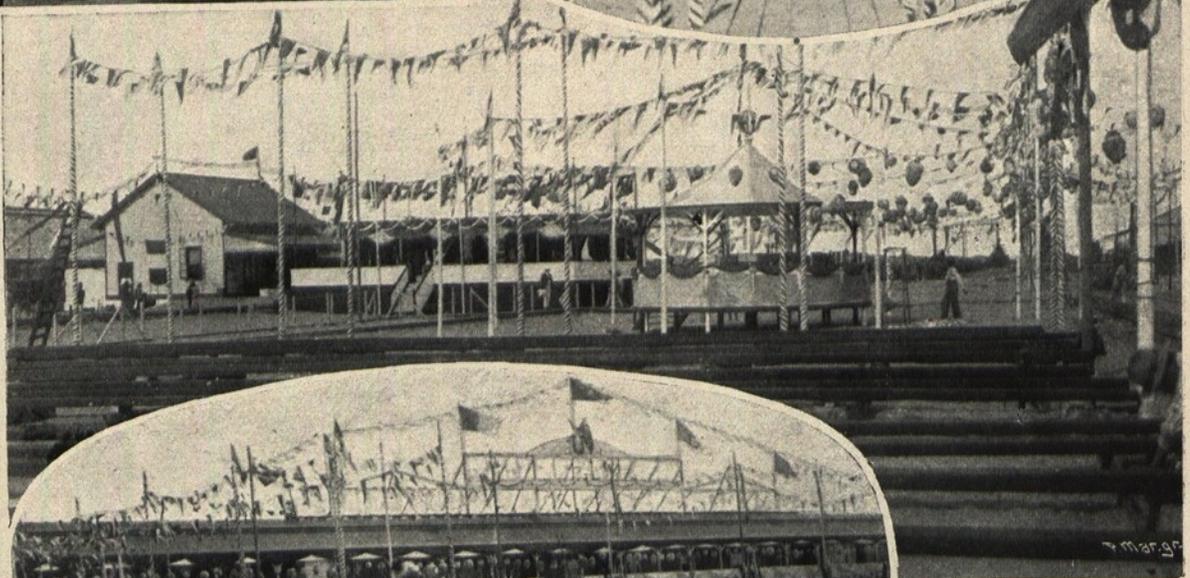
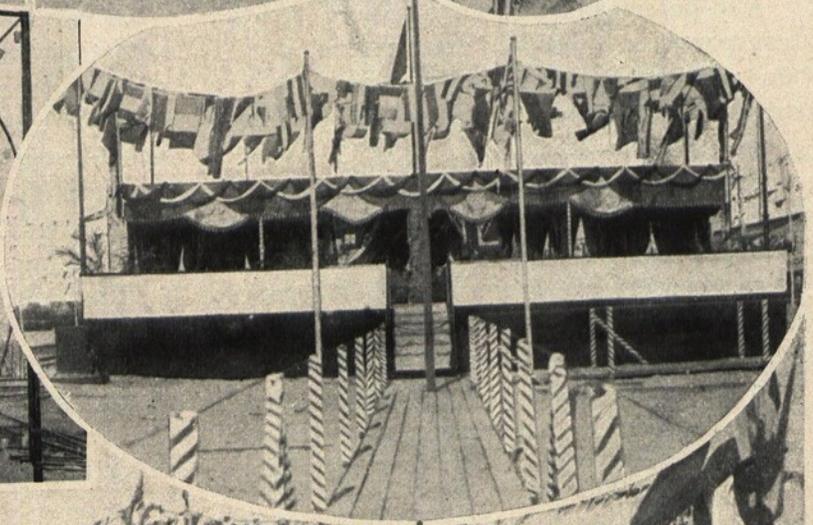
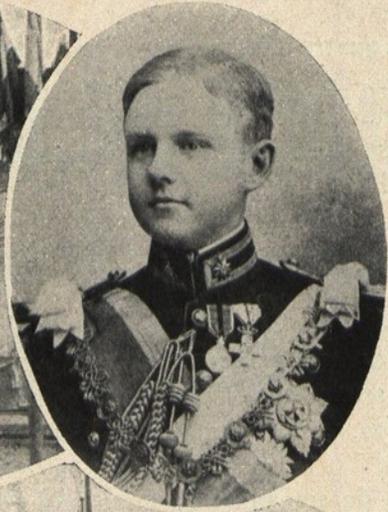
para o porto da Beira, provavelmente, visto que este fica quasi meio caminho de Bulawayo a Cape Town.

Concluido o caminho de ferro de Benguella, os productos mineiros seguirão a via Katanga-Lobito; os agricolas e industriaes

A isto acresce que logo que a linha Lobito-Katanga se una com a linha Bulawayo-Beira e assim o porto de Lobito na costa occidental estiver ligado com o porto da Beira na costa oriental, será este transafricano o caminho, mais curto e mais rapido entre a



KRAAL INDIGENA KILOMETRO 290



O PRINCIPE REAL D. LUIZ FILIPPE — ASPECTOS DOS FESTEJOS POR OCCASIÃO DA SUA VISITA AO LOBITO

Europa e a America para a Africa Central, e Oriental.

Em quatro dias se transporá o continente africano de extremo a extremo, evitando as tempestades do Cabo ou as elevadas temperaturas d'uma incommoda viagem pelo mar Vermelho.

\*  
\*  
\*

*Uma viagem que passou á historia. O infortunado principe real visita o Lobito em setembro ultimo. Manifestações de regosijo. Uma illuminação feerica.*

A 5 de setembro do anno findo o *Africa*, transportando a bordo o principe real, o então ministro da marinha, a comitiva e os dignitarios de serviço, lançava ferro em Benguella, pela tarde.

No dia immediato o principe visitava o caminho de ferro do Lobito, acompanhado pelo governador da provincia, Paiva Couceiro, conselheiro Joaquim José Machado, administrador delegado da *Companhia do caminho de ferro de Benguella* e pelas pessoas de representação do districto.

No regresso da excursão, a população de Benguella e o pessoal da companhia aco-

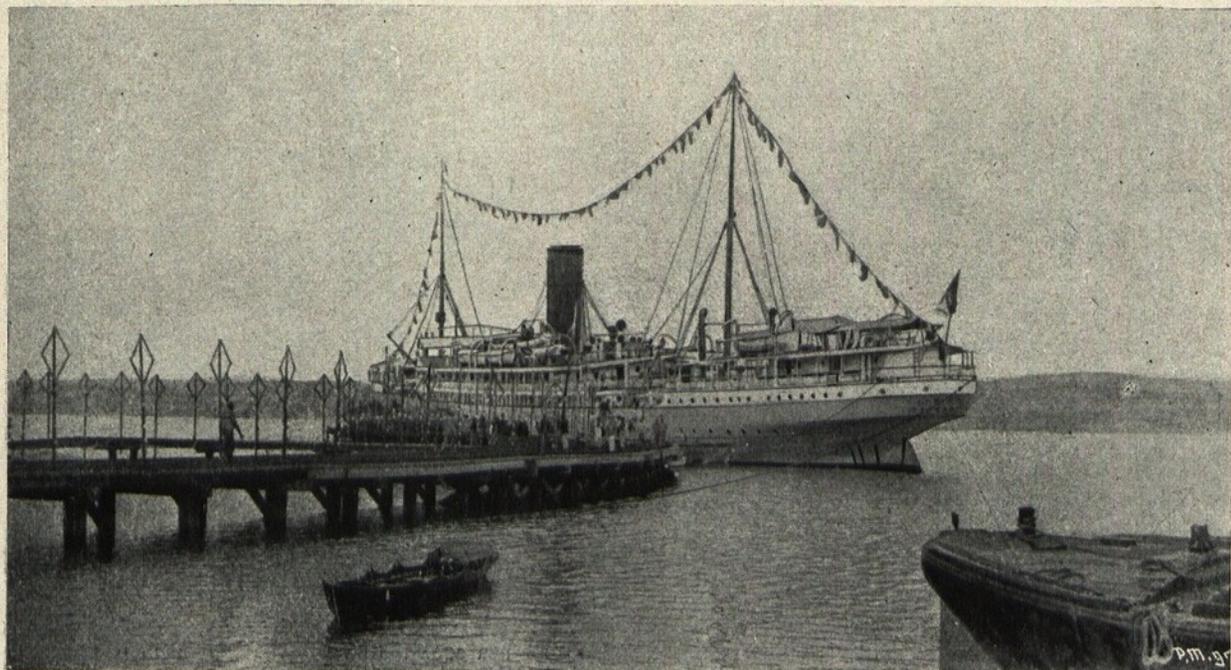
lheram com manifestação carinhosa o moço principe.

Ao jantar, servido num pavilhão expressamente construido para esse fim, levantaram-se entusiasticos brindes ás prosperidades da provincia d'Angola e ás da grande empreza ferro-viaria, demonstrando o sr. coronel Machado o alcance e o futuro esperançoso do caminho de ferro, d'onde proviriam incontesteis beneficios ao commercio angolense.

Pela noite, terminado o jantar, todo o Lobito tremeluzia de muitos milhares de balões, recortando as linhas singelas dos edificios, alongando-se por caprichosos arcos até á ponte-caes, debruando as margens da bahia d'um sem numero de lumes variegados, que reflectidos nas aguas serenas do porto davam a impressão d'uma tenue poeira luminosa que tivessem espalhado por todo aquelle recinto, recordando por um momento um cantinho do Minho em noite de festa, na patria querida, a tantas milhas de distancia!...

.....  
E mal diria o principe real ao deixar Lisboa pelos calores de julho, entre as despedidas affectuosas dos seus, encetando commodamente uma viagem ás colonias d' Africa, que era a *ultima* vez que descia o rio ao sabor brando da corrente...

ANTONIO DE SOUSA MADEIRA PINTO.



O «AFRICA» CONDUZINDO O PRINCIPE REAL E SUA COMITIVA, ATRACADO Á PONTE-CAES DO LOBITO

# A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

## Parte II—O PAIZ

### PORTO



A estação em que a uva amadurece ao abrigo da amarellida folhagem do esbelto carvalho, ao qual se enredou a vide, quando o sol do outomno vem tingir de matizes purpurinos a crista das montanhas sobran-

ceiras ao remanso das torrentes, é então que a região do norte em Portugal veste as suas mais luzidas galas, e que aos olhos de quem viaja pelo Minho se lhe afigura estar vendo uma nesga do Paraizo que baixou á terra. Terra abençoada entre todas é a que permeia entre o Douro e o Minho, com as suas soberbas florestas vestindo as montanhas, a florescencia pujante da vegetação atapetando as planicies, entrecorridas de rios caudaes, povoadas por uma raça tão guapa quanto operosa; um paiz de remota civilização; baluarte outr'ora opposto ás invasões em toda a Peninsula dos cardumes da mourisma.

Nem se póde dizer que seja pobre em Arte, pois que esta medrou por aqui, austera e pesada, visto como o material predominante era o granito. N'essa conformidade, tanto as sés como

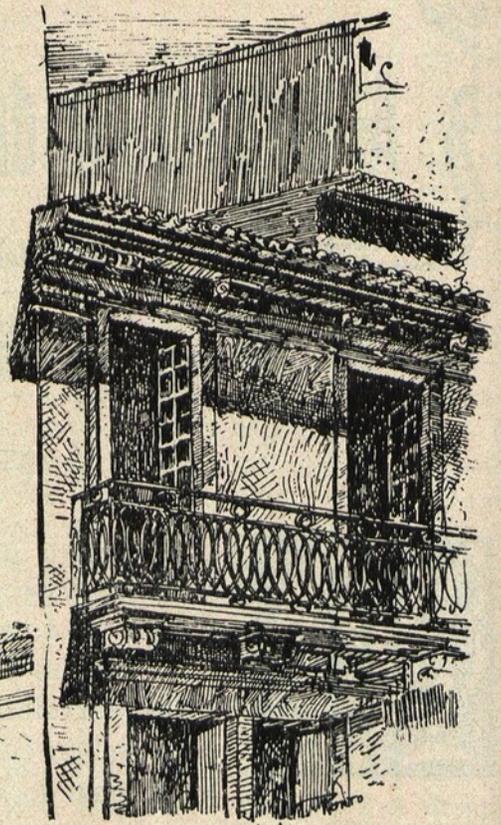


NO DOURO

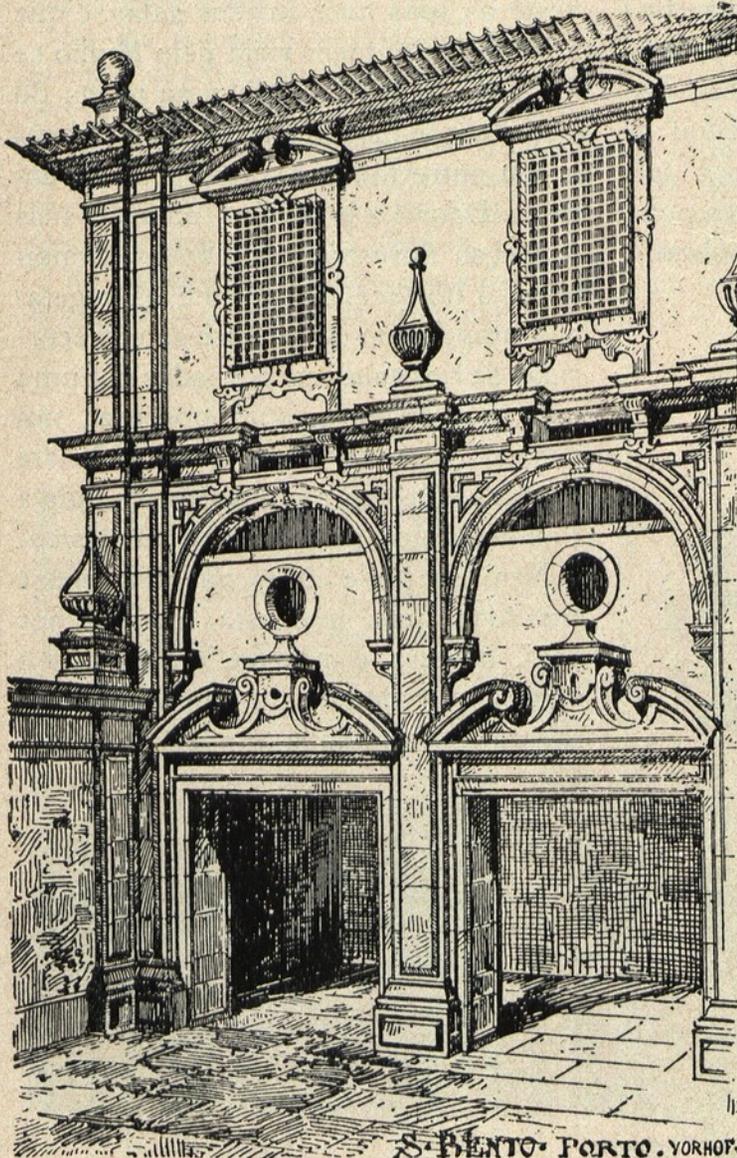
as igrejas das velhas cidades episcopaes são pequenas e, por assim dizer, informes; Porto, Braga, Guimarães, as cidades mais antigas da actual hegemonia portugueza, não podem ufanar-se de possuir basilicas imponentes, apenas os erçados castellos, as muralhas possantes narram a chronica d'esses dias primeiros das luctas renhidas da Monarchia.

\*  
\* \*

O Porto, capital do norte, conserva apenas escassas reliquias d'essas eras; a sua Sé, campando no ponto culminante da cidade,



DE UMA CASA DO PORTO



PATEO DE ENTRADA DO CONVENTO DE S. BENTO

oriunda do duodecimo ou decimo terceiro seculo, a pequena igreja de Cedofeita, a igreja de S. Francisco, a soberba corôa de muralhas cingindo-a da banda do nascente, eis quanto possui, digno de nota.

Pelo andar dos seculos veiu crescendo e subindo, sobranceira á margem do Douro, a nova e galharda cidade; o pesado estylo dos seculos xvii e xviii correspondendo melhor ao masço material.

Assim, pois, as nossas considerações não encontram aqui assumpto muito abundante.

Monumentos ecclésicos da Renascença poucos por

aqui se encontram e esses, de ordem inferior, por via de regra. Na tão singela igreja conventual de Santa Clara ainda se depara um portico ogival, de uma certa riqueza, ostentando formulas manuelinas sem demasiado valor, toscas, conforme o consentia o material.

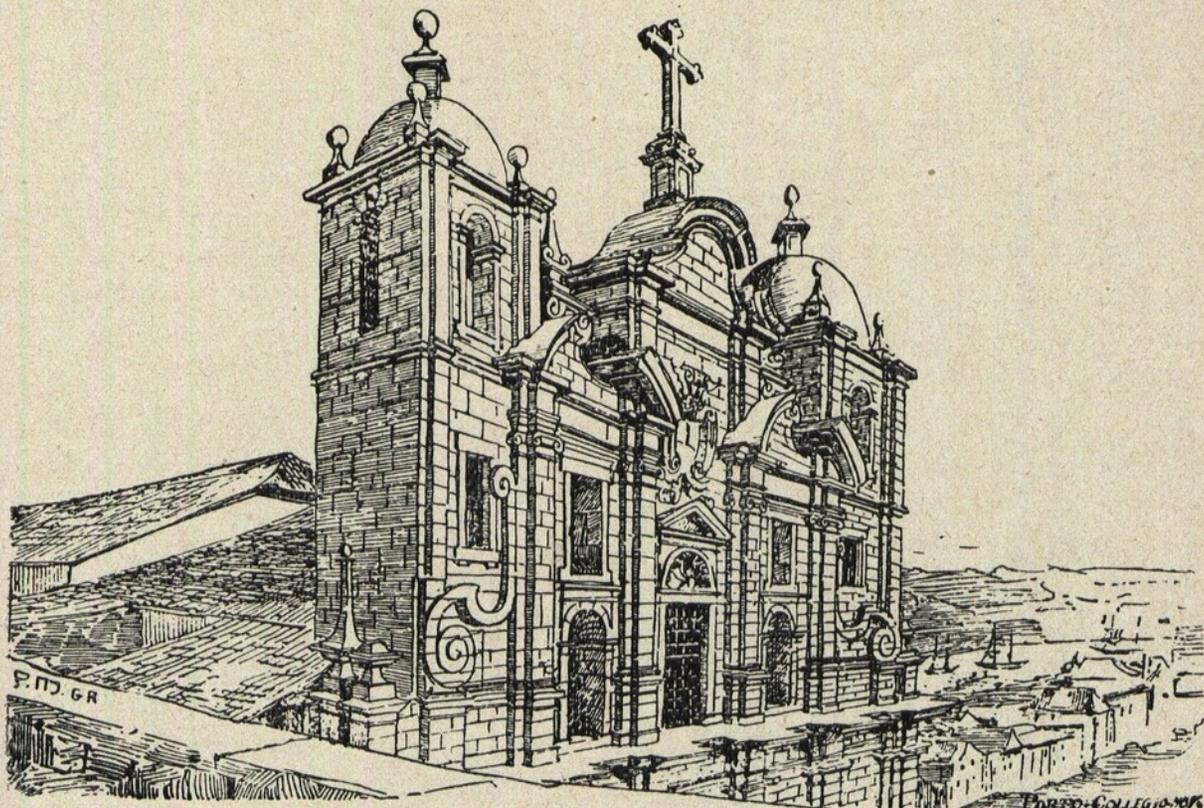
E não obstante, o formoso edificio do convento de freiras de S. Bento apresenta uma architectura valiosa a par do original. E' o habitaculo da comunidade, limitando os dois lados do adro, separado da rua por um muro. Das alas, uma tem dois andares, mais baixa do que o corpo principal, annexo, da sumptuosa igreja de estylo barrôco; é identica a sua architectura.

O modo como se acha tratada a architectura, com a sua profusão de cartellas apresilhadas, rotulos e escudetes apresenta um não sei quê de septentrional, insolito de todo no paiz. E não obstante, o granito aqui acha-se dominado, quanto possivel.

Um pouco mais para além, na praça principal do velho Porto depara-se-nos, no interior da igreja dos Congregados, a mesma singeleza do exterior. Os lanços de parede são vestidos de azulejos, meio, aliás, profusamente empregado no Porto para supprir a nudez da pesada architectura. A igreja é pois muito singela; de planta rectangular e com abobada de berço. A época da fundação quer de um quer de outro edificio não irá além dos principios de seculo xvii.

Em frente do lado occidental da Sé ergue-se uma capellinha do meado da regencia de D. João III, com um bonito e airoso portico arqueado, flanqueado de columnas nichadas; lá dentro encontra-se um altar, coévo, talvez, da era de 1570, de talha dourada, de boas e bem combinadas fórmãs, e singular finura.

Infundem-nos ainda um certo interesse varias igrejas da mesma época,



COLLEGIO NOVO NO PORTO

visto pertencerem áquelle grupo de obras especificamente portuguezas, que em Coimbra e Lisboa tão distinctas precursoras veiu a estabelecer. Torna-se isto mais obvio na igreja das Benedictinas, a qual, no alvorecer do seculo, conforme succedeu nas duas referidas cidades, aqui foi erigida pelo tanta vez citado Balthazar Alvares. Esta igreja seria sem duvida a maior e mais consideravel de quantas construiu o mesmo Alvares, a qualidade do material, porém, imprime ao frontipicio aspecto pesadão e alambazado, tal qual em Hespanha o granitico Escurial, ostentando identidade nas formulas decorativas.

Esta frontaria, com frontão, é pro-

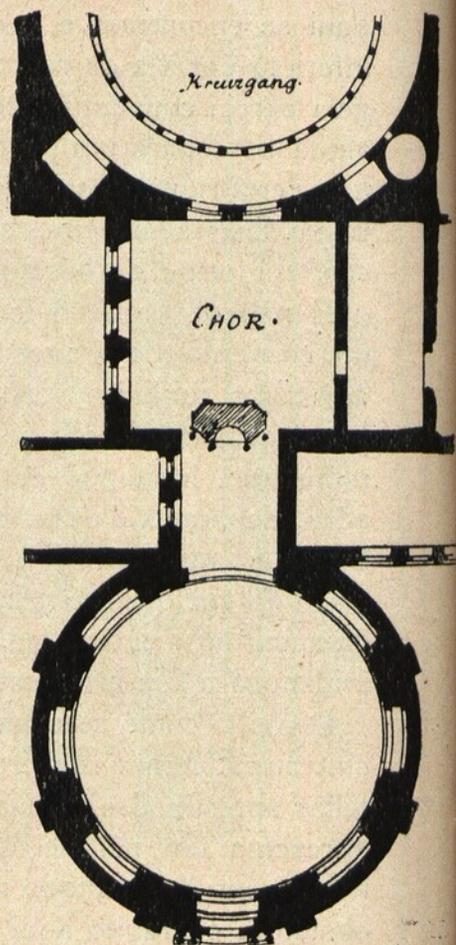
vida de três ordens de pilastras toscanas com uns nichos intercalados; o coroamento consiste em uma empêna lisa acarelada por severas molduras.

No piso-terreo abre-se uma columnata de três ar-cadas, com pilastras gemina-das.

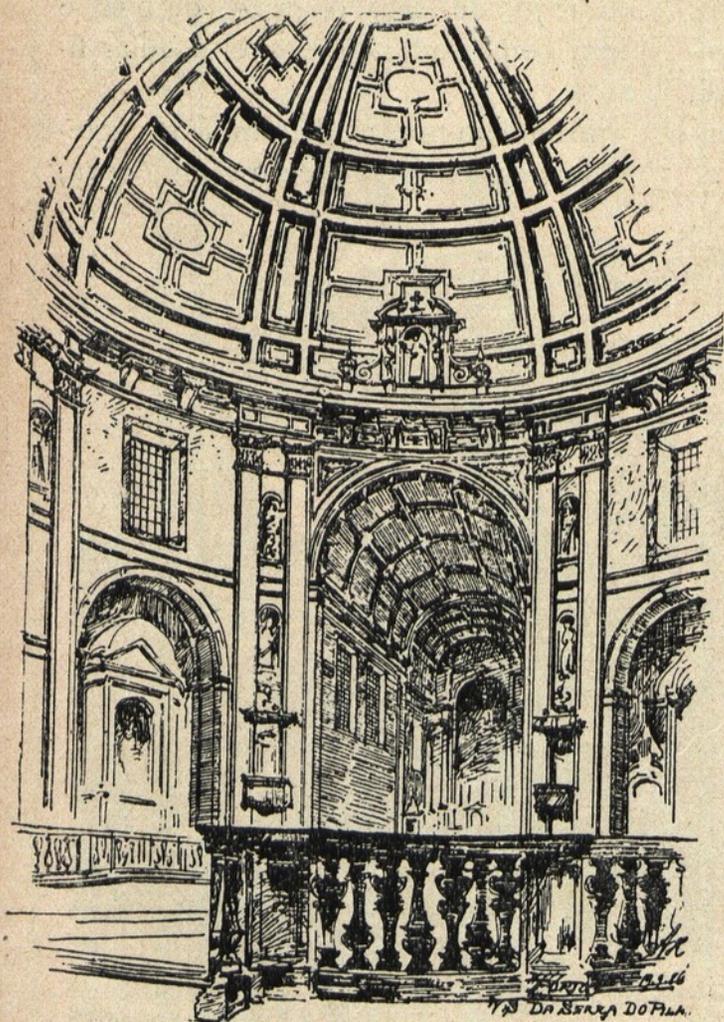
O interior, em forma de cruz, com a sua ponderosa abobada de caixotões assente sobre pesadas pilastras doricadas, corresponde ao da Sé nova de Coimbra, sem todavia ostentar cupula no cruzeiro, antes, porém, uma abobada de arestas um tanto frouxa.

Os possantes e amplos pormenores architectonicos recebem realce e complemento de uma esplendente decoração de talha dourada ornamental, e dos sumptuosos altares. Além d'isto, no côro occidental, tanto as paredes como as pilastras ostentam uma exuberancia de faixas ascendentes em relevo insculpidas em madeira.

Identico, tanto por fóra como por



PLANTA DE NOSSA SENHORA DA SERRA DO PILAR



INTERIOR DE NOSSA SENHORA DA SERRA DO PILAR

dentro, e da mesma época é o Collegio novo nas trazeiras da Sé, no esbarro do monte. A fachada é de construção manifestamente posterior, mas habilmente composta, comquanto pesada; muito semelhante o motivo do remate superior ao da Sé nova de Coimbra.

O mais original e valioso de todos os edificios claustraes da mesma época, existentes aqui, é o de Nossa Senhora da Serra do Pilar, no suburbio de Villa Nova de Gaia, situado na margem fronteira do Douro. Deve ter sido principiado em 1540; e todavia, as circunstancias do conjuncto combinam amplamente com a data de 1602, a qual se encontra no claustro.

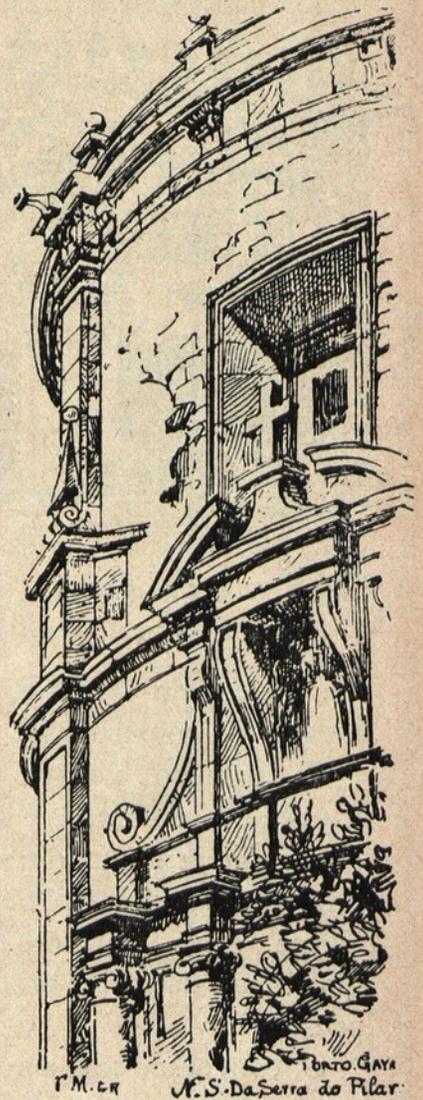
Em frente do ponderoso quadrado do mosteiro, campeia a igreja, redonda. Um lanço mais estreito comunica a propria ligação com o mais amplo côo, em cujas trazeiras, anexo, fica o sumptuoso claustro.

O systema a que obedece o exterior da igreja patenteia-se na estampa annexa. A cornija é coroadada por uma formosa platabanda de acroterios; a cupula, externamente um tanto achatada, é revestida de azulejos e rematada com um lanternim.

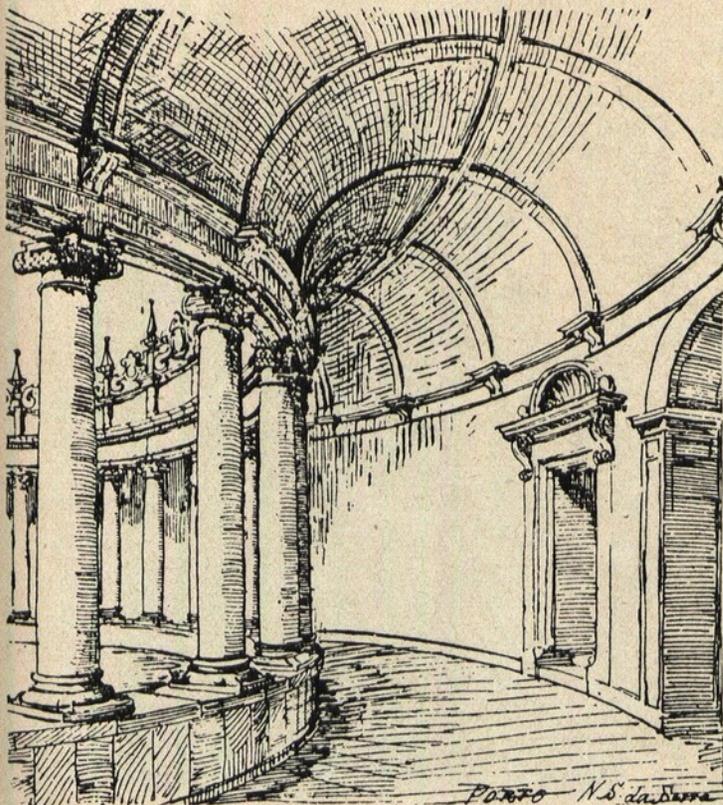
O interior apresenta uma primorosa rotunda com uns vinte

metros de diametro. Dezeseis esbeltas pilastras doricas com capiteis idoneos, como em S. Vicente de Fóra, Lisboa, repartem a parede entre as capellas e as arcarias de accesso. A cornija sustenta a imponente abobada espherica, a qual, dividida em tabellas se ergue até á altura do lanternim. Quatro janellas rectangulares transmittem abundancia de luz.

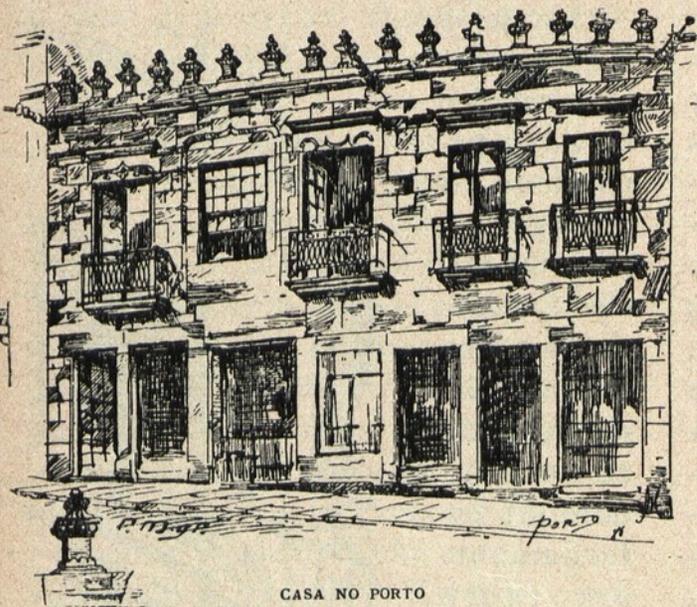
E aqui se nos depara outro exemplo de intimo parentesco com as igrejas lisbonenses coévas, tal como resulta do confronto. Tinô-



DE NOSSA SENHORA DA SERRA DO PILAR



CLAUSTRO DE NOSSA SENHORA DA SERRA DO PILAR



CASA NO PORTO

co, talvez, ou Turiano, haverá sido o mestre da construção.

O formoso claustro circular, com trinta e seis columnas e abobada de berço, patenteia no attico respectivo fórmulas um tanto mais barrôcas do que as da igreja, e não obstante, mercê da originalidade da traça, produz notavel impressão.

O convento, com um guapo torreão no angulo para a banda que pende para o rio, é todo elle uma ruina, e reivindica apenas a sua formosa situação sobrebranceira á cidade, á qual, com a sua móle imponente e estrutura monumental, domina totalmente.

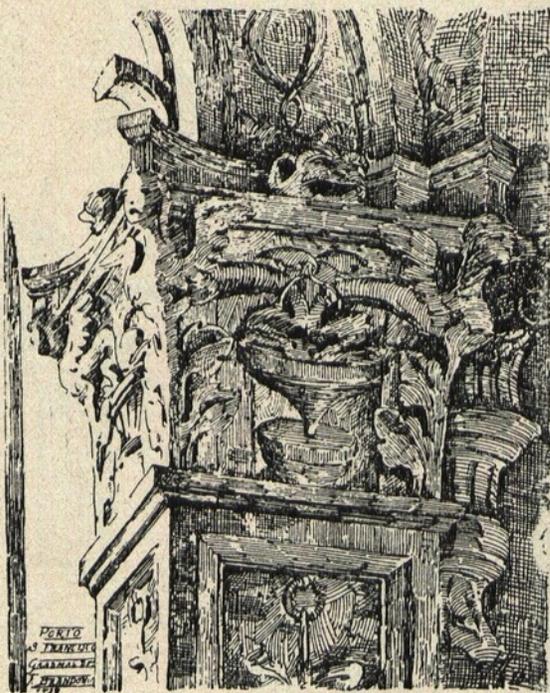
Cá em baixo, na cidade, existe ainda uma serie de egrejas de construção posterior, das quaes S. Ildefonso, pittoresca, com as suas torrinhas acaçapadas, erguendo-se acima de uma imponente escadaria, a cavalleiro de uma ingreme rua proxima, é interessante pela profusão de trechos barrôcos, com o caracter da época de Filippe IV.

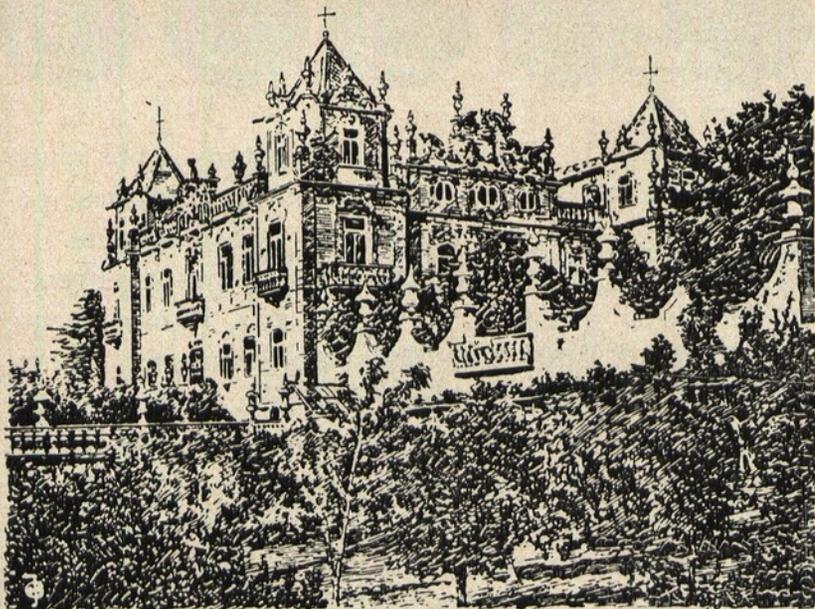
A luxuosa quanto pittoresca Torre dos Clerigos, do seculo XVIII, a mais alta e magestosa torre de igreja em todo o paiz, nimiamente barrôca e crua

a individuação estylistica, de um selvatico mexicano, em mais de um ponto; é preconizada como inestimavel adorno do conjuncto do quadro que apresenta a cidade.

Com respeito a residencias particulares da primitiva Renascença, conservam-se ainda algumas, das quaes a mais conspicua é aquella cuja reproducção apresentamos, sita na rua do Ouro (das Flores). Construida de alto a baixo com silhares de granito, o coroamento da cornija ostenta essa decoração privativa da região do norte, a saber, uns pilares dispostos á feição de ameias. As janelas exhibem um mixto de formulas gothicis terçearias e da Renascença.

Existe na rua Chan uma casa parecida, muitissimo singela, com duas janelas mas com três andares, conspicua mercê do remate de uma formosa janela no andar nobre, com um friso alternadamente de archetes e intersecções lineares.

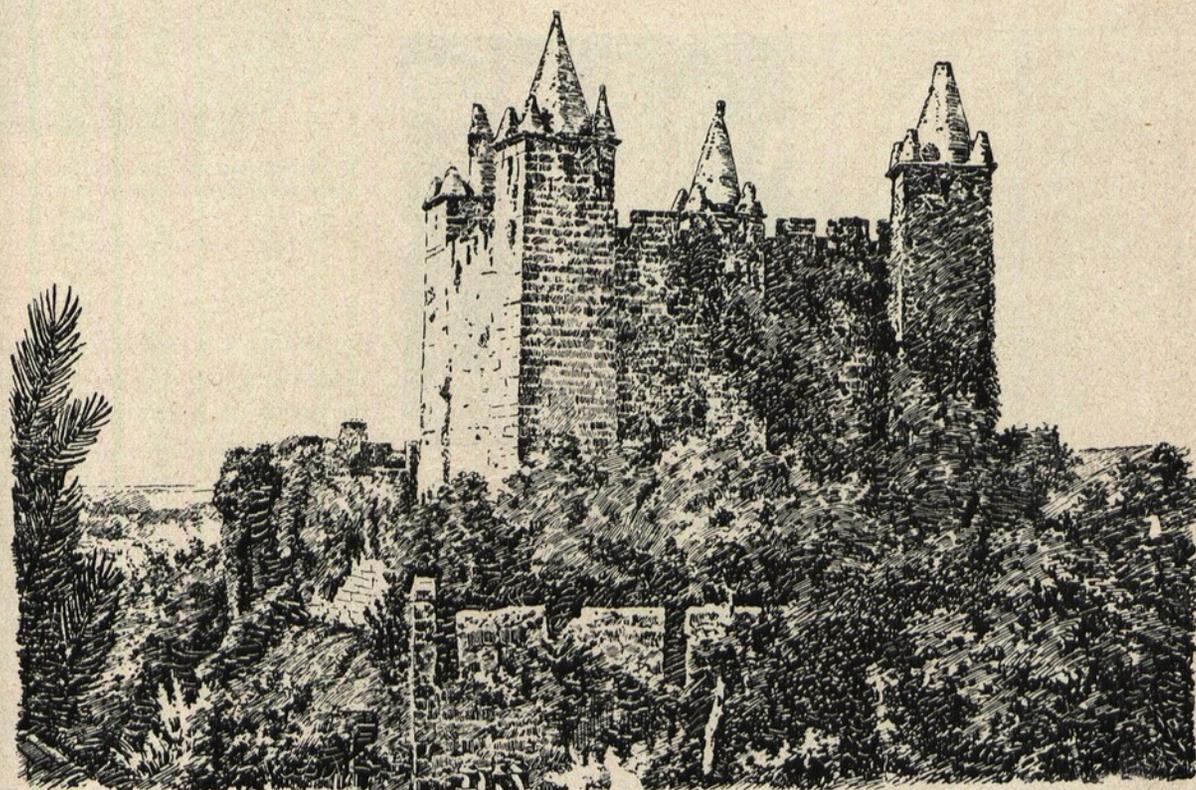
DO MONUMENTO FUNEBRE DE BRANDÃO PEREIRA  
EM S. FRANCISCO DO PORTO



QUINTA DO FREIXO, PERTO DO PORTO

Nem devo esquecer outro bem construído monumento da Renascença, digno de menção, existente na capella á mão direita do côro, em S. Francisco. Consiste em uma arcaria de volta inteira, descansando sobre umas pilastras ornatadas, ladeadas por candelabros e

com friso denticulado, encimado por um frontão de concha e abrigando um sarcophago aguentado por três leões. Tanto as fórmulas geraes como a individualização, accusam um caracter de Renascença temporan e nimiamente *holbeinesca*, elaborada com largueza não isenta de frouxidão, e sem embargo, o monumento é formoso, quer pela estrutura, quer pelo effeito, e o melhor da sua época, em todo o Porto. A concepção, aprazivel, antolhasenos ser categoricamente allemã; e não foi sem sobresalto que lemos o jazereim aqui Francisco Brandão Pereira e sua mulher. Pois não sôa extranho a ouvidos allemães este nome; é



CASTELLO DA VILLA DA FEIRA

o do feitor portuguez em Antuerpia (Brandanus ou Brandão), com quem o nosso Durer durante a sua viagem contrahi relações de tão estreita amizade, que assim no-lo transmittiu no seu diário. Falleceu em 1528.

A propria igreja gothica, da primitiva, por dentro é revestida de alto a baixo com lavôr de talha polycroma e dourada, inclusivé a mesma abobada, uma das mais sumptuosas peças em todo o mundo. Alguns altares, capellas e trechos decorativos devem ser mais antigos; a maior parte d'esta decoração, comtudo, corresponde aos principios do seculo xviii (1).

(1) Existe aqui uma imagem de S. Francisco, o especimen mais antigo, talvez, da esculptura gothica em Portugal.

*Nota do traductor.*

\*  
\* \*

Douro acima, deparam-se-nos ainda outras construcções interessantes, palacetes e castellos, principalmente.

A tão pittoresca quinta do Freixo, edificio do seculo xvii, rigorosamente está fóra do nosso assumpto, e comtudo, mercê dos seus jardins, ainda dispostos n'um certo gosto da Renascença, assim como do seu aspecto phantastico, não deixa de ser digna de menção.

O castello da Villa da Feira, situado n'um alto, é um exemplo typico dos castellejos distribuidos por D. Manuel, com quatro torres acantonadas e telhado conico.

*(Continúa.)*



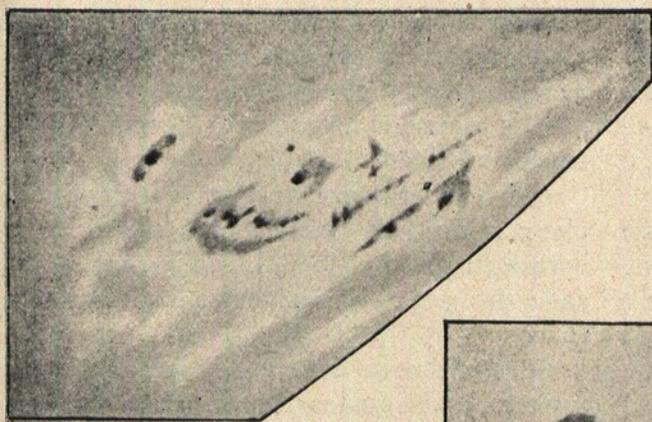


# A acção das manchas solares na economia da vida

**N**INGUEM ignora que o astro colossal, denominado Sol, é o potente regulador da vida vegetal e animal. Distante de nós 149 milhões de kilometros, elle exerce a sua influencia benéfica por differentes fórmias: fazendo ama-

siva na economia da vida. Ellas são de variadissimos feitios, nascendo e desaparecendo, muitas vezes, bruscamente e, com frequencia, variaveis de grandeza e posição — apesar de ligadas ao Sol, mas não com tanta fixidez como a principio se suppoz. De facto, a astronomia moderna tem mostrado que, além da rotação commum a toda a superficie solar, as manchas teem ainda um movimento proprio independente.

Constam as manchas solares, em geral, d'uma parte relativamente escura — que ainda assim é duas mil vezes mais brilhante do que a Lua cheia — designada *nucleo*, a qual é cercada por

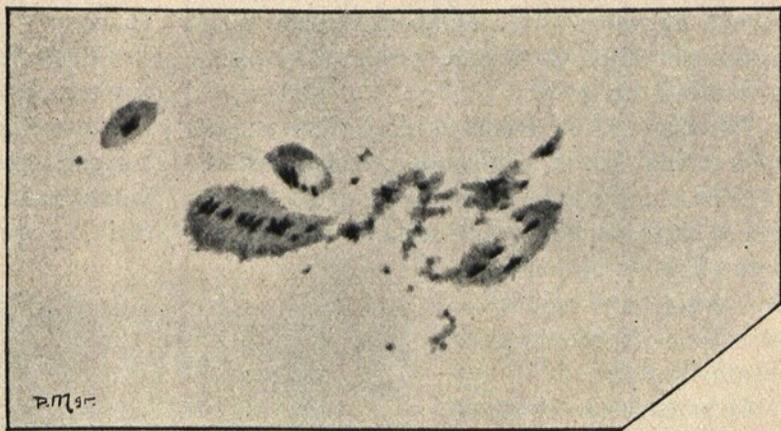


GRUPO DE MANCHAS SOLARES OBSERVADAS NO OBSERVATORIO DE CATANIA (ITALIA)

Em 5 de outubro de 1903

durecer o trigo e a vinha que nos fornecem o pão e o vinho; fazendo crescer a erva no prado para nos dar o linho, o algodão, etc., para o vestuario; evaporando a superficie dos mares para levar a agua ás fontes e aos rios; e, finalmente, alimentando os proprios glaciares, porque sem elle não existiriam.

Photographando o astro do dia, nota-se uma superficie uniformemente brilhante, isto é, no fundo granulado do disco solar apparecem umas regiões escuras, denominadas *manchas*, que parecem ter uma acção deci-

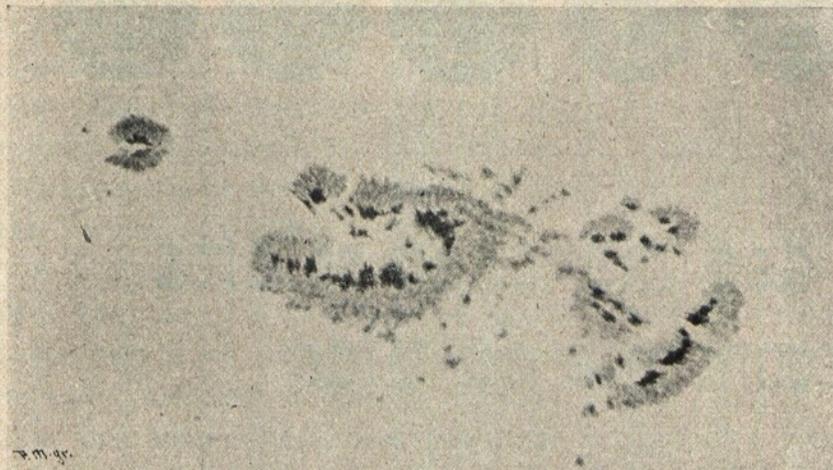


GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)

Em 6 de outubro de 1903

uma outra mais clara, a que se dá, impropriamente, o nome de *penumbra* da mancha.

O seu reconhecimento data de epochas remotas, porquanto o phenomeno é descrito na obra de Ma Twan Lin, publicada em 1322, a qual encerra um quadro notavel contendo quarenta e cinco observações



GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)

Em 8 de outubro de 1903

realizadas entre os annos 301 e 1205. Esta obra, conhecida pelo nome de *Encyclopedia Chinezã*, comprehende vinte e quatro tomos, divididos cada um em trezentos e quarenta e oito capitulos, encerrando um grande numero de memorias chinezãs attinentes a diversos assumptos, taes como: religião, economia politica, legislação, agricultura, astronomia, etc.

A consulta d'este livro diz-nos, que a fórma mais frequente affectada pelas *manchas solares* era a oviforme, assim como a mais rara a de *adem* (ave palmipede), sendo esta disposição observada pela primeira vez em 6 de abril de 374.

Na Europa, as manchas do Sol só muito mais tarde foram conhecidas; pois que as regiões escuras até então observadas sobre o disco solar, quando este estava prestes a desaparecer no horizonte, eram attribuidas á passagem de corpos pela frente do astro.

O primeiro astronomo, que estudou este phenomeno, foi João Fabricius ou o padre Scheiner, sendo todavia aquelle, que deu á publicidade um trabalho intitulado: *De maculis in Sole visio et earum cum Sole revolutione narratio*, apparecido em Wuttemberg no mez de junho de 1611.

Desde esta epocha nun-

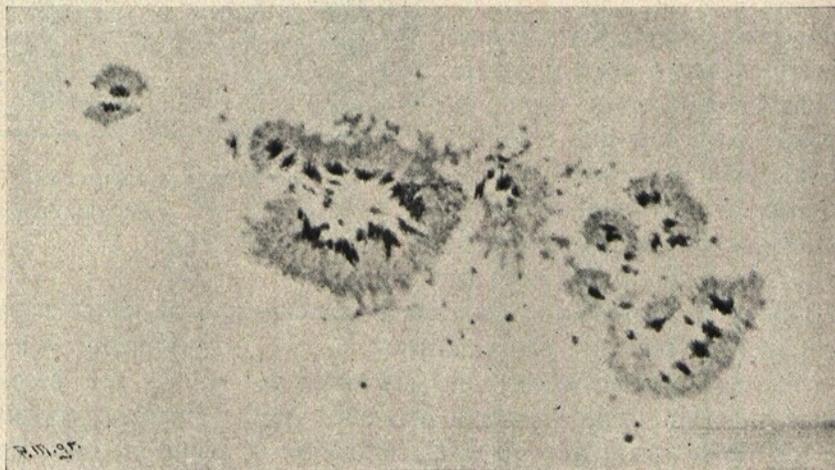
ca mais os astrónomos cessaram de observar as manchas solares, destacando-se d'entre outros Faye, Spörer, Zollner, etc.

A genesis das manchas solares é ainda um ponto dubio na astronomia; o que, porém, se sabe é que a sua abundancia está submettida a periodos de maximos e de minimos, sendo proximamente de onze annos e um terço o

intervallo entre dois maximos successivos, não occorrendo as epochas do minimo senão sete annos e meio depois dos maximos precedentes. Presume-se tambem que estes maximos e minimos offereçam uma variação periodica de cincoenta a cincoenta e cinco annos em que os maximos não se reproduzem em intervallos eguaes.

Alguns astrónomos querem explicar a dupla periodicidade das manchas solares pela influencia directa do Sol, sob a simultaneidade das acções dos planetas Jupiter e Saturno.

Com effeito, a duração da revolução de Jupiter (11,86 annos) eguala approximadamente o periodo mais curto das manchas solares, emquanto que a durabilidade da revolução de Saturno (29,46 annos), duplicada, é quasi identica ao periodo maximo



GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)

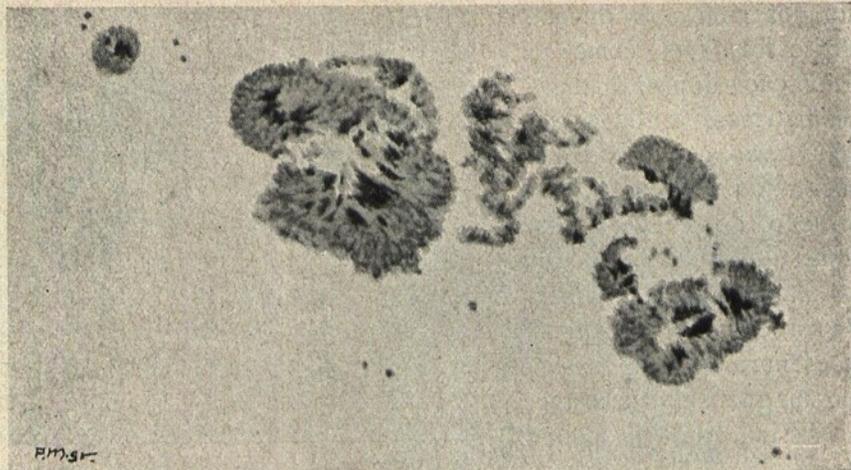
Em 9 de outubro de 1903

das manchas; além d'isso, os dois planetas voltam a occupar a mesma posição, um relativamente ao outro, depois que Jupiter effectuou cinco revoluções (59,30 annos) e Saturno duas revoluções (58,92 annos).

Mais recentemente, o distincto membro da Sociedade Astronomica de França, Emilio Anceaux, admittiu que a marcha geral da fluctuação das manchas solares depende, embora indirectamente, da acção congruente dos três planetas Jupiter, Venus e Terra; obedecendo o maximo das manchas a uma mesma lei de periodicidade undecennal e sendo as variações d'este periodo derivadas, em grande parte, da excentricidade dos planetas e, sobretudo, da do planeta Jupiter.

Do exame superficial d'uma mancha solar se depreheende que ella está n'um estado de agitação constante, mudando rapidamente de fórma, augmentando, diminuindo ou segmentando-se e, muitas vezes, assumindo na penumbra a apparencia de turbilhão.

Hoje, a observação das manchas solares não é objecto exclusivo dos astrónomos; antes, pelo contrario, deve merecer, a attenção de todos os homens estudiosos. Senão vejamos! O simples facto, de que as manchas



GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)

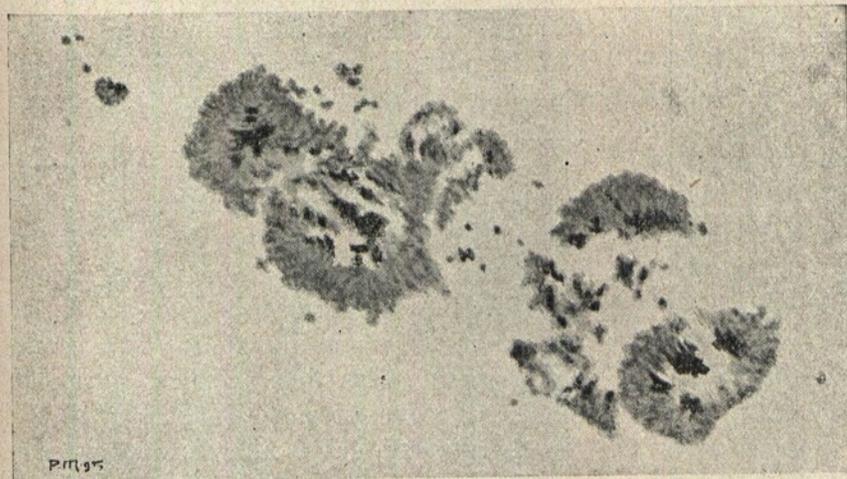
*Em 10 de outubro de 1903*

são o factor principal da actividade solar, é bastante de per si para aquilatar a importancia da theoria d'este phenomeno, se bem que a actividade do Sol se não manifeste unicamente por uma recrudescencia de manchas ou de faculas (corpos de fórma ramificada mais brilhante ainda do que a photosphera).

As hypotheses mais conhecidas, para interpretação da theoria das manchas, são as dos insignes astrónomos Secchi e Faye: a theoria de Secchi suppõe que as manchas são erupções da photosphera; e a de Faye explica a formação das manchas solares por movimentos giratorios ou, antes, por cyclones, devidos ao modo de rotação da photosphera e tendo por origem a differença de velocidade entre dois parallellos proximos.

Uma outra theoria, e esta mais recente, formulada pelo illustre astrónomo Moreux, diz — que as manchas não são erupções, nem cyclones, mas regiões hyperthermicas, isto é, sobreaquecidas.

\*  
\*  
\*



GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)

*Em 11 de outubro de 1903*

A feição mais proeminente, que caracteriza a actividade solar, é a estricta influencia sobre todos os phenomenos terrestres que se encontram

ligados com a producção do calor, taes como: a elevação e depressão thermometricas, quédas de chuva, avanço e retardamento da vegetação, migração de certas aves, carestia de cereaes, todos os phenomenos electricos, auroras polares, e variações normaes e anormaes do magnetismo terrestre.

Assim, ainda ha pouco tempo, um dos membros da Sociedade Astronomica de França diligenciou investigar, se era possivel estabelecer um determinado parallelismo entre a abundancia das manchas solares e a producção do vinho, pesquisa de natureza identica áquella, tentada anteriormente pelo astronomo Herschell, concernente ao preço do pão.

Servia de base ao criterio d'aquelle astronomo a circumstancia de que nos annos de 1848, 1859, 1869, 1870, 1881, 1893, 1904 e 1905, annos nos quaes, sendo a quantidade de manchas em maior numero, a producção do vinho foi mais consideravel e de melhor qualidade; ao passo que no anno de 1902, anno em que menor numero de manchas appareceu no Sol, houve pouca abundancia de vinho e este de qualidade inferior.



GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)

*Em 16 de outubro de 1903*



GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)

*Em 13 de outubro de 1903*

E como, para que a colheita do vinho satisfaga áquellas duas qualidades, é necessario que a primavera e o estio sejam seccos e principalmente quentes, serve-nos semelhante illação para demonstrar, pelo methodo indirecto, que a appareção das manchas coincide em geral com as temperaturas elevadas.

Devemos notar que taes investigações não são ultra-modernas, pois que, de ha muito, nos observatorios, as curvas das manchas se prestam para o confronto das do magnetismo terrestre, temperaturas, chuvas, florescencia, migração de aves, etc.

Ainda, n'esta mesma ordem de idéas, vamos descrever um caso que, por julgarmos interessante e digno de ser narrado, o re-produzimos na integra, devendo naturalmente prender a curiosidade do leitor.

Da consulta da valiosa obra do padre Secchi, sabio eminente, suggeriu a um astronomo amator, de não acanhada illustração, a maneira mais efficaz de estudar a constituição solar, afim de ver se a experiencia comprovava os factos.

Com effeito, este associou-se, em França, a dois industriaes dos quaes um era fabricante de assucar de beterraba e o outro distillador de melaços, ficando elle encarregado da parte puramente commercial, de modo que a compra do genero e a venda dos productos das duas fabricas agricolas lhe ficavam exclusivamente incumbidas.

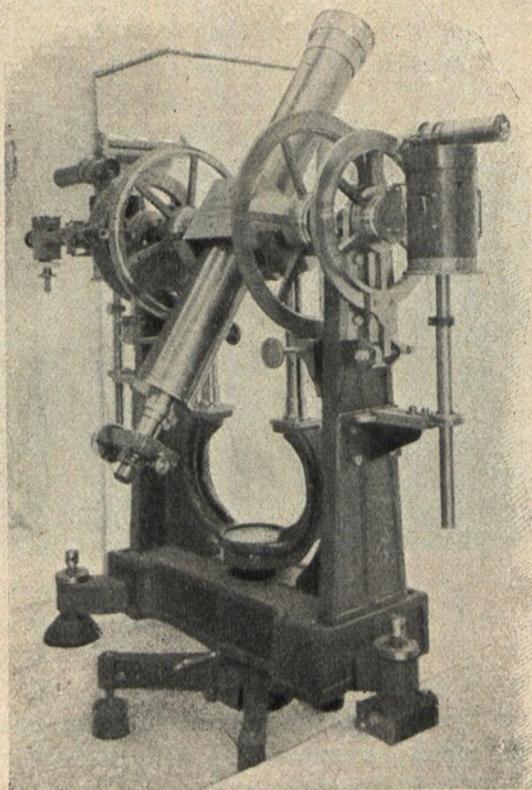
A tarefa não era facil, pois que o abastecimento da beterraba deve ser feito com bastante antecedencia, isto é, ella é comprada na occasião da sementeira e mesmo

durante o crescimento, para ser tratada mais tarde no fabrico do assucar e do alcool. Estes productos, cuja venda se effectua seis mezes depois da entrada da materia prima na fabrica, são negociaveis; mas nem sempre facilmente, devido á especulação na Bolsa de Paris, onde a influencia no curso é bastante irregular. Resulta d'aqui que os negociantes, não se satisfazendo com os pequenos ganhos na venda immediata, preferem muitas vezes correr o risco da alta e baixa.

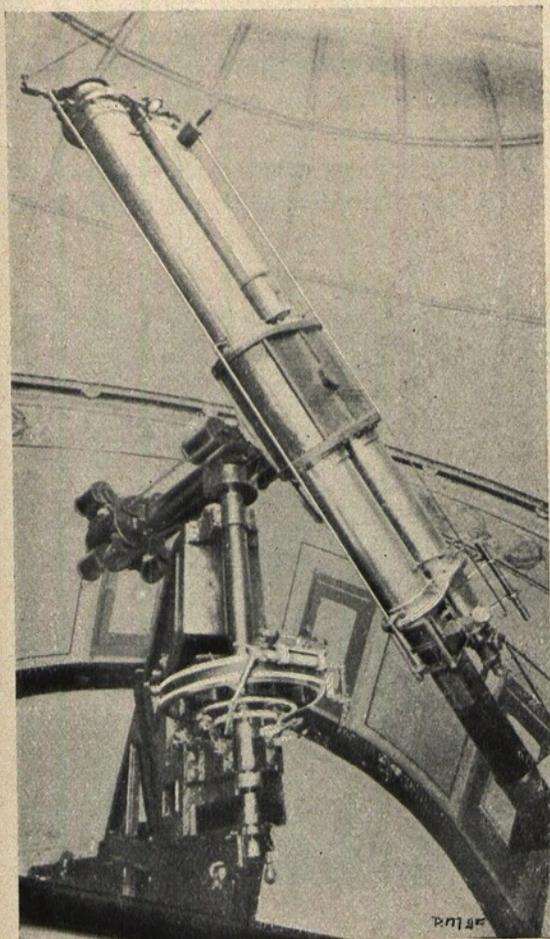
Havendo alta no momento do fabrico, o industrial vende o artigo por um preço lucrativo; o contrario succede quando se dá a baixa.

Estas altas e baixas são especialmente função da colheita; assim, sendo boa a colheita da beterraba baixam os preços do assucar e do alcool, e sendo ruim elevam os preços.

Como os socios preferissem correr o risco da alta e da baixa, a tarefa complicava-se



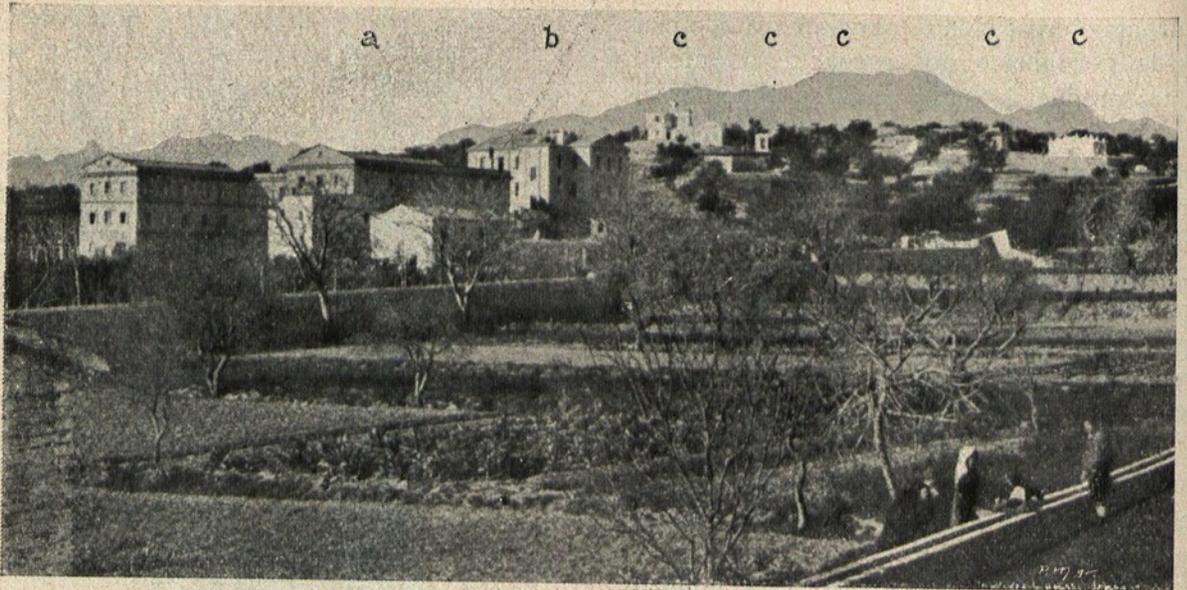
CIRCULO MERIDIANO DO OBSERVATORIO DO EBRO



EQUATORIAL PARA O ESTUDO DE ASTROPHISICA  
NO OBSERVATORIO DO EBRO

para fazer uma previsão que desse logar a lucros; por isso elle, abordando-se de livros astronomicos e manuseando estatisticas, verificou que o anno, em questão, de 1875 se encontrava na mesma phase do periodo das manchas solares de 1865.

Confrontado meteorologicamente o inverno de 1875 (periodo da sementeira), elle deprehendeu que, sendo semelhante ao de 1865, a colheita deveria ser favoravel, o que assim succedeu, conseguindo por isso auferir bons lucros para a firma commercial de que elle era administrador. Igual exito teve no anno de 1876; porém, como, em 1877, a ultima década do mez de janeiro se affastasse bastante, recorreu aos valiosos conhecimentos do emerito astronomo Secchi, sabio director do Collegio Romano, obtendo uma resposta que o punha, mais ou menos, ao facto da actividade solar. Este, elogiando as investigações a que o mesmo negociante se tinha devotadamente dedicado, fez ver-lhe que não era sufficiente apenas conhecer a quantidade de calor directamente emittido pelo Sol, mas conjuntamente a acção chimica exercida por elle. Como, além d'isso, a temperatura não depende só do calor proveniente



VISTA GERAL DO OBSERVATORIO DO EBRO

Recentemente fundado, onde se fazem actualmente os estudos de astrophysica — a) Escola  
b) Laboratorio chimico, gabinete e museu. — c) Observatorio

do Sol, mas ainda dos movimentos cyclonico e da atmospha terrestre, elle estabeleceu para a relação entre a vegetabilidade e a maior ou menor quantidade de manchas solares a seguinte lei:

*Existindo uma relação intima entre as manchas solares e os phenomenos meteorologicos, é natural que, com o auxilio d'uma larga serie de observações feitas com rigor, se atinja o poder prever, com bastante exacti-*

*dão, a serie periodica de identicos phenomenos de vegetação.*

Os nossos economistas attribuem o pouco rendimento da cultura cerealifera á irregularidade do clima.

E' certo que os cereaes localisam-se nas regiões que offerecem melhores condições de



VISTA DOS PAVILHÕES DO OBSERVATORIO DO EBRO

1. Pavilhão electro-metereologico. — 2. Pavilhão sismico. — 3. Pavilhão astrophysico — 4. Pavilhão nephoscopico. — 5. Pavilhão para os instrumentos magneticos absolutos. — 6. Pavilhão para os instrumentos magneticos de variação.

vegetabilidade, sendo a sua pouca productividade funcção da nociva localisação; por isso somos de opinião d'aquelles que teem, por causas efficientes da má economia cerealifera, a rudeza do clima e o atrazo dos processos de producção.

N'um paiz, cuja climatologia está perfectamente descurada, devido ao retardamento da sciencia meteorologica ou, antes; ao do estudo da astrophysica, a cultura cerealifera deve ser uma industria pouco rendosa e até mesmo periclitante.

Razão bastante para admittirmos que o estudo da astrophysica é indispensavel ao fomento da agricultura, e serão portanto os lavradores intelligentes e illustrados os primeiros a deverem exigir da nação este melhoramento.

O estabelecimento d'um observatorio, onde se estude a astrophysica, torna-se por conseguinte de urgente necessidade, afim de ver a connexidade existente entre a actividade solar e os phenomenos magneticos e electricos observados na Terra, origem dos phenomenos meteorologicos. Este problema, cuja attenção é reclamada mundialmente, não tem só importancia theorica; mas tambem prática

e universalmente accete, quanto mais não fosse para o conhecimento exacto da fórma porque actúa o Sol no nosso planeta.

De tudo isto conclue-se:

Que o estudo das manchas solares, ao presente, depois das experiencias bolometricas (ramo da astrophysica) importa sobremaneira a todas as profissões que mais intimamente se prendem com a economia vital, taes como: agricultores, industriaes, agnomos, etc.;

Que as manchas solares teem nimia importancia sobre todos os phenomenos terrestres;

Que o conhecimento da climatologia d'um paiz, ou d'uma região, e bem assim a sua metereologia está na investigação dos phenomenos do globo solar e consequentemente subordinada ao estudo da physica e da chimica solar;

Que, finalmente, do que nós carecemos para o estudo da climatologia e, portanto, para a prosperidade economica da vida é d'um estabelecimento, onde se estudem cumulativamente os phenomenos electro-metereologicos, sismicos, nephoscopicos, magneticos, e os da physica e da chimica solares.

A. RAMOS DA COSTA.





# Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes  
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

*Nota do auctor.* — A narração que se segue e os documentos que lhe dizem respeito fôram-me entregues por Mr. Bruce Ingersoll, em dezembro de 1906. Eu ouvira, como muitos outros, certos rumores ácerca da vida do notavel personagem, Jehan Cavanagh; mas o circumstanciado relato d'este assombroso acontecimento e o renome que obteve conheci-os primeiro pela narrativa de Mr. Ingersoll. Addicionar qualquer coisa á sua exposição insinuante-mente escripta seria uma impertinencia.

Havia, no entanto, omissões que se tornavam necessarias aclarar em preito aos vivos e em homenagem á morte. Esclareci-as o mais discretamente que me foi possivel. O resto é com Mr. Ingersoll e com a historia d'aquelles passados bons tempos como a imprensa e os boatos a mencionaram.

E' dever meu acrescentar que o auctor d'estes pasmosos documentos era um estudante de grandes promessas e muito applicado do Collegio de Jesus, de Cambridge. Jogou o cricket como campeão de Middlesex, alcançou premios, distincções, e obteve com equal facilidade a primeira classificação nas sciencias moraes.

## I

BRUCE INGERSOLL PRINCIPIA  
A SUA HISTORIA

**P**EDIRAM-ME que escrevesse a descripção dos singulares acontecimentos que me succederam nos ultimos doze mezes, e que os escrevesse sem reserva. O pedido é justo, e não posso na verdade recusar-me. Em nome do meu amigo Jehan Cavanagh e d'aquelles que o julgaram, principio a minha tarefa. Oxalá que

mereça a approvação das pessoas que tão ardentemente desejaram a sua realização.

Devo declarar que tenho escripto muito pouco. A habilidade necessaria para desfiar a meada d'este assombroso mysterio, coordenal-a no meu manuscrito de modo que todos a possam acompanhar, não é minha. Mal sei em que ponto d'esta narrativa o interesse do publico principia e onde elle ao certo se extingue. Pelo meu lado, não me lembro de nada que se prenda com esta historia antes de um *garden party* dado pelos estudantes do collegio Trindade, de

Cambridge (1), em junho do anno passado. Essa festa foi uma urdidura de lindas superstições sahida de uma linda bocca de mulher.

Minha prima Una e minha tia lady Mary Elgood tinham vindo assistir á nossa imprópriamente chamada semana de Maio. Preparara-lhe quartos em Jesus Lane; e, para não citar outras circumstancias, passara dez dias divertidos. Succedia isto na minha ultima temporada de Cambridge. O universo estendia-se deante de mim como um grande mar sobre o qual pairassem as nevoas da madrugada. Não sabia nada ácerca do meu futuro; pouco confiava n'elle desde a morte de meu pae. Una achava-me concentrado e eramos dois antigos companheiros na frivolidade.

— Nunca me arranjará um marido com esses modos solemnes — queixou-se ella.

Respondi-lhe que os maridos hoje em dia gostam de gravidade.

— E o casamento não é assumpto para rir — como descobrirá dentro de pouco tempo — accrescentei no tom que ella chamava o meu genio sardonico.

Passava-se isto no *Garden party* em que falei.

Como era dos estudantes mais antigos, um dos meus condiscipulos novatos e aristocratas veio-nos buscar para a diversão e dirigimo-nos para ali depois de um lanche galhofeiro nos seus aposentos. Creio que sympathisava com Una e talvez lhe não repugnasse se não fôsse as suas suissas e o seu intoleravel costume de intercallar um «Eh, que?» por meio das suas conversas mais interessantes. Quando chegámos ao jardim da Trindade, combinámos desembaraçarmo-nos d'elle proximo da porta d'uma barraca, onde uma dama chiromante amadora dava sessões em beneficio da pobreza da terra, segundo dizia. Minha tia insistiu, comtudo, que era simplesmente para apertar as mãos dos rapazes; e eu disse a Una que a allusão se podia entender com ella.

— Entre e gaste tres pence visto não dispôr tambem de uma barraca — suggeri eu. — Póde vêr o seu futuro marido, como a cobra na relva. Não diga a essa dama o seu nome, ou arrisca-se a que ella se lhe ante-

cipe. Acredite, é verdade. Se estas coisas não fôsse verdade, a vida não era nada. Entre e apanhe um rajah indiano, é barato por tres pence.

Riu-se para mim, a boa, a jovial Una, que está longe de ser esperta, como tantas vezes lh'o disse, mas que é uma das melhores creaturas, e que só joga quando tem todos os trunfos na mão. Emquanto discutiamos sahiu um sujeito da barraca. Era um decano, mas não da minha faculdade. Exhortou-a immediatamente a fazer o que eu lhe aconselhava.

— Não me lembro de me ter divertido tanto — disse o decano; — citou-me uma doença que tive quando andava na escola e descobriu que eu era casado. Deve haver alguma coisa de anormal nas linhas da mão que revele os nossos segredos. Tenciono lêr os principaes tratados ácerca do assumpto, e uma mulher accentuadamente bonita tambem o deve fazer — adduziu quando se affastou, rindo e motejando.

O conselho convenceu Una. Puxou pela bolsa e entrou na barraca antes de eu ter tempo de contar até tres. Quando sahiu, vilhe as faces inflammadas com as côres mais rubras; os seus lindos olhos azues pareciam duas turquezas a scintillar. O seu cabello castanho estava todo a uma banda, e conhecia-se que vinha furiosa.

— Então? — perguntei-lhe.

— Uma perfeita pateta — respondeu sem tomar o fôlego. — Disse-me que eu havia de morrer solteira.

— Esqueceu-se de pagar os tres pence, Una?

— Não, não esqueci. Mas quasi senti vontade de lh'os exigir quando sahi. Não é mais que um lôgo.

— Oh! fez mal! — bradei eu; — succede sempre ao contrario. Que esperava por tres pence, Una? Os maridos são hoje raros, são quasi tão raros como os cafres.

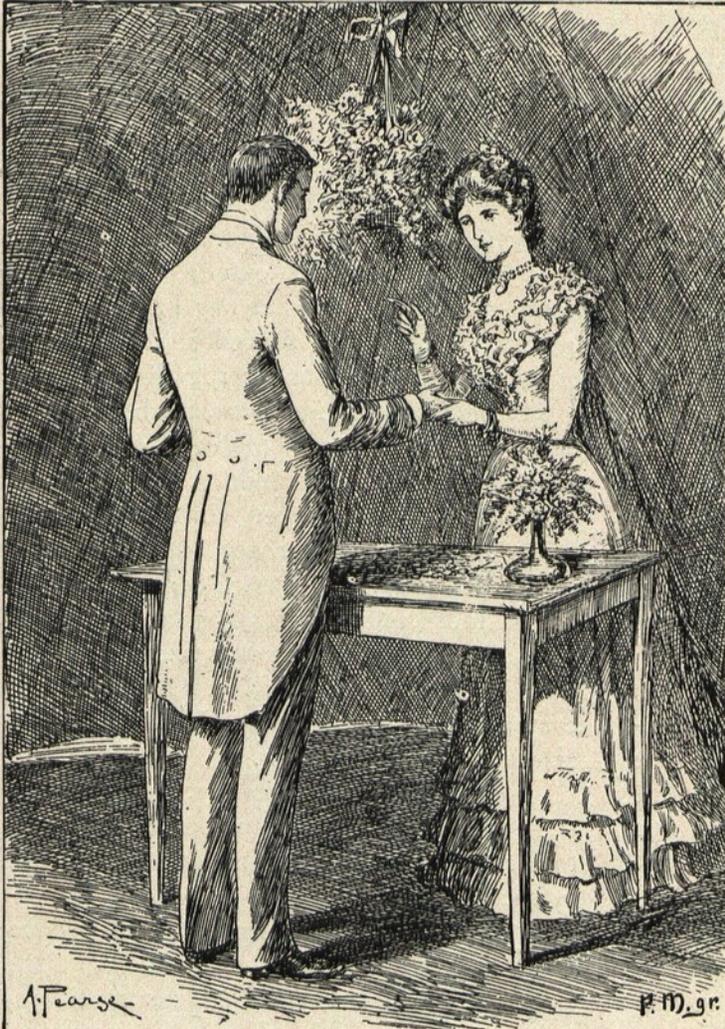
Não abrandou, mas minha tia Mary, que se approximava n'esse momento, e ella, insistiram ambas para que eu tentasse conhecer o meu futuro e me apresentasse ante essa Pythia com meza de baeta verde, e ver se me acontecia o mesmo que ao excellente decano que me precedera. Era, no fim de contas, uma brincadeira, e todos a tomámos como tal.

— Bem — commentei eu — quem nasce

(1) Celebre universidade ingleza, dividida em varios collegios.

para a forca não morre afogado; — e mais para as divertir a ellas que a mim proprio entrei na barraca e dirigi-me á dama.

Era realmente uma bonita rapariga, e a claridade vacillante, baça, do interior da barraca fazia com que não reparassemos no desnecessario rubor das suas faces. Um col-



— VAE ENCONTRAR-SE COM UM DESCONHECIDO — DECLAROU

lar de ouro, que se lhe enroscava ao pescoço, suggeria a idéa de que ella convivia habitualmente com cobras; na mão formosa, brilhavam offuscantemente alguns diamantes de notavel tamanho. O seu vestido era de uma brancura immaculada; os braços, observei, estavam nus até o hombro. Recebeu-me com uma dignidade graciosa, que ella diligenciava tornar impressionante: e acto contínuo fixou sobre mim os mais maliciosos olhos que me lembro de ter encontrado.

— Já deu a sua mão a ler a alguém?  
— perguntou ella.

Respondi-lhe que nunca tivera essa felicidade.

— E acredita na chiromancia, suponho?  
— Absolutamente nada.

Principiámos a gracejar, como é facil de perceber, e assim continuámos. Os seus clientes, imagino, os do sexo forte, bem entendido, gostavam de ter as suas mãos acariciadas e comprimidas pelos seus formosos dedos. Do mesmo modo procedeu commigo, e depois de me olhar de frente, inquiriu se eu padecera de alguma enfermidade em pequeno.

— De sarampo — retorqui — e de muitas outras.

— Ah, mas não foi doença seria, e não partiu para fóra do paiz depois d'isso?

— Lembro-me de um ataque de birra, e de uma viagem a Bolonha.

E' natural que esta resposta a contrariasse; diligenciou não o manifestar, e adduziu:

— Soffreu ultimamente uma grande perda... a de seu pae ou de sua mãe?

— Soffri. Meu pae morreu ha oito mezes.

— Essa morte operou em si uma grande transformação?

— Que póde ser ou não ser manifesta. Concordo na transformação.

— Sente inclinações artisticas, e tem escripto ou pintado.

— Pinteí uma vez, quando era pequeno... as grades da porta. Com a escripta é outro caso. Talvez tenha visto o meu nome no

*Fortnightly?*

Córou a tornar pallida a pintura das faces, pintura absolutamente superflua, como o decano poderia certificar. A minha hostilidade tornou-a perplexa. Conheci que ella resolvera impressionar-me, e, á minha obstinação antepoz a sua persistencia.

— Vae encontrar-se com um desconhecido — declarou — se lhe trará boa ou má fortuna, não lh'o posso dizer. Vejo que se ha de casar depois de muitas peripecias e de um grande conflicto entre a cabeça e o coração. A sua linha da vida é boa e a fa-

culdade affectiva não está fortemente desenvolvida. Cautela com o homem que vae interferir na sua existencia. E' tudo quanto lhe posso revelar, Mr. Ingersoll.

Tornou a olhar para mim com a funda e viva insistencia de alguém que sabia muito mais que aquillo que a minha mão lhe desvendara.

E eu sahi da barraca recordando-me que no dia seguinte me devia encontrar com Mr. Jehan Cavanagh.

## II

### ADEUS A CAMBRIDGE

Harry Relton declarou-se á Una no baile Caio. Una acceitou-lhe a declaração, creio que despeitada com a chiromante, porque nunca lhe conheci nenhuma inclinação para Harry, embora eu soubesse que elle gostava immenso d'ella. Disse-lhe que era uma rapariga feliz e que estimava essa conquista de um laureado. Harry sempre dispoz de dinheiro, e mais teria agora que seu pae que se occupava com o fabrico de automoveis.

Parece que a declaração foi feita na escada da cosinha, exactamente quando os creados estavam servindo a ceia. O caso era significativo e espero que Una venha a cosinhar tão bem como namorava. Confessou-me que não sentia a menor differença agora que era noiva. Esperava algumas expressões de extase e o que chama em estylo francêz «um delirio de arrebatamento». Talvez Harry consiga levar Una a encarar a vida pelo lado serio e não pelo burlesco como até aqui. Se elle não fosse rico, pediria a Deus que protegesse ambos. Com certeza não se ganha dinheiro tendo por profissão remar; ao passo que as extravagancias de Una arruinariam até o proprio Vanderbilt. Taes como são, farão um lindo par, e irão pela vida fóra como uma creança n'um passeio pelo campo.

Ficara satisfeito com esse ajuste de casamento, talvez tambem um pouco mais melancolico. A separação, no fim de tudo, é um caso triste e nem mesmo os mais felizes o contemplam de leve. Abandonar alojamentos que tanto se estimaram; lembrar que na futura matricula serão occupados por calouros; ceder cargos que desempenhamos com tanto orgulho, como a capitania do *cri-*

*cket*, o posto de presidente da *União*, o direito de nos sentarmos nas cadeiras dos chefes; deixar de admirar da nossa janella paizagens que nos são familiares, o velho pateo onde quasi contamos cada pedaço de herva; perder de vista o castello, a capella, a torre coberta de hera, o panorama distante das flechas e cupulas de Cambridge; conhecer que deixamos isto para sempre, é um momento em que poucos podem deixar de pensar e que poucos arrostam com coragem.

E lembro-me quão vago era o futuro que se me apresentava na frente. Havia oito mezes que meu pae morrera e deixara tão pouco que escassamente satisfizera os seus muitos crédores. Sobrevivera a minha mãe apenas tres mezes; e eu attribuia os seus infortunios á dôr que soffrera com a sua perda. Nunca, depois d'isso, trabalhou com a energia anterior. Eu não sabia que a sua pobresa era tamanha, mas lastimei-o na sua infelicidade, e enternecia-me a idéa de que era por causa de minha mãe. A somma remanescente, depois de pagos todos os crédores, mal chegava para me manter em Cambridge até a minha formatura. Eu possuia os meus dois cursos, mas as minhas dividas tinham progredido com elles, e quando chegou o fatal termo de maio, reconheci que só a morte os poderia liquidar.

Não é preciso dizer que conto encontrar alguma occupação, e encontral-a rapidamente. Os desejos de meus paes, nos seus dias de prosperidade, eram que eu fosse director de uma das nossas grandes escolas, onde a sua influencia se tornara consideravel. A minha optima classificação justificava esse anhelos. Escolhera as sciencias moraes e conhecia-as a fundo. Essa escolha fóra devida talvez a meu pae ter grande predilecção pela logica e philosophia, e, embora fosse advogado com larga pratica commercial, possuia abundante leitura da litteratura alleman e ingleza. Esta minha escolha afigurava-se-me agora infeliz. Não podia conservar esperanças ácerca do professorado e como me atreveria a apresentar-me n'uma casa commercial e dizer: «A minha logica é irreprehensivel, desejo ser guarda-livros». N'este ponto a universidade causara-me mal e não bem. O facto era indubitavel, embora o raciocinio parecesse uma traição feita a Cambridge que eu tanto adorava.

Como vêem, precisava de ganhar a minha vida e não perder tempo n'essa diligencia. Escrevera alguns artigos para as mais sérias revistas e não me sahira mal do empreendimento. Um estudo critico sobre Marx nas paginas do *Fortnightly* angariara-me muitos amigos. Publiquei um longo artigo ácerca do «Individualismo» no *Quarterly* e esboçara criticas de diversos livros n'alguns diarios litterarios. Esta especie de trabalho, como todos sabem, não dá de comer a ninguem. Pensei que melhoraria de situação se a este labor juntasse o ser secretario de qualquer personagem, e para esse effeito inseri um annuncio no *Times* explicando o que desejava e quaes as minhas habilitações. A resposta a este annuncio constitue o principio da singular historia que vou contar.

Esperava coisa muito differente, uma extensa correspondencia, talvez, e com certeza a apresentação de certificados. Quem quer que me tomasse a seu serviço, raciocinava, desejaria obter informações minhas dos meus professores; discutiria o caso das minhas aptidões para o logar, a minha capacidade e o ordenado que pediria. Imaginara ligar-me a um membro do Parlamento, ou talvez a um diplomata, porque falo francez e allemão e viajei muito com meu pae. Que devia eu imaginar, quando recebi duas linhas escriptas n'um folha de papel tarjada de preto, que me eram endereçadas do Hotel Claridge e que me informavam que Mr. Jehan Cavanagh se considerava satisfeito em me tomar ao seu serviço immediatamente, Se, de subito, tivesse cahido um enorme diamante na minha frente não me surprehenderia mais. Pois não era Jehan Cavanagh o grande magnate dos caminhos de ferro canadianos, e o seu nome não me era tão familiar como o do proprio Mr. Rockefeller?

Convem notar que a mensagem não excedia duas linhas.

*«Mr. Jehan Cavanagh apresenta os seus cumprimentos a Mr. Bruce Ingersoll e ficaria muito satisfeito se pudesse começar a aproveitar os seus serviços no proximo dia 15 de junho.»*

Como é facil de observar, nem exigia referencias nem mencionava ordenado. Nem sequer sabia onde iria desempenhar os meus serviços nem a sua natureza. E todavia o

nome do signatario era d'uma garantia tal que até os mais incrédulos o teriam accettato. Não havia individualidade mais proeminente que a sua para quem se interessasse pelo futuro do Canadá e pela sua rede ferroviaria. Todos tinham visto nos jornaes illustrados gravuras das suas coutadas e do seu yacht. Quando seu pae, o famoso politico e financeiro de Quebec, foi assassinado pelos fanaticos de Baku, havia dez mezes, a imprensa tratara do caso como d'uma tragedia universal. E este homem desejava que eu fosse seu secretario; dispunha-se a empregar-me sem me ver, não descia a combinar o meu ordenado, nem me fazia a minima pergunta! Se fosse menos afamado, ou a sua reputação menos firme, esta circumstancia ter-me-hia posto de sobreaviso contra elle. Mas mais depressa duvidaria da solidez do Banco de Inglaterra, e hesitei tanto em me dirigir a elle como vacillara em frequentar as aulas.

Eis qual era o estado dos meus negocios na manhan do meu ultimo dia em Cambridge. Minha tia Mary e Una tinham já voltado para S. Peter onde possuíam uma casa. Prestara o meu juramento solemne ante o vice-chancellor e recebera o respectivo diploma de doutor. Restava distribuir os meus coçados trajes escolares; gratificar o meu creado; tratar da venda da mobilia; e finalmente entender-me com os meus fornecedores. Tudo isto eram tarefas incommodativas, mas a ultima apavorava-me. Os meus haveres subiam ao todo a cento e cincoenta libras, e eu devia cerca de tresentas em Cambridge. Não possuindo o dom de multiplicar o capital, não podia dirigir-me aos meus credores e lembrar-lhes que o tempo é dinheiro e que é mais digno de bençãos quem dá que quem recebe.

Acceitariam ou não a maxima. De qualquer maneira a diligencia não tinha nada de agradável e nunca me senti tão envergonhado na minha vida como quando entrei no estabelecimento de Messrs Warren e Fullerton, e declarei que desejava falar com um dos socios acerca de um assumpto particular. A estes negociantes devia eu aproximadamente cem libras e ia offerecer-lhes quarenta... e promessas.

Foi o proprio Mr. Fullerton quem me appareceu, emergindo do seu gabinete com os oculos erguidos para a testa e com um

sorriso amabilissimo nos labios. Nunca o vira tão affavel e essa coincidencia mais augmentou o meu embaraço.

— Quer que lhe faça algum fato novo para as férias? — perguntou-me.

Respondi-lhe que se tratava de coisa mais importante.

— E não tão agradável, infelizmente — accrescentei — venho cá por causa da minha conta, Mr. Fullerton.

— A sua conta está paga. Não lh'o comunicaram ainda?

Fitei-o como se me atirasse com uma nota do banco. O bom do velhote participava-me o caso mais surpreendente e engraçado que podia ouvir na minha vida. Com certeza, havia equívoco; o que tornava a minha posição ainda mais difficil.

— Paga! — bradei eu n'uma explosão de honestidade. — Mas quem a pagou?

— Não lh'o posso dizer. O meu socio está a lanchar. Mas lembro-me do cheque e do recibo que foi passado em troca. Lamento muito que lhe não tenham participado a occorrença.

— Está absolutamente certo do que affirma, Mr. Fullerton?

— Tão certo como da minha propria existencia. Não nos costumamos enganar aqui, Mr. Ingersoll.

Chamou o empregado principal, um homem chamado Humphreys, e perguntou-lhe se a minha conta não fôra liquidada.

O digno empregado, esfregou as mãos como se as lavasse n'uma agua mythica e assegurou que o cheque fôra pago no banco havia tres dias. Compreendi immediatamente que os dois não se podiam ter enganado.

— Bem — raciocinei — necessito agora cobrir a retirada — e alto, adduzi: — foi, supponho eu, o meu procurador quem saldou o debito. Se precisar d'alguma coisa durante o verão, escrever-lhe-hei a pedir amostras. E, é claro, se ainda quizer continuar a ser meu fornecedor . . .

Interrompeu-me declarando-me que fazer fato para mim era a suprema satisfação da sua vida, e que tinha algumas amostras de uma flanela ideal que causaria inveja a um imperador.

Esta cantiga de fornecedores não me commoveu e sahi d'ali para continuar a minha peregrinação. Talvez não fosse preciso

declarar que todos estavam pagos. Jonas, o estanqueiro de Market Place; Wasgood, o sapateiro de Sidney Street; Tufnell, que fabrica as melhores raquetas do mundo; Simkins, cujos pasteis vão direitinhos aos corações das primas ruborisadas; Wiseman, o livreiro; . . . em nenhum d'esses estabelecimentos eu devia a mais insignificante quantia. Affirmar que estava attonito é ficar áquem da sensação que experimentava. Havia como um presagio de morte em tudo isso. Nem me regosijava, nem me lamentava. Aquelle mysterio que se intrometia na minha vida excitava-me a curiosidade acima de qualquer outra emoção.

Seriam cerca de tres horas quando voltei para casa e mandei chamar uma caruagem. Tencionava partir para Londres no comboio da tarde e procurar ali immediatamente Mr. Cavanagh. Só depois de conferenciar com elle poderia resolver se sim ou não acceitaria as suas propostas. A sua generosidade longe de me agradar, amedrontava-me, mais até, despertava em mim vagas suspeitas.

Porque é que esse homem me protegia, e como é que eu, apenas sahido da universidade, me tornara tão necessario a elle que não só me tomava ao seu serviço, mas ainda me pagava préviamente todas as dividas? Só em Londres poderia responder a todas essas perguntas. Veremos como me enganava redondamente.

### III

#### JEHAN CAVANAGH

O comboio atrasou-se e eu só cheguei a King's Cross depois das seis. As pessoas que vivem na provincia experimentam com frequencia uma especial sensação de estranheza quando entram em Londres, e eu nunca me emancipei completamente d'essa impressão. N'essa noite addicionava-se uma certa dose do melancolia. Parecia-me estar muito só. O que me reservava o futuro? E, para ser franco, o meu generoso desconhecido preocupava-me mesmo no comboio. Porque procedera assim? Qual o motivo?

Estes pensamentos enchiam-me a cabeça quando um trem me conduziu ao Hotel Claridge. Ia um tanto excitado e tive como uma brilhante visão. Talvez descobrisse que a Mr. Jehan Cavanagh sobravam razões para

assim me tratar. Quem sabe se em vez de me apoquentar devesse regosijar-me e abençoar o annuncio que me proporcionara tal chefe. Eram estes os meus raciocinios quando a carruagem parou á porta do Hotel Claridge e perguntei por Mr. Cavanagh. A certeza de me encontrar n'aquelle sitio augmentava o meu optimismo. Frente a frente com elle saberia toda a verdade. Nenhum de nós tinha nada que occultar. . . suppôl-o era um absurdo.

O escripturario do hotel deu-me por escolta um arrogante lacaio, e o homemsinho, comprehendendo que devia alguma coisa ao seu collete côr de canario e aos seus flamantes calções de pellucia, conduziu-me com impertigada gravidade ao primeiro andar, e ahi n'uma antecamara esplendidamente mobilada, pediu-me o meu cartão e disse-me que esperasse. Esta sala era muito pequena; e a porta que a separava d'outra mais espaçosa estava entreaberta quando eu entrei, o que me permittiu ouvir um pouco da conversação animada que a apparição do lacaio interrompeu. Depois de trocadas algumas palavras, appareceu subitamente um homem á entrada e lançou-me um olhar investigador antes de eu ter tempo de o relancear. Assegurar que no seu aspecto havia o quer que fosse de extraordinario era transmittir uma falsa impressão do seu physico e do quasi repulsivo character do seu rosto. Viajei muito como expliquei, e tomei-o immediatamente por um argelino. O facto de se me dirigir em francez mais radicou esta opinião no meu espirito. Era um argelino ao serviço de Mr. Cavanagh, raciocinei, talvez um *chauffeur* como o seu traje parecia indicar. E de ahi, quem sabe? A impressão causada por elle não me desapareceu facilmente, devida, é possivel, ao seu feio traje.

— Recebeu indicação de Mr. Cavanagh para vir cá hoje? — perguntou-me.

Respondi-lhe que não.

— Vou levar o seu bilhete a Mr. Edward — continuou — mas duvido que possa falar com o meu patrão.

Era pouco animador e esperei fundamente desapontado. Decorreu cerca de um quarto de hora sem que ninguem tornasse a apparecer. Depois encontrei-me defronte do homem de maneiras mais insinuantes que podia existir em Londres. Baixo, de cabello ne-

gro, curto, de fato preto, sereno nos seus movimentos, de palavras mansas, dirigiu-se a mim com o ar de um homem que receia evaporar-se se alguém conversar com elle n'outro tom que não seja o d'um murmurio.

— E' Mr. Ingersoll? — inquiriu n'um sópro.

Redargui-lhe affirmativamente.

— Mr. Cavanagh não o esperava esta noite, mas creio que o deseja vêr. Queira entrar para esta casa

Conduziu-me ao aposento contiguo onde eu ouvira o som de vozes, e d'ali, a uma saleta, mobilada como todas as saletas dos hoteis, e sem nada de especial. A saleta estava só, o argelino sumira-se. Indicou-me uma cadeira e com a sua voz meliflua, disse-me:

— Deseja lêr algum jornal? — inquiriu.

Peguei no numero do *Wesminster* que me offerencia e abri-o ao acaso. Como se pudesse lêr em tal momento!

— Vou participar a Mr. Cavanagh a sua chegada — proseguir; — está occupado agora, mas não faz mal.

Agradei-lhe e elle sahio. O ruido de uma conversação que chegava até mim de uma casa annexa, a que talvez esta servisse de ante-camara, convencera-me que me apresentara n'uma occasião impropria, e que seria melhor addiar a minha entrevista para outro instante. Para realizar este intento tornava-se necessario que o proprio Mr. Cavanagh não entrasse na saleta, antes mesmo de eu atirar para o lado com o jornal. Levantei-me de salto, examinando-o com a pertinaz fixidez com que se perscruta a physionomia d'aquelles que teem o nosso futuro nas suas mãos.

Deverei descrever Jehan Canavagh, ou o que a imprensa relatou a seu respeito é o bastante? Não ha mais impressionante rosto em Inglaterra ou na America. Alto, de bello physico, possuia a attracção magnetica das grandes personalidades. E' canadiano, como todos sabem; mas o que alguns desconhecem é que seu pae partiu da Irlanda para a America aos vinte annos. Sua mãe era uma parisiense pura; não conjecturo o motivo porque se chamava Jehan.

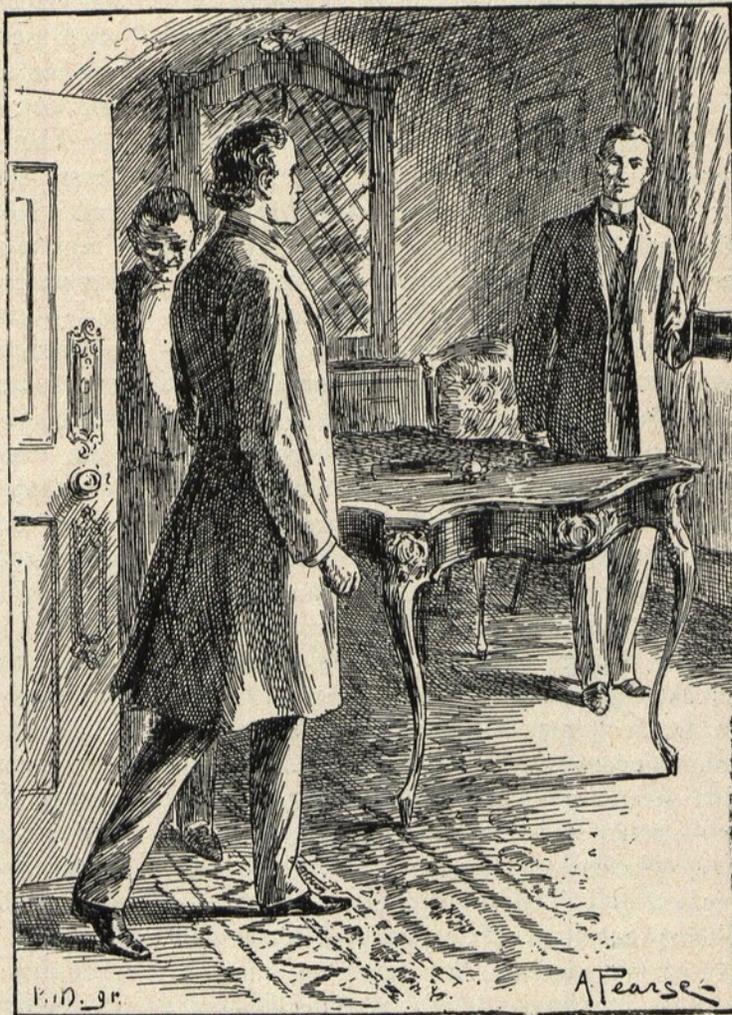
Dispõe de todas as qualidades dos celtas: impetuosidade, uma tremenda capacidade de avaliar as pessoas n'um simples relancear de olhos, indole compassiva, natureza franca e bem dotada, instinctos artisticos. A juntar

a isto, o que é notorio, é um portento nos labirintos da finança e ninguem o excede nas tricas da diplomacia financeira e internacional. Ha poucas linhas ferreas do Canadá que não lhe devam alguma coisa da sua soberba prosperidade. Desenvolveu, de um modo quasi maravilhoso, a producção dos poços de petroleo de Baku, que seu pae perfurou. São propriedade sua meia duzia de jornaes no Canadá e tres na America. O seu *yacht* é uma fabula de magnificencia; os seus thesouros de arte seriam um presente que as maiores nações ambicionariam. Sempre julguei que não fosse casado, nem tivesse casa na Europa. Só o conhecia então por informações, mas n'esse momento os meus olhos fitaram-se n'elle pela primeira vez na minha vida, no Hotel Claridge, n'aquella inolvidavel noite de junho.

Imaginem um homem de seis pés e tres pollegadas e meia de altura, de cara oval e tão trigueira que a sua complexão podia designar-se de morena; supponham uma figura robusta e extremamente bem proporcionada; phantasiem uns olhos azues e profundos, um cabello negro de azeviche e annelado, um nariz um tanto proeminente, uns labios grossos, uma bocca rasgada, mãos delicadas como se fosse de mulher; vistam este corpo com um facto cinzento e com uma gravata tambem cinzenta a condizer; colloquem um pequenissimo brilhante na sua gravata e um anel de ouro massiço no annelar da mão esquerda; penteiem-lhe o crespo cabello negro para a testa, e atrás, de modo a roçar pelo collarinho; presumam um semblante completamente rapado; um modo expedito, perscrutador e vivo; uma voz profunda e bem timbrada, e tem Jehan Cavanagh deante de si, tal como eu o vi no Hotel Claridge e ouvi a sentença do meu destino dos seus labios. Mas o prodigioso magnetismo do seu aspecto não é o sufficiente para o conhecer como eu o conheci durante os terriveis mezes que me demorei ao seu serviço.

— Mr. Ingersoll, não é verdade? — disse elle, entrando na saleta.

Retorqui-lhe que era, que viera de Cambridge procural-o em resposta á sua carta. Para ser franco, penso que elle não ouviu uma unica das minhas palavras. O pregão de um garoto que berrava na rua attrahia-



— MR. INGERSOLL, NÃO É VERDADE?

lhe a atenção, e voltou a cara para a janella. Em seguida tocou uma pequena campainha que estava em cima da mesa e chamou o dengoso empregado a quem chamavam Edward.

— Estou á espera! — exclamou elle n'um tom que denotava impaciencia e quasi zanga. — Pois não ouviu?

— Peço desculpa; prometteu que mandava o jornal cá acima.

— Communique-lhe que, se isso se repetir, não volto aqui. Mande approximar immediatamente o automovel.

Mr. Edward sahio e deixou-nos sós. O garoto continuava a apregoar o jornal da tarde, e só ao de leve reparei na anciedade manifestada por Mr. Cavanagh. O que me inquietava, é que pareceu não dar pela minha presença durante todo o tempo que esperou pelo jornal. Não me disse nada, não olhou para mim; permaneceu junto da janella escutando o garoto, esfregando os olhos, e assim se conservou n'aquella curiosa attitude até que o empregado voltou trazendo o jornal.

— Não foi culpa de ninguém. O rapaz esqueceu-se de o mandar cá acima.

— Não lhe dê nada quando sairmos. Edward e Mr. Ingersoll vão a Hutingdon commigo. Jantaremos quando chegarmos. Expeça um telegramma a dizer isto.

Desdobrou o jornal emquanto falava e fixou os olhos na primeira columna da pagina das noticias. O que lia parecia interessal-o enormemente. Era visivel o esforço dos seus olhos para apprehender o sentido de cada palavra. O seu costume de sacudir a massiça cabeça á maneira dos cães corpulentos e docéis mais denunciava a sua commoção. Conclui que o jornal inseria algum facto de grande importancia para elle e confirmava as suas peores previsões. Quando o atirou fora, já a sua mão nervosa o amarrotara tanto que quasi perdera a forma. Cahiu-lhe aos pés rasgado e amachucado — e então, e só então se lembrou de mim.

— Um homem que lê jornaes e acredita n'elles está louco — exclamou por fim. — Venha commigo, Mr. Ingersoll, teremos de jantar muito tarde. Não percamos tempo.

Que lhe havia de dizer? Que deixara a bagagem em King's Cross; que nada se combinara entre nós; que não sabia se devia acceitar ou rejeitar o seu offerecimento? A verdade é que me calei, mas baixando-me quando Mr. Cavanagh saiu da saleta, apanhei o jornal que attirara ao chão, segui-o até o vestibulo e entrei para o automovel com elle.

#### IV

##### A CASA DO FEN

O automovel era espaçoso e um rapido exame indicou-me que viera da Hollanda, da casa Spyker. Havia dois homens nos assentos da frente e reconheci n'um d'elles o ar-

gelino que encontrara antes nos aposentos de Mr. Cavanagh. Edward, o laçao, como depois soube ser o seu verdadeiro cargo, abriu-nos a porta. Fui o primeiro a entrar devido á insistencia de Mr. Cavanagh. Quando, porém, ia para subir, tambem elle se lembrou da minha bagagem.

— Deixou-a em King's Cross, certamente — exclamou, e, virando-se para Edward, accrescentou. — Outro carro que vá buscar as malas de Mr. Ingersoll e não se esqueça da sua raqueta de tennis.

Abri os olhos a esta observação, acreditem; como sabia elle que eu jogava o tennis? Não me deu, comtudo, tempo a fazer a pergunta, porque, sentando-se a meu lado, proseguiu:

— Em Waterbeach ha um terreno coberto, jogaremos ali. Um parceiro como o senhor é um achado para mim, mas com condições. Não me quero comparar a si... podiamol-o ter tomado em Cambridge, quando atravessamos a cidade.

Pensei que era sensato não me mostrar em demasia curioso, e animal-o a conversar... se pudesse abrir a bocca. O conhecer o meu jogo do tennis convenceu-me que eu não era um estranho para elle e que as suas investigações a meu respeito tinham sido completas. O que me espantava era a sua mudança de maneiras desde que sahiramos do hotel. Do choque que soffrera não existia o minimo signal. Conversava com o suave encanto que todos quantos d'elle se approximavam lhe reconheciam; e principiava a sentir que me eram concedidos privilegios de que não devia fazer alarde.

— Sempre lastimei não ter cursado a universidade — disse; — ganhar ou perder dinheiro é um objectivo mesquinho, embora seja muito n'estes dias. A frequencia das escolas superiores desenvolve a virilidade. Escreveria os seus artigos sobre o «Estado» e «Todos» se não cursasse a universidade? Era impossivel. A illustração só floresce n'uma atmospheria propria, da mesma maneira que uma palmeira não floresce no gelo. Todo o homem no seu meio, que concebe um grande pensamento serve-se do producto de milhares de pensadores que viveram antes d'elle; cada livro escripto não é o livro d'uma individualidade e sim o trabalho, a vida, dos que morreram, que brotam nas suas paginas... Eu pertença a um outro

mundo e esse facto moldou-me de forma diversa. Nunca transpuz as portas da sua esplendida academia sem me impressionar a alameda dos philosophos e sentir que daria immenso para poder dizer *quorum pars fui*. Orgulhe-se de Cambridge Mr. Ingersoll, nunca esqueça o que lhe deve.

Respondi que não me encontraria ali ocioso, mas que não podia deixar de accrescentar que a alameda dos philosophos era um tanto soporifera algumas vezes e que, de quando em quando, nos nossos dias, chegavam até lá varios echos do mundo. Esta reflexão não lhe agradou. Construiu um muro sagrado em redor do nosso senado e não queria que ninguem o escalasse.

— Ha no universo muito d'essa coisa que denominam modernismo — exclamou, — mas nada se faz com isso, Mr. Ingersoll. Não escute os que lhe elogiam tal principio. Tudo quanto possuo, qualquer mercieiro por grosso, deitando areia no assucar, que vende, pode possuir se se lhe metter na cabeça fazel-o. O que o senhor possui, nenhum dinheiro o compra. Acredite na experiencia que o tempo faculta e despreze o modernismo. Foi feliz durante quatro annos como nunca mais o tornará a ser. Agradeça-lhes, Mr. Ingersoll, foram esses quatro annos que justificaram para si esta phantasia a que chamamos vida.

Muito mais accrescentou sobre o mesmo assumpto, versando a sua conversa sobre o bom ensino e sobre os elogios que merece a minha saudosa Cambridge. Só dei por mim quasi fora de Londres; approximavamo-nos de Finchley quando um garoto na rua, correndo mais que um expresso, se dirigiu para o automovel, e nos offereceu o mesmo jornal que tanto impressionara Mr. Cavanagh no hotel. Desde esse instante o meu companheiro emmudeceu. Repelliu o gaiato com um gesto de accentuada ira, e deixou-se cahir sobre as almofadas como succumbido. Creio que andámos cerca de trinta milhas sem que me tornasse a dirigir a palavra.

Em Cambridge andei muitas vezes em motocylo, e era-me familiar cada pollegada da estrada. E' coisa facil de acontecer hoje em dia que o automobilismo é tão popular. Encontrámos e cruzamo-nos com uma immensidade de vehiculos n'aquella cálida noite de verão. Para ser sincero, não ha nada tão delicioso como um passeio de automovel de

noite, quando as estrellas scintillam docemente por cima das nossas cabeças, ou a lua brilha n'um céu limpido. N'essa noite a lua estava em quarto mingoante e pouco serviço nos prestava, mas o firmamento conservava-se claro e o ar soprava fresco e agradável como a brisa do mar.

Lembro-me que sahimos do hotel um pouco antes das sete e que eram sete e meia quando atravessámos Barnet. N'esse sitio, como todos sabem, o campo começa a limpar-se de aldeias. A estrada orla-se de mattas. Breve se chega a Hatfield Park e entrevê-se, atravez das portas de bronze, o sumptuoso palacio. E assim por ahi fora até Welwyn, em Digowell Hill, por meio de uma deliciosa paisagem coberta de arvoredos como se não encontra em nenhuma outra parte a não ser n'este jardim da nossa Inglaterra.

Disse que Mr. Cavanagh se atirara para traz e fechou os olhos como se dormisse. Não quiz imitar o seu exemplo. O que via deliciava-me e divertia-me. Os meus olhos perscrutavam cada recanto da estrada. Podia encher as florestas de gente e evocar personagens de ha um seculo; recordar os nomes das carruagens que galopavam em direcção a Londres por esta famosa arteria; reconstruir as pousadas; e enxergar os vultos escondidos dos salteadores. A musica da esplendida machina transformou-se para mim n'um murmúrio de vozes de duendes trazidas pela brisa estival. Deante de mim desdobrava-se um variado panorama; cidades e aldeias, bosques e prados, montes e valles. Quando a escuridão se tornou mais profunda e brilharam luzes nas janellas das vivendas campesinas, suppuz-me um mensageiro do rei, dos velhos tempos, correndo desordenadamente para o norte e deixando a tocar a rebate todos os logarejos. As sombras indecisas do crepusculo mais auxiliavam a illusão. Arrastavam-me para um ambiente novo, em companhia de extranhos que tinham o meu futuro ao seu dispôr. Mesmo as luzes de Cambridge só com difficuldade me chamavam á razão. Rendera-me completamente ante a magia da noite e sentia-me como estremunhado quando M. Cavanagh de subito me perguntou:

— Conhece a estrada de Hutingdon?

— Uma bella estrada — retorqui — e pouca gente por ella.

— Foi essa a razão da minha preferencia,

Mr. Ingersoll. Devemos agradecer andar pouca gente pela estrada n'estes dias. A minha casa fica nas margens do Fen... isto é a casa onde actualmente resido. Pertenceu em tempos ao capitulo de Ely. Creio que ainda lhe pertence, pois tem ali muitos rendeiros. E' um logar antigo e excêntrico que merece ser visitado. Se soffre de rheumatismo, cautella, mas quem soffre de rheumatismo aos vinte e um annos! Tenho trinta e nove e não gosto de falar n'isso. Olhe pela sua saude, não a trate ao de leve.

Respondi qualquer trivialidade e instei para que me dissesse alguma mais ácerca da casa para onde nos dirigiamos.

— Não vive aqui muito tempo? — comentei — Viaja tanto!

Não se resentiu com a minha curiosidade.

— Quem não viaja não vive — declarou — e se desejo viver muito é porque posso viajar. O descanso que se segue a uma viagem é como o charuto depois de um bom jantar. Aluguei esta casa para meu socego. Pedi-lhe para vir commigo porque pode auxiliar-me n'esse intento. Aqui, escondo-me do mundo. Além dos meus creados, em quem confio, não existe homem ou mulher que saiba que eu moro na casa do Fen. Guardará segredo, porque é esse um dos seus principaes requisitos. Seja o que fôr que se passe aqui, espante-o ou não, lembre-se que é para meu descanso. Basta que comprehenda isto e obterá resposta a muitas perguntas. Somos dois entes que fugimos do universo... durante uma hora e tanto. A nossa cidadella é inexpugnável. Rimo-nos dos nossos amigos e dos nossos inimigos. Quando voltarmos, adeus repouso. Foi um dia funesto. Não pensemos n'isso.

Tornou a recostar-se, e, a despeito de affectar uma certa alegria, ouvi-o soltar um profundo suspiro e estampou-se-lhe no rosto uma expressão de cruciante anciedade. Confessar que essa circumstancia me surpreendeu é revelar a verdade. Calculei as immensas responsabilidades que pesavam sobre elle, o fardo das suas riquezas, o isolamento da sua vida. Os homens como elle, é demasiado conhecido, raras vezes são felizes. Sentia crescer dentro em mim uma intensa piedade, e ia para dar largas á phantasia, mas de repente o automovel metteu por um atalho, parou, e o homem a quem eu designava

por argelino apeou-se, e, deliberadamente, apagou as lanternas de acetylene.

O que succedia era na verdade curioso e muito me deu que pensar. O procedimento de Mr. Cavanagh, a quem os jornaes podiam acompanhar até o polo norte se fosse ali, afigurava-se pouco logico. Ninguem seguia um automovel Spyker de quarenta cavallos a menos que não dispuzesse d'outro de igual força para esse fim. Sahiramos da estrada real, na qual não se divisava viv'alma desde que nos afastamos dos arrabaldes de Cambridge. Ali, n'esse escuro atalho, onde as sebes se erguiam formidaveis por cima das nossas cabeças e onde a custo a vacillante claridade do crepusculo podia penetrar, a necessidade das poderosas lanternas da frente, duplicava. E ainda o tal africano, como eu lhe chamava, não só as apagara cautelosamente, mas voltou á estrada e lançou um rapido olhar em todas as direcções antes de reoccupar o seu logar. Foram estes factos que me tornaram pensativo. Imaginam, certamente, com que razão!

Principiámos a rodar por uma estreita vereda, ás escuras; o automovel mantinha-se em absoluto silencio, e nem o mais pequeno som da potente buzina prevenia qualquer viandante da nossa aproximação. O pouco que podia ver assemelhava-se a um sitio selvagem, como uma aldeia abandonada, um relvado oval com uma ou outra vivenda em redor, mas estas vivendas estavam a desabar e ermas, e perto uma egreja que não apresentava melhor aspecto. Lobriguei isto durante umas cem jardas ou mais; depois o automovel, virando rapidamente, parou, e percebi que nos encontravamos ás portas de uma casa e que um homem nol-as abria. A escuridão era enorme para o distinguir, e poder retratar, e mesmo para o fazer não dispuz, ao todo, de mais de trinta segundos. D'este ponto fomos conduzidos por um trilho sem arvoredo e d'ali através d'uma espessa matta a um dos parques mais planos que existem em Inglaterra. Conheço muito bem os suburbios de Cambridge, mas nunca suspeitei da existencia de uma tão cuidada propriedade na planicie do Fen; e, quando, decorridos uns instantes, se me deparou subitamente a casa, surpreendi-me que escapasse ás investigações dos antiquarios e que se conservasse em pleno seculo vinte n'um tão invejavel incognito.

Escrevi que a casa se me deparara de subito, e não exagerei a phrase. A noite estava tão escura que eu não podia ter visto nada absolutamente, se não existisse na parte superior da residencia um intenso foco electrico. A apparição foi repentina, envôlta n'um amplo arco de luz deslumbrante, batida em chéio como pelo projector de um navio de guerra, que illuminava quantos pedaços de relva atravessaramos.

Circumdava a casa como uma aureola, e, sem grande esforço de imaginação podia suppor-me defronte de um castello medieval, situado n'uma das extensas planuras da Touraine ou no valle do Garonna. Uma floresta de torres redondas desenhava as suas ameias e perfis no firmamento e debruçava-se ameaçadora sobre um lago ou rio, não sei bem ao certo. Se me deitasse a conjecturar denominal-a-hia uma velha construção normanda ou talvez lhe attribuisse idade ainda mais remota. Não apresentava nenhuns vestigios de conforto moderno a não ser aquelle feixe luminoso que me permittiu abranger tudo n'um momento. Mr. Cavanagh ouviu, naturalmente, a minha exclamação de pasmo quando a luz surgiu e pareceu agradecer-lhe o meu espanto.

— E' o meu observatorio — explicou, e adduziu apressadamente — e tambem uma

das minhas diversões. Gostamos de ver quem anda de noite por estas immediações, embora os meus guardas não approvem este processo. Não lhe digo nada ácerca da casa, dentro de cinco minutos fará a sua critica. E' um solar velhissimo; ha dois annos não era mais que um acervo de ruinas. Os constructores, porém, trabalharam depressa e transformaram-n'o n'uma das mais curiosas habitações que hoje existem. A'manhã apresentar-lhe-hei as minhas desculpas por tel-a arrendado em seu nome.

Olhei para elle como se me tivesse dado uma bofetada.

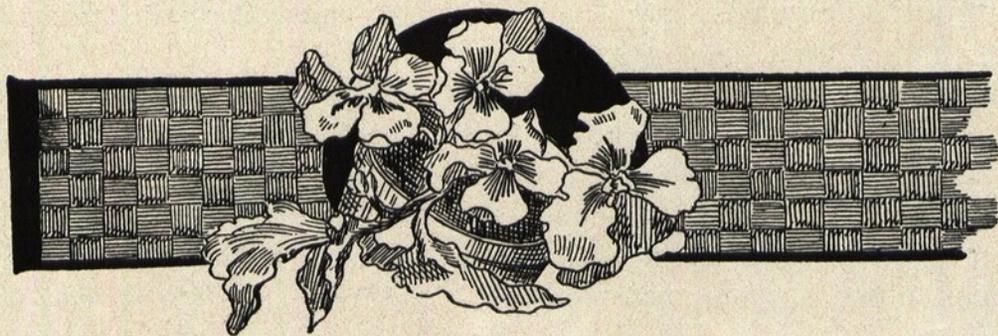
— Em meu nome?

— Em seu nome, Mr. Ingersoll. Entre, tome posse... e zangue-se commigo depois. Não nos vestiremos para o jantar. Já passa das nove...

O automovel parou em quanto falava, e veiu ter comnosco um mordomo, muito inglez e muito delicado. Não proferi uma palavra quando segui o meu chefe até o salão, nem depois quando um laçao me conduziu ao meu quarto.

O mundo modificara-se, com certeza, desde que eu sahira n'essa manhan de Cambridge. Ainda era Bruce Ingersoll, mas quem me poderia dizer o que estes singulares acontecimentos presagiavam?

(Continúa.)





## A MACAMBUZIA E O Chicote magico

**N**'UMA choupanasinha construida na encosta verdejante da serra, vivia, ha já muitos centos de annos, um

camponez em companhia de sua mulher.

Tinham só uma filha, ainda pequena, de nome Joanna. Porque a viam andar sempre com uns ares exquisitos, pensativa, tristonha, não faziam grande caso d'ella e chamavam-lhe a «Macambuzia» e outras coisas pouco agradaveis.

Ora a mais de trezentas leguas d'aquella serra e em outra nação, vivia um rei e uma rainha, que tinham um filho unico, chamado Rosamundo, bonito rapaz, a' quem os paes queriam muito e faziam todas as vontades.

Uma noite, Rosamundo teve um sonho muito singular. Sonhou que andando a passear n'uma cidade desconhecida para elle, chegara em frente de uma casa muito velha, cuja porta estava aberta. Olhou para dentro e viu um quarto escuro, de tecto baixo, apenas alumiado pelo lume de pinhas que ardia na chaminé. Junto d'esta estava uma bonita rapariguinha, mexendo uma grande panella, e ao mesmo tempo que a mexia, derramava muitas lagrimas que lhe escorriam vagarosamente pelas faces e cahiam, uma e uma, para dentro da panella.

Mas a rapariguinha nem por um instante parava de mexer, e o principe admirou-se muito de a ver chorar tanto e pediu-lhe que dissesse a maneira como poderia consolal-a do seu desgosto. A rapariguinha continuou a mexer a panella e a chorar, e nem sequer se voltou para o lado onde elle estava. Então o principe quiz entrar no quarto escuro e avançar para a rapariguinha, mas n'isto acordou sobresaltado e percebeu que tinha sido tudo um sonho.

Rosamundo saltou logo para fóra da cama, pegou n'uma penna e n'um bocado de pergaminho, e fez apressadamente o retrato da rapariguinha do sonho, porque tinha muito geito para o desenho. E representou-a tal qual a tinha visto, com o vestido exquisito com que ella estava e que não se parecia com os que usavam as mulheres do reino de seu pae.

Não satisfeito com o possuir apenas o retrato da sua bella, em vez do

rapaz alegre e folgazão que tinha sido até ali, tornou-se pensativo e tristonho, e foi emmagrecendo e perdendo as côres, a tal ponto que os paes se assustaram e quizeram saber que pesar o affligia.

Rosamundo não respondeu nada e não fez senão suspirar.

Veiu o physico do paço, e depois de examinal-o bem, disse para o rei e para a rainha:

— O que o principe necessita é viajar, correr as sete partidas do mundo. Só assim poderá distrahir-se e esquecer o desgosto que o afflige.

Então o rei e a rainha perguntaram ao filho se queria ir ver terras, o que, diga-se a verdade, daria grande magoa ao coração de ambos elles.

Rosamundo poz-se logo muito alegre e respondeu:

— Meus queridos paes, sabereis que nada me dará tanto prazer, comtanto que eu jorneie sósinho e a pé, como se fosse um pobre de Christo.

Foi assim que Rosamundo se poz a caminho, levando apenas comsigo um chicote, com um açoite muito forte e comprido, e o retrato da rapariguinha do sonho.

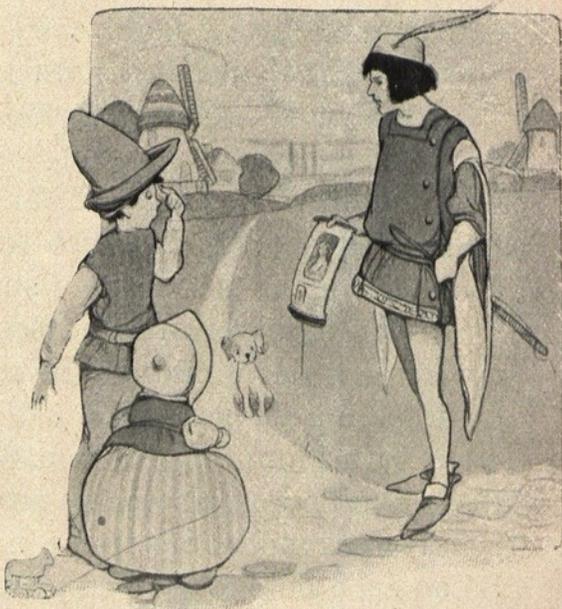
Logo que se viu fóra do reino de seu pae, foi mostrando o retrato a quantas pessoas encontrava e perguntando a todas se lhe sabiam dar noticias da rapariguinha vestida d'aquella maneira. Mas nenhuma soube dizer-lhe nada.

Assim se passaram dois annos, até que um dia Rosamundo foi ter a uma cidadezinha differente de todas as que até ali tinha visto, e encontrou, com grande prazer do seu coração, mulheres vestidas do mesmo modo que a rapariguinha do sonho.

Cheio de esperança, foi correndo todas as ruas e espreitando para dentro de todas as casas, emquanto houve ares de dia. Ao lusco-fusco estava n'uma viella, que ficava nas trazeiras de uma estalagem e viu uma janella illuminada pelo clarão do lume que ardia no interior do quarto. Vae então Rosamundo espreitou atravez da janella e lobrigou o quadro que tinha visto em sonhos: a fogueira de pinhas a arder na chaminé, uma panella preta fazendo rom-rom em cima do lume, a rapariguinha a chorar muito e o quarto de tecto baixo e ennegrecido.

O principe bateu e tornou a bater nos vidros da janella, e chamou umas poucas de vezes em voz muito alta, mas a rapariguinha continuou a mexer a panella e não deu mostras de o ter visto nem de o ter ouvido.

Rosamundo foi d'ali muito descorçoado, cuidando que seria surdá a rapariguinha, mas no dia seguinte voltou com mais esperança, resolvido a tirar informações a respeito d'ella. Entrou na estalagem e pediu de almoçar. Quando



FOI MOSTRANDO O RETRATO A QUANTAS PESSOAS ENCONTRAVA

o estalajadeiro lhe veio trazer uma malga de leite e um pão quasi tão negro como a cara de um preto, Rosamundo perguntou-lhe quem era a rapariguinha que tinha visto na vespera á tarde.

O estalajadeiro fez logo uma cara de poucos amigos, mas respondeu velhacamente:

— A rapariguinha chama-se Joanna, mas a gente só a trata pela «Macambuzia». Tomei-a para criada ha uns dois annos, embora o pespêgo de pouco sirva. E' ella que faz o caldo para os moços de lavoura, pois ainda que lhe deite uma pinga ou duas a mais de agua salgada com isso não o estraga, emquanto que estragaria outra coisa sobre que derramasse as lagrimas, que está sempre a chorar. E nunca préga olho quer de noite, quer de dia, nem responde ao que se lhe diz.

— Ah! E' surda? perguntou o principe.

— Não. E' «Macambuzia», e por isso lhe deram este nome, respondeu o estalajadeiro.

Rosamundo ainda lhe fez outras perguntas, mas não ficou mais adeantado, porque o estalajadeiro tinha medo de que o viajante lhe quizesse tirar Joanna, a quem não pagava soldada.

— Se desejaes informações completas, disse-lhe elle por fim, ide pedil-as ao Homem da Montanha Branca. E' pessoa muito sabia e conheceu-a antes de a Joanna vir para cá.

Ora a Montanha Branca ficava d'ali a um rôr de leguas, e o estalajadeiro disse aquillo ao principe só para o ver pelas costas.

Rosamundo fiou-se-lhe na palavra e abalou para a Montanha Branca. Só ao cabo de oito dias de jornada a avistou, muito alva da neve que a cobria.

Por isso lhe tinham posto aquelle nome. Na falda da montanha havia uma lagôa muito azul, e á beira da lagôa uma gruta cavada no gelo. Rosa-

mundo entrou na gruta e viu logo um homem tão edoso que a gente mais velha d'aquelles sitios sempre o tinha conhecido com o cabelo e a barba toda branca e o corpo vergado para o chão.

Sabia tudo aquelle homem, não só do passado mas do que estava para acontecer. Veiu ao encontro do principe, pois que adivinhara o que elle queria perguntar-lhe, e respondeu com um aceno á grande reverencia que Rosamundo lhe fez.

— Filho, disse-lhe o velho, vens pedir-me informações a respeito de Joanna, pois não é assim? E' filha de honrados camponeses, que não gostavam d'ella porque a viam sempre a scismar e porque não podiam dar-lhe



NÃO GOSTAVAM D'ELLA PORQUE A VIAM SEMPRE A SCISMAR

trabalho mais custoso. Depois da morte dos paes, ficou em grande miseria, e foi para a cidade em busca de um pedaço de pão com que matasse a fome. O estalajadeiro tomou-a para casa e faz d'ella uma verdadeira escrava, porque a rapariguinha é mansa de genio e vive n'um sonho perpetuo.

— E porque chora tanto? perguntou Rosamundo. Dizei-m'o, pelo amor de Deus!

— Chora porque está sempre a sonhar, respondeu o velho, e porque os seus sonhos são tristes. Quando acordar, tornar-se-ha feliz e nunca mais chorará.

— E como posso eu acordal-a? tornou Rosamundo a perguntar. Chamei-a muitas vezes e ella não me ouviu.

— A unica maneira, meu filho, de fazer com que te ouça, é entrares na cozinha onde Joanna está, e, sem ella te ver, metteres a ponta do açoite do teu chicote na panella para onde cahem as suas lagrimas. Olhará em volta de si, querendo saber quem pretende estragar-lhe a sopa, e apenas te vir, acordará.

— E ficará logo sendo feliz? perguntou Rosamundo, ajoelhando aos pés do velho e beijando-lhe a mão.

— Sim.

— Graça vos dou, meu pae!

Rosamundo já se ia embora, quando o velho o chamou e lhe disse:

— Espera, que me esqueceu avisar-te de uma coisa. Quando Joanna acordar, dá dois estalos com o chicote, de contrario ficas arriscado a perdela para sempre.

— Não me esqueço, respondeu o principe. Adeus!

Apressou-se tanto na volta, que em dois dias chegou á estalagem onde Joanna tinha ficado. Entrou logo na cozinha que estava alumuada, como da primeira vez, só pelo lume que ardia na chaminé. Sempre a mexer a sopa, Joanna não o sentiu e continuou a chorar conforme o seu costume. O principe foi por traz d'ella, pé ante pé, e passando-lhe o chicote por cima do hombro, mettu a ponta do açoite dentro da panella,

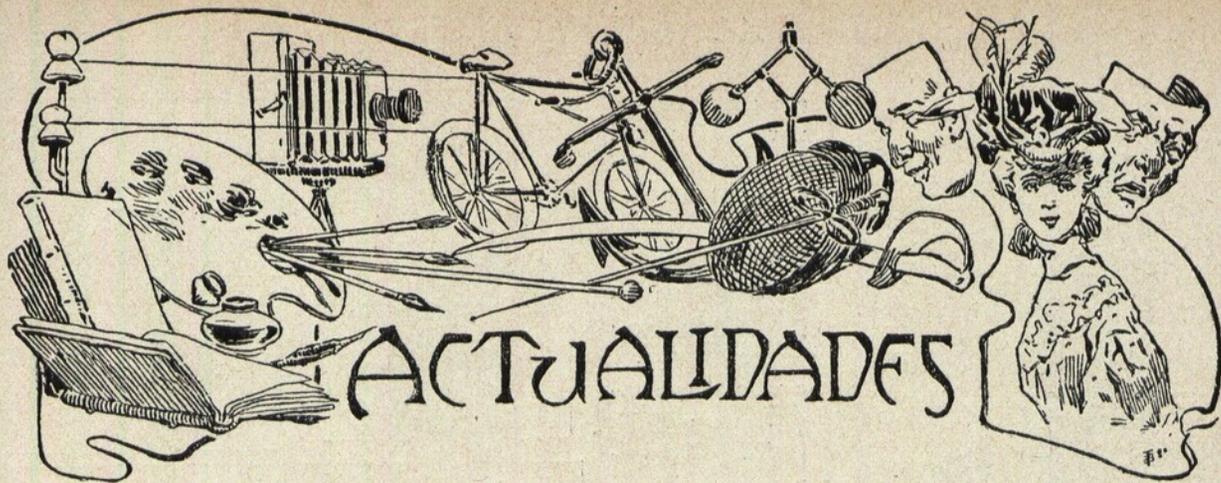
Joanna olhou em volta de si muito assustada, e, mal deu com os olhos em Rosamundo, soltou um grito fortissimo e cahiu nos braços que elle lhe estendia. Porém as lagrimas tinham-se-lhe enxugado dos olhos e o seu rosto só mostrava felicidade.

Rosamundo ficou tão enlevado na formosura de Joanna que por alguns momentos se esqueceu do aviso que recebera do Homem da Montanha Branca, e só tinha tido tempo de dar um estalo com o chicote, quando a porta da cosinha se abriu de par em par e entrou por ali dentro o estalajadeiro.

— Não te envergonhas da tua ingratidão? disse elle, agarrando Joanna e tirando-a dos braços de Rosamundo. Não consinto que saías de minha casa! Xit!... Tric! Trac!

O açoite de correia assobiou no ar, e enroscou-se em volta das pernas do estalajadeiro, que deu um berro de desespero e saltou para o ar, tendo aberto a mão que segurava em Joanna. No entretanto, Rosamundo, levando





## Grandes topicos

O novo gabinete inglez **N**OTICIAMOS no nosso ultimo numero a demissão de *sir* Henry Campbell Bannerman da chefia do gabinete inglez e a nomeação de mr. Asquith, em seu logar. Substituido o chefe, era natural que o gabinete soffresse modificações, a despeito da identidade de vistas que sempre pareceu existir entre os dois. De facto, passados trez ou quatro dias sobre a sua nomeação, mr. Asquith apresentava ao rei Eduardo a recomposição do ministerio, que ficou assim constituído:

Primeiro ministro, Asquith; lord grande chancellor, lord Lareburn; presidente do conselho privado,

lord Twedmouth; lord do sello privado, marquez de Ripon; chancellor da fazenda, Lloyd George; secretario do interior, Herbert Gladstone; secretario dos negocios estrangeiros, Edward Grey; secretario das colonias, lord Crewe; secretario da guerra, R. Haldane; secretario da India, John Morley; primeiro lord do almirantado, Reginald Mac Kenna; secretario da Escossia, John Sineclair; ministro do commercio, Winston Churchill; ministro do trabalho e hygiene, John Burns; ministro da agricultura, lord Carrington; ministro da instrucção publica, Walter Runciman; chancellor do ducado de Lancaster, Henry Tawler; secretario da Irlanda, J. Brice; ministro dos correios, lord Stanley.

Como se póde calcular, a im-

prensa ingleza commentou largamente a composição do novo ministerio, sendo quasi unanime em elogial-a. A escolha de Lloyd George para a pasta da fazenda foi geralmente bem aceite, pois o novo ministro, que é um advogado de grande fama, já deu brilhantes provas gerindo no ultimo gabinete a pasta do commercio. Lloyd George, todavia, não tomou ainda posse do seu novo cargo. Seguindo o exemplo de Peel em 1842 e 1845, será o primeiro ministro quem este anno apresentará á camara dos commons o orçamento geral do Estado.



O CZAR DA RÚSSIA



EDUARDO, O PACIFISTA



O REI DE HESPAHANHA  
E O SEU INFANTIL HERDEIRO

Tres caricaturas de Moloch



MR. ASQUITH  
O novo primeiro ministro  
da Grã-Bretanha

Winston Churchill, novo ministro do commercio, conta apenas 33 annos. Filho do celebre estadista do mesmo nome, em 1895 combateu em Cuba ao lado dos hespanhoes, manifestando extraordinario arrojo. Depois acompanhou, como reporter de guerra de um grande jornal londrino, o exercito inguez á Africa do Sul e n'um combate caiu prisioneiro dos boers. Pertence á camara dos commons desde 1900.

Mac Kenna, ministro da marinha, é advogado e conta 44 annos. Runcinann, novo ministro da instrucção publica, tem apenas 38.

Coincendencia curiosa: em 22 de abril, isto é, dez dias depois de fi-

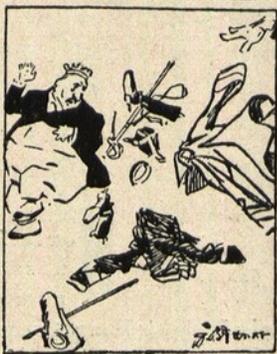
car constituido o novo gabinete, morria *sir* Henry Campbell Bannerman.

Italia e Turquia **C**omo era de prever, o conflicto levantado entre a Italia e a Turquia a proposito das estações postaes italianas na Asia Menor, terminou com a capitulação do governo da Sublime Porta.

Após alguns dias d'aquella resistencia passiva que é a principal característica da diplomacia ottomana, o embaixador da Turquia em Roma procurou o ministro dos estrangeiros italiano, para lhe dizer que o seu governo estava resolvido a adoptar com a Italia o mesmo tratamento conferido ás demais potencias, no respeitante ao estabelecimento de estações postaes na Asia Menor, acrescentando que qualquer accordo que no futuro se tomasse a respeito das estações postaes estrangeiras, se tornaria extensivo ás italianas.

Quer dizer: a Turquia cedeu a todas as exigencias da Italia. Ainda bem.

A Inglaterra **A** dominação ingleza na India está evidentemente atravessando uma crise grave. em principios de maio deu-se em Bengala um atentado que victimou um alto funcionario. Procedendo ás investigações sobre o caso, a policia encontrou-se a breve trecho em presença de uma vasta conspiração, que não tinha por fim matar funcionarios da categoria d'aquelle a que acima nos referimos, mas assassinar lord Kitchener, commandante em chefe do exercito



JUSTA INDIGNAÇÃO!

- (1) Se eu sou almirante da armada ingleza, e (2) coronel dos Reaes Dragões, e (3) Doutor pela Universidade de Oxford, é claro que tenho todo o direito de escrever uma carta ingleza! Aliás, (4) atiro com toda a trapagem aos pés do tio Eduardo.

Do «Kladderadatsch»

anglo-indiano, e alguns outros altos representantes da Inglaterra na India.

Ao mesmo tempo estalavam series insurreições nas fronteiras do



Á BEIRA DO ABYSMO

BULOW (à Allemanha) — Não tenha medo, minha rica senhora, nas minhas mãos está segurissima.

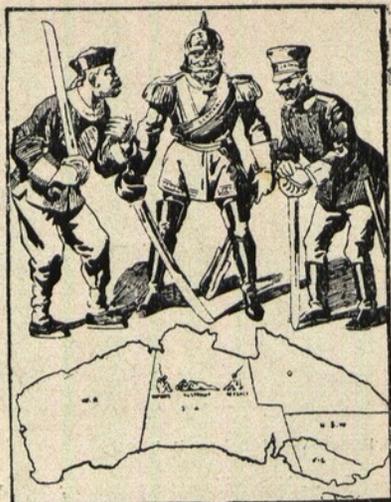
Do «Wahre Jacob»



A CARTA DO KAISER

O espectro de Bismarck — Mais outra imprudencial Quando aprenderás a ter juízo?

Do «Pasquino»



A BELLA ADORMECIDA

A ALLEMANHA — Amigos, aqui temos um soberbo poiso! Talvez la esteja alguem, mas esse alguem é tão pequentino, e a mi nha vista é tão curta, que eu acho melhor não fazer caso. Se nós repartisse-mos isto entre nós tres?

Do «Melbourne Punch»

Afghanistan e dos Mo-hamnds, obrigando as autoridades inglezas a mobilisarem para ali alguns milhares d'homens. A' data das ultimas noticias sabe-se que se têm travado grandes combates, constituindo outras tantas derrotas para os indigenas que, afirma-se, batem em completa retirada, mostrando-se, pela sua attitude, dispostos a depôr as armas.

Mas ou isso não é verdade, ou as

auctoridades inglezas não confiam muito n'essa attitude, pois não só as tropas conservam as suas posições, como estão sendo dia a dia reforçadas.

Oxalá tudo isto não seja o preludio da tão receada insurreição geral da India, que os nacionalistas indios andam ha tanto tempo preparando e que por mais de uma vez tem ameaçado estalar com medonho estrepito.

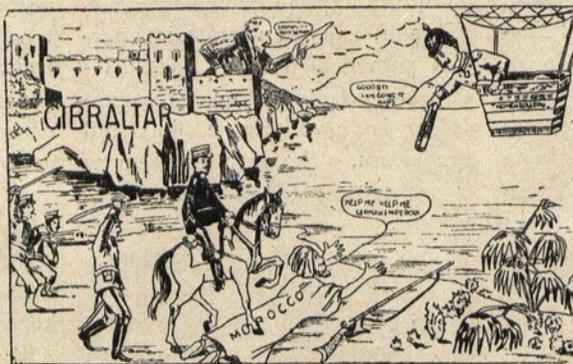
As aspirações d'elles são certamente muito legitimas e respeitaveis, como é respeitavel toda a aspiração de liberdade, mas o peor é que só conseguiriam satisfazel-as — se o conseguissem — á custa de uma pavorosa chacina.



SITUAÇÃO INCOMMODA

O francez ancioso por se ver livre d'aquelles assados.

Do «Kladderadatsch»



ASPECTO CURIOSO DA POLITICA EUROPEA

MARROCOS — Socorro, grande Kaiser, não te lembras da tua visita a Tanger, tão cheia de promessas?

KAISER — Adeusinho! Vou a caminho de Marte, a ver se lá encontro outro Marrocos a socorrer.

EDUARDO — Lembra-te de mim, rico sobrinho, se por lá encontrares um bom cantinho para conquistar.

Do «Cairo Punch»

O mar do Norte e o mar Baltico dos importantes foram simultaneamente assignados em Berlim e em S. Petersburgo.

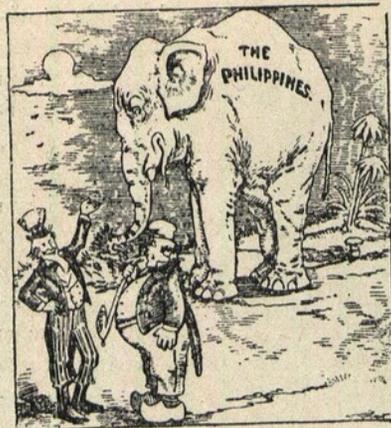
Assignaram o primeiro os representantes dos paizes que teem costas no mar do Norte: a Allemanha, a França, a Inglaterra, a Suecia, a Dinamarca e a Hollanda, os quaes se compromettem a respeitar o *statu quo* do littoral d'aquelle mar, cujos limites ficam tambem perfeitamente determinados.

O segundo foi concluido entre a Russia, a Allemanha, a Suecia e a Dinamarca. Estas quatro potencias garantem nelle a manutenção do *statu quo* no littoral do mar Baltico.

Ao mesmo tempo era assignada

em Stockolmo uma declaração, pela qual a Suecia, a França, e a Inglaterra accordam em abrogar o tratado de 21 de novembro de 1855, concluido entre as duas ultimas potencias e que garantia a integridade da Suecia e da Noruega.

Fica assim regularisada a situação internacional dos dois paizes — Suecia e Noruega — creada pela separação d'este da União scandinava e pelo reconhecimento da sua integridade, ultimamente acordado.



QUE BELLO ELEPHANTE!

Diz-se que o amigo allemão está deixando as suas vistas para as Filipinas.

Do «Minneapolis Journal»



PORTA ABERTA NA MANDCHURIA

JAPÃO — Nada d'isso! Aqui não mette o senhor o nariz, se eu puder evital-o.

Do «Internacional Syndicates»



A NOVA SITUAÇÃO NOS BALKANS

Do «Kikeriki»

Os japonezes na Corêa

Como se sabe, concluída a guerra russo-japonesa, os soldados do imperio do Sol Nascente ficaram ocupando a Corêa, com grande desespero dos coreanos que, em vista d'isso, voltaram as suas armas contra elles. A luta entre dominados e dominadores tem-se mantido desde então, com diversas alternativas, e como a ameaça se eternizou, visto os coreanos terem adoptado, a partir de um dado momento, a guerra de guerrilhas, o governo japonês resolveu fazer um supremo esforço para res-

tabelecer definitivamente a paz no antigo imperio da manhã calma.

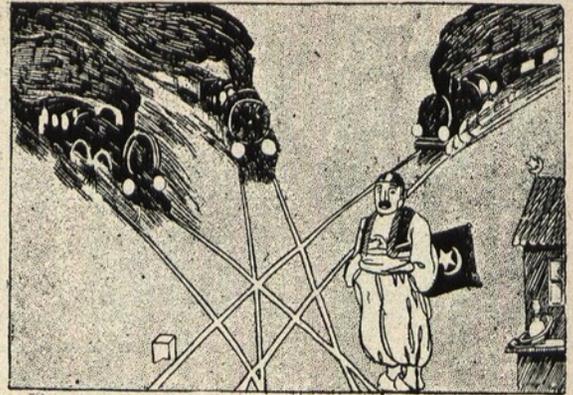
Assim, ordenou a immediata partida para Seul de mais duas divisões de infantaria, quatro esquadões de cavallaria e dois mil gendarmes, a fim de reforçarem as tropas de occupação do general Hasegawa.

Uma vez chegadas em reforços à Corêa, Hasegawa dividirá as suas forças pelas treze provincias coreanas e começará uma guerra de exterminio, pois recebeu do seu governo as mais severas ordens para

acabar com os rebeldes. Não lhes tendo reconhecido a belligerancia, tratá-os-ha como a bandidos, mandando fuzilar quantos lhe cahiam nas mãos. Ao mesmo tempo considerará como fóra da lei todo e qualquer individuo que os auxilie.

Os coreanos estão, como é de calcular, irritadissimos com estas deliberações, e ameaçam exercer horribes represalias.

Tudo leva, pois, a crer que a infelizmente Corêa deve ser theatro de uma luta selvagem.



PROJECTOS FERRO-VIARIOS NOS BALKANS

GUARDA DA LINHA (SULTÃO) — Não cáio em os avisar ; o que eu quero ver é uma collisão tremenda.

Do «Ulk»

## Vida na sciencia e na industria

Expedição ao Polo Sul

Al de agosto partirá em nova expedição para o Polo Sul, o famoso explorador francez Dr. Jean Charcot. D'esta feita tenciona levar trenós automoveis para o auxiliar no transporte. Cada trenó tem um motor de 24 cavallos, ligado a uma enorme roda, parecida com o propulsor de um dos antigos vapores de rodas. Uma serie de experiencias recentemente

realizadas nos declivios nevosos dos Altos Alpes, no Delphinado, deram

excellentes resultados. O trenó trepou ás montanhas e desceu para os valles com uma velocidade uniforme de 8 milhas por hora, sem nunca desgovernar.



TRENÓ AUTOMOVEL

Para a expedição do Dr. Charcot ao Polo Sul

Valioso presente

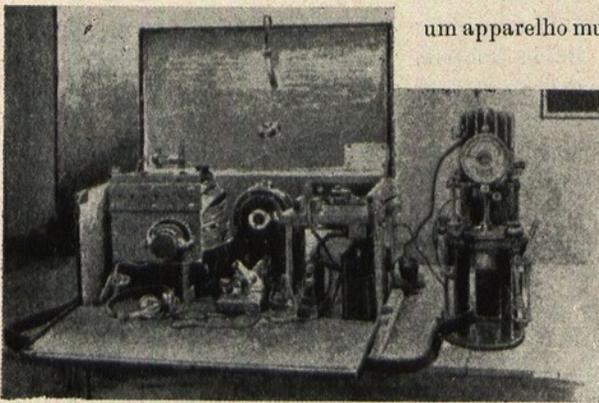
Sir William Ramsay acaba de receber da Academia das Sciencias de Vienna meo gramma de radium puro, como reconhecimento pelos seus magnificos trabalhos sobre a chimica do



O PROFESSOR SIR W. RAMSAY

radium. Este meio gramma faz parte de tres que foram extrahidos de dez toneladas de minerio uranifero. Até hoje nunca, d'uma só vez, se obteve maior porção d'este raro metal.

Telephone sem fios **M**r. Valdemar Poulsen, que descobriu o emprego do arco cantante de Duddell para telephonar sem fios, levou ultimamente o seu aparelho a uma notavel perfeição. Os instrumentos empregaram-se com exito a uma distancia de 1:500 kilometros. Por meio de um intensificador de sons, podem ler-se signaes normaes á distancia de 12 pés (4 metros) do aparelho. Mr. Poulsen addicionou-lhe ainda um instrumento registrador que imprime a mensagem.



ESTAÇÃO PORTATIL DE TELEGRAPHIA E TELEPHONIA, SYSTEMA POULSEN

À direita vê-se o gerador telephonic

A passagem do nordeste **O** ministerio da marinha russo, aproveitando a severa lição da ultima guerra, reconheceu a necessidade de procurar uma comunicação pratica pela passagem de Nordeste. Esta passagem existe visto que Nordenskjold a atravessou, ainda que á custa de inumeras difficuldades. Prepara-se, por isso, uma expedição para estudar qual o caminho que possa estar livre durante certos mezes no anno.

Do cabo Norte ao estreito de Behring medeiam cerca de 3:200 milhas; é, portanto, natural que, se a expedição tiver bons resultados, o commercio se apreveite da nova comunicação, que terá a vantagem de reduzir muito o caminho maritimo entre as possessões occidentaes e orientaes da Russia.

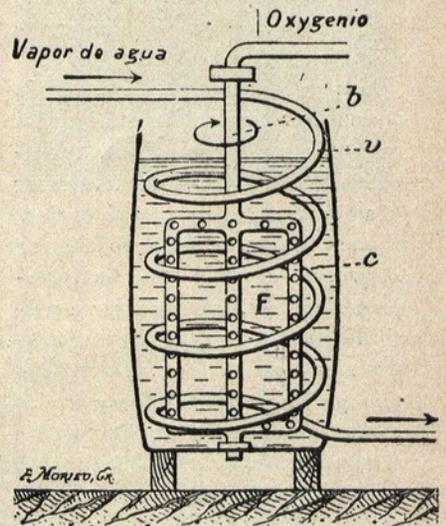
Utilidade dos girasoles **O** girasol cultiva-se em certos paizes para usos industriaes, principalmente na Russia, nas provincias do norte e do Caucaso. Das sementes extrae-se um oleo que se emprega no fabrico dos sabões e até nos usos culinarios. Os caules e as folhas são reduzidos a cinzas e d'elles extrahe-se a potassa. O tratamento das cinzas do girasol produziu em 1907, nas 24 fabricas do Camaso, 15:000 toneladas de potassa.

Meio de envelhecer prematuramente os vinhos **U**m oenologo italiano, o sr. Cassisa, inventou um aparelho muito simples para envelhecer rapidamente o vinho novo. Esta transformação, que prendeu a attenção de sabios como Pasteur, é produzida por uma serie de reacções cujos agentes essenciaes são a temperatura e o oxygenio do ar.

Em condições normaes, estes agentes gastam na trasformação oito a dez annos. Com o aparelho a que o inventor Cassisa deu o nome de *Ossigénos*, e que já foi experimentado por ordem do governo italiano, obteve-se em *duas horas* um vinho de Marsala com o perfume e propriedades organolepticas caracteristicas dos vinhos de Marsala do commercio, preparados pelos processos habituaes e com muitos annos de adegas.

Usa-se o aparelho assim:

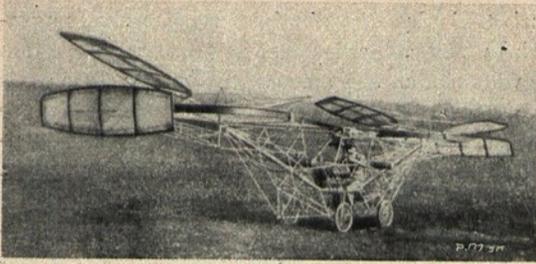
Deita-se o vinho que se pretende



APPARELHO PARA ENVELHECER OS VINHOS

envelhecer em uma pipa no interior da qual ha uma serpentina *v* por onde circula o vapor destinado a elevar-lhe a temperatura. O oxygenio é introduzido por um tubo *b* ligado ao quadro *e*, ambos com orificios para escoamento de gaz. O tubo e o quadro são animados por um movimento de rotação que tem por fim distribuir por toda a massa de liquido, tão uniformemente quanto possivel, o calor e o oxygenio. Os resultados obtidos nas experiencias são muito animadores.

Se as modificações rapidas que por este processo se produzem no vinho forem duradoiras, podem advir d'ahi enormes beneficios não só para o vinicultor, como para o consumidor que poderá obter por preços modicos, vinhos novos com as qualidades de gosto e estabilidade dos velhos.



HELICOPTERO PAUL CORNU

O Helicoptero de Paulo Cornu **P**ARECIA abandonada a idéa de resolver o problema da navegação aerea por meio dos helicopteros, sobretudo depois das satisfatorias experiencias realizadas com os aeroplanos.

Mas recentemente o sr. Paulo Cornu apresentou e submettu a trezentas experiencias um helicoptero de sua invenção, que, apesar dos geraes defeitos que evidenciou, e que o autor, n'outro modelo que se propõe construir brevemente, espera remediar, veio mostrar a possibilidade de lutar com os aeroplanos na conquista do ar. O aeroplano tem porém sobre o helicoptero as vantagens de maior simplicidade e segurança relativa, pois que, no caso de paragem do motor os seus planos permitem-lhe descer vagorosamente á terra, enquanto que o helicoptero, cujo motor soffresse accidente, seria precipitado.

A machina experimentada compõe-se d'uma armação em V muito aberto, formada por um grosso tubo, ao qual estão ligadas seis estrellas de tubos d'aço, constituindo um systema absolutamente rigidó. Esta armação assenta sobre quatro rodas; tem 6,5 m. de comprimento e 50

quilogramas de peso. Ao centro fica o logar do piloto e um motor *Antoinette* de 24 cavallos, que faz mover por meio de uma correia achatada de 22 metros de comprimento e 10 centímetros de largura, duas helices de dois ramos, de 6 m. de diametro, fixadas horisontalmente nas extremidades da armação. As azas das helices constam de uma grade de tubos de aço coberta de seda, impermeabilizada pelo coutchouc, e fortemente esticada. Cada helice peza 245 kilog. A frente do aparelho ha o reservatorio de agua com 12 litros de capacidade, e á rectaguarda o de essencia que comporta 7 litros. Para auxiliar a propulsão, utilizando o turbilhão de ar, produzido pelas helices em marcha, o inventor teve a judiciosa idéa de dispór verticalmente por baixo de cada helice dois pannos de seda, estendidos sobre grades de tubos achatados de 2<sup>m</sup>.5 de comprimento, e 0<sup>m</sup>.60 de largura.

Os principaes defeitos que as experiencias revelaram, acham-se no excessivo volume e pezo das helices, e na correia de transmissão que constantemente se negou a comunicar mais de metade da potencia do motor (3 cavallos sobre 24). O autor conta porem remedia-las.

Automovel para terrenos invios **F**IZERAM-SE recentemente notaveis experiencias de uma nova machina inventada por



AUTOMOVEL PARA TERRENOS INVIOS

Mr. David Roberts, engenheiro inglez. Este invento propõe-se a proporcionar um meio conveniente de transportar material de guerra, minerio ou outros artigos pesados por terrenos montanhosos ou pantanosos onde ainda não penetrou o caminho de ferro. O caracteristico essencial da nova in-

venção consiste n'uma cadeia sem fim que cerca as rodas. Com um motor de 35 cavallos, o automovel realisou espantosas façanhas através de uma região asperrima, e rebocou com facilidade um carro carregado com cinco toneladas por solos alagadiços. A firma a que pertence o inventor já construiu uma machina d'este systema para o ministerio da guerra britannico. Em virtude do seu aspecto extranho, os soldados alcunharam-n'a logo de «Lagarta n.º 1».

Vermes intestinaes **T**EM-SE pretendido sustentar n'estes ultimos tempos, que a causa real de febre typhoide no homem, são os vermes intestinaes. Os srs. Chantemesse e Rodriguez, depois de dois annos de aturadas pesquisas, concluíram: primeiro, que os vermes intestinaes e em particular os tricocephalos, não teem na febre typhoide a culpa que se lhes attribue; segundo, que a presença dos tricocephalos nos intestinos das pessoas atacadas pela febre typhoide, não modificam o prognostico da doença; e por ultimo que seria perigoso desprezar as medidas de prophylaxia ordinaria, como a do uso da agua potavel pura, desinfecção de materias contaminadas, para as substituir por prevenções de therapeutica individual sem outro fim senão de expulsar helminthos intestinaes.

INDISCUTIVEL é o valor de uma medicação pelo phosphoro na *tuberculose, anemia, chlorose, neurasthenia, etc.*, mas os meios de ministrá-la nem sempre correspondem ás aspirações da medicina.

Só gozam de grande efficacia os diversos preparados de Hypophosphitos do Dr. Churchill; esses productos proporcionam ao organismo todo o phosphoro necessario, e, por assim dizer, no estado natural. Por consequencia são perfeitamente assimilaveis, o que explica o exito d'esses medicamentos preparados pela pharmacia Swan, de Paris.

## Vida na arte



EDMUNDO DE AMICIS

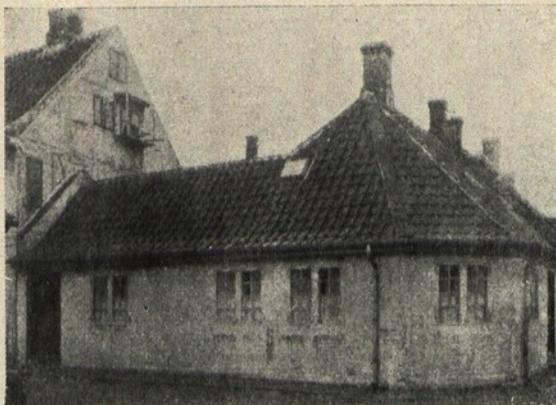
Edmundo **O** auctor de «Il Cuore», fallecido com 62-annos no apogeu da gloria, deixou um grande vacuo nas letras italianas. Tinha no seu alto idealismo, sempre grande e humanitario, um poder balsamico nos espiritos; e a nota, impressionante de verdade, com que pintava bons e formosos caracteres, com que se apiedava das desgraças humanas, faziam-nos crer que na terra nem tudo é mau, como a

maioria da litteratura moderna se compraz em demonstrar.

Elle continuou Manzoni. Quem o continuará a elle?

Gabriel **G**ABRIEL d'Annunzio, entusiasmado com o triumpho da *Nave*, tem entre mãos nada menos de tres peças novas — *Amaranto*, *Nèro* e *Tristão e Isolda*.

A casa **A** municipalidade de Hans Andersen de Odense, na Dinamarca, adquiriu a casinha que alli possuia o famoso escriptor de contos de fadas. Restaurou-a e encheu-a de recordações tornando-a assim um dos mais interessantes relicarios



A CASA DE ANDERSEN

litterarios. Existem alli originaes a lapis do illustrador dinamarquez Petersen, talvez o melhor do museu, retratos, bustos, primeiras e raras edições, e muitas outras curiosissimas lembranças.

Uma d'ellas é o busto de Andersen, feito em uma hora pelo esculptor inglez Joseph Durhan.

Holger Drakenann **E**STE illustre poeta falleceu, como Amicis, aos 62 annos de idade. Era uma das mais brilhantes glorias da moderna litteratura dinamarqueza.



GABRIEL D'ANNUNZIO

Modestia **E**M 1851 Schumann, escrevendo ao seu amigo Bennett, musico inglez, a proposito d'uma viagem com sua mulher, pianista insigne, tencionava fazer a Londres, perguntou-lhe: — Ganharemos bastante para cobrir as despesas da jornada e do nosso sustento quotidiano? Se lhe parece que sim, nós nada mais pedimos.



HOLGER DRAKENANN



SCHUMANN

# Resenha portugueza

## THEATROS



RICARDO STRAUSS

**Ricardo Strauss.**—O festejado compositor da *Salomé*, que

tivemos entre nós, regendo a orchestra de Berlim, não colheu nos tragicos gregos o thema da *Electra*, a sua nova obra, mas n'uma adaptação do conhecido poeta Solsffo nam de Fallersklen, ultimo trovador allemão, cuja correspondencia com o titulo de «Cartas aos meus amigos», acaba ha pouco de ser publicada. Ha n'ella referencias a Freilegrath, Bettina d'Arnim, Grimen, Büchner, Geibel e outros, o que a torna verdadeiramente interessante.

**Zarzuela.**—Damos o retrato de Amalia Isaurita, que, além de Pilar Marti, já muito conhecida do nosso publico, faz parte da Com-



AMALIA ISaurITA

panhia de Zarzuela, que actualmente está exhibindo o seu vasto reportorio no theatro D. Amelia.

## EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO



UMA PEÇA DA OURIVESARIA LEITÃO

**Exposição do Rio de Janeiro.**—Pelos paquetes allemães *Wurzburg* e *Bonn*, foram expedidos para o Brazil, em 6 e 19 de maio, os volumes de productos agricolas, industriaes e de Bellas Artes, destinados ao pavilhão e anexo da secção portugueza. Jorge Colaço, o

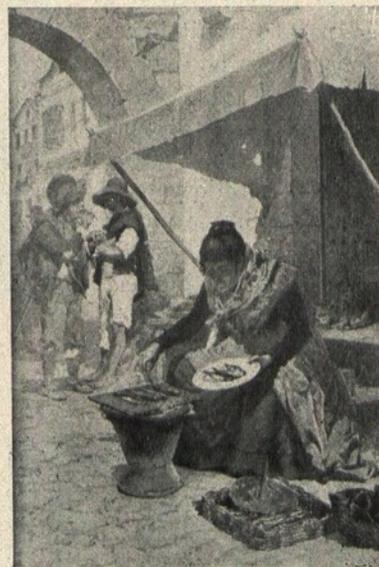


EURICO

*Quadro de Teixeira Bastos*

delegado dos artistas portuguezes junto á nossa secção na exposição fluminense, suprirá certamente a falta de commissario especial que o governo resolveu não nomear. A sua direcção artistica, como tanta vez succedeu com Raphael Bordallo Pinheiro, certamente conseguirá dar á installação portugueza um ar caracteristico e original, que a faça distinguir por completo das outras installações.

Desejariamos poder fornecer aos nossos leitores, uma nota, completa quanto possivel, dos varios artistas e dos trabalhos que expõem, mas



UMA AGUARELLA DE ROQUE GAMEIRO

começámos tarde, quando a maior parte d'elles já tinham sido enviados. Ainda assim, do que podermos obter, iremos dando uma amostra. Por hoje, apenas Roque Gameiro, Teixeira Bastos e Leitão, honram com alguns dos seus trabalhos as columnas dos *Serões*.

## NOVOS ACADEMICOS

Eleitos sócios correspondentes da Academia Real das Sciencias, em 14 de maio



ALFREDO DA CUNHA



JULIO DANTAS



CARLOS MALHEIRO DIAS

**Alfredo da Cunha.**—Poeta apreciado e jornalista brilhante, os seus livros tem o condão de agradar sempre. *Endeixas e Madrigaes* e *Rimas Soltas*, são volumes de versos em que se sente o pulsar d'um vivido coração. Ensaiou-se na litteratura scenica com a comedia *O livro de Mesmer*, e entre os seus trabalhos salienta-se a biographia de Eduardo Coelho.

**Julio Dantas.**—Revelou-se nos primeiro como poeta, depois como dramaturgo e prosador. A sua obra é vasta e cheia de imprevisito, não se podendo por isso avaliar por este ou aquelle trabalho, mas pelo seu conjuncto, variado e gracioso como um ramo de diversas flôres. Não citando as suas pequeninas comedias senão como uma manifestação instantanea do seu deslumbrador talento, *O que morreu d'amor* e *Nada são*, cada qual no seu genero, duas joias de subido preço que o publico soube apreciar. Dantas trabalha agora n'uma grande magica moderna intitulada o *S. Frei Gil*.

**Carlos Malheiro Dias.**—É um espirito de eleição e um luminoso talento. Além do *Filho das Hervas* e dos *Telles d'Albergaria*, o



ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA

primeiro dos quaes constituiu a sua estreia litteraria, tem escripto varios volumes de subido interesse psicologico. O mais valioso d'elles é, talvez, o que se intitula *Paixão de Maria do Ceu*, quadro do seculo XVIII, onde o auctor descreve um amor de mulher com a justeza de observação e penetração d'alma que só possui quem, pelo grande alcance das suas faculdades intellectuaes, faz no coração humano as suas leituras mais queridas e tira d'elles ou deixa que os outros tirem, o conceito moral que de tudo e em tudo se póde colher na vida.

**Antonio Correia d'Oliveira.**—Primoroso nas suas composições, cheias de vida e luz, segue ha muito a evolução que n'estes ultimos tempos procura infiltrar nos corações bella philosophia em bellos versos, brotados d'um jacto, que lembram na sua espontaneidade e graça, o leito caprichoso d'um ribeiro. *As tentações de S. Frei Gil*, o melhor livro de Correia d'Oliveira, no novo genero que adoptou, tem paginas encantadoras. A sua ultima obra é o *Pinheiro Exilado*, um mimo de sentimento e delicadeza.

**Francisco Esteves Pereira.**—É um orientalista distinctissimo e um investigador incansavel. Um dos seus mais importantes estudos foi o *Dos feitos de Christovam da Gama*, trabalho composto por Miguel de Castanhoso, publicado por ocasião do centenario da India, e que muito captivou a attenção dos que estudam. Tambem para o X congresso internacional de orientalistas traduziu e prefaciou a *Vida do Abbas Sammel do mosteiro de Kalamon*, versão ethiopica que foi altamente apreciada por Th. Nöhede.

Não nos foi possivel obter o seu retrato.

## ESCOLA MARQUEZ DE POMBAL



SENHORAS TRABALHANDO EM PINTURA

**Escola Marquez de Pombal.**—Damos a photographia dos estudos de pintura na Escola Marquez de Pombal, por ocasião da visita que alli fizeram os professores, que assistiram ao Congresso d'Instrução Primaria. Os trabalhos que n'aquella casa se estão executando são perfeitissimos, não deixando nada a desejar.

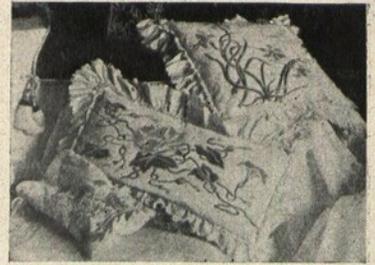
**Sessão de homenagem.**—A Sociedade de Sciencias Naturaes

Uma conferencia  
sobre um grande sabio portuguez

BARBOSA DU BOCAGE

promoveu no dia 2 de maio, no Real Instituto Bacteriologico, uma sessão solemne em homenagem a Barbosa du Bocage. Encarregou-se do elogio historico do eminente na-

## EXPOSIÇÃO DE LAVORES FEMININOS



ALGUNS TRABALHOS EXPOSTOS

turalista o distincto bacteriologista dr. Carlos França, que d'elle se desempenhou brilhantemente.

Presidiu o dr. Miguel Bombarda.

**Exposição de labores femininos.**—Damos uma amostra dos innumeros trabalhos femininos que a sr.<sup>a</sup> D. Luiza Teixeira Bastos envia ao Rio de Janeiro. Esta senhora, que obteve na exposição de S. Luiz a medalha de ouro, tem nos seus primorosos trabalhos uma garantia de exito.

## SPORTS



FESTA HIPICA NO PICADEIRO GAGLIARDI

**Festa hippica.**—Damos a photographia de um grupo de cavalleiros e amazonas que tomaram parte na festa hippica realisada na tarde de 9 d'abril, no picadeiro Gagliardi.

**Exposição canina.**—No Paraizo de Lisboa, na rua Nova da Palma,

realisou-se no dia 2 de abril a abertura da primeira exposição canina em Portugal. Foi o jornal *A Caça*, coadjuvado pela Spratt's Patent de Londres, que a organizou.

Alguns dos exemplares expostos são interessantissimos. A cadella Trilly, de raça italiana, já premiada nas exposições de Paris e Nice com medalha d'ouro, obteve tambem aqui o primeiro premio. Em seguida á exposição teve logar o leilão de muitos dos exemplares expostos.



A VENCEDORA DA EXPOSIÇÃO CANINA



FESTA ATHLETICA NO PARQUE DE PALHAVÁ

**Festa athletica.**—Effectuou-se uma festa de sports athleticos em 2 de abril, no parque de Palhavã, em homenagem ao conde de Fontalva, que cedeu parte dos seus terrenos ao Grupo Imperio, para exercicios sportivos dos socios d'este Grupo.

## Feira de Alcantara



**Feira de Alcantara.**—Com grande numero de barracas e enorme concorrência de povo, inaugurou-se no dia 1 de maio esta antiga e popularissima feira que, ha já alguns annos, tem logar nos terrenos marginaes conquistados ao Tejo, junto á estação de Alcantara-Mar.

## EXEQUIAS REAES



**Exequias reaes.**—Damos uma photographia de Sua Magestade El-Rei D. Manoel sahindo dos Jeronymos, onde no dia 25 foi assistir ás solemnes exequias que o governo

## CURIOSIDADE METEOROLOGICA EM LISBOA



mandou celebrar por alma de seu Pae e seu Irmão.

**Curiosidade meteorologica.**—Não ha memoria nos ultimos annos, d'uma geada em Lisboa, como a que se observou em abril, na Avenida da Liberdade.

## LETRAS



ANTHERO DE FIGUEIREDO  
Auctor dos «Comicos»

**Comicos.**—E' um estudo psychologico, que no nosso meio litterario se destaca, o ultimo livro de Anthero de Figueiredo.

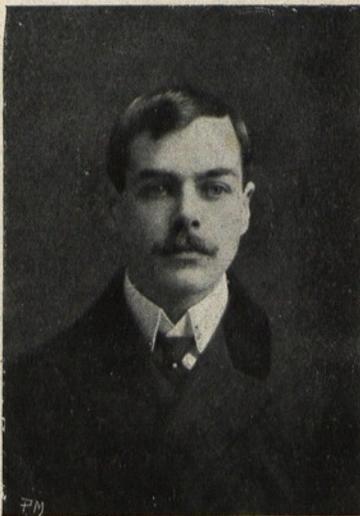
Nos dois protagonistas d'aquelle drama de amor, é intensa a paixão sob varios aspectos. Elle é um idealista, *um delicado*. Ella, uma leviana, quasi irresponsavel. D'aqui a desintelligencia dos espiritos, apesar da partilha real e vivida do sentimento, amor-paixão, que os domina.

É um drama doloroso, em que as fraquezas do coração apparecem a nú, mas que a tristeza do irremediavel aureola de graça e poesia.



CONDE DE SABUGOSA  
Auctor dos «Embrechados»

**Embrechados.**—O novo livro do apreciado auctor do *Paço de Cintra*, é um elegante volume, nitidamente impresso, que, em 194 paginas, trata 16 assumptos differentes com a mestria, leveza e graça, que são peculiares da brilhante penna que os traçou. Descrevendo ou investigando o passado, perfumado de tanta suavidade e poesia que revivemos n'elle. Explicando as varias acepções da palavra com que designa o livro, escreve o illustre prosador, que a tomava na peor d'ellas. Não é este o nosso sentir nem o do publico, que já exgotou a primeira edição.



AFFONSO LOPES-VIEIRA  
Auctor de «O Pão e as Rosas»

**O Pão e as Rosas.**—O auctor do *Ar Livre* acaba de dar á estampa um novo livro intitulado *O Pão e as Rosas*. A edição é esmeradissima, rivalisando em tudo, até na leveza, com as melhores edições inglezas.

O que sobremodo nos agrada em Lopes Vieira é que as regras procuram-no quando elle pensa fugir-lhes, e é n'ellas, e com ellas, que o seu talento se mostra mais elevado e rutilo.

Quantas coisas citariamos se não dispozessemos de tão limitado espaço, porque entendemos que a critica, seja em que sentido fôr, é documentando que melhor se exerce.



## Decifrações do n.º 35

Charadas — 1.ª Tetracordo; 2.ª Promontorio.

Enigmas — 1.º Furtacôres; 2.º Entear.

Resposta ao gentilissimo convite para collaborar n'esta secção.

### ENIGMAS

Quando ás vezes eu me exalto  
Em conversa acalorada,  
'Inda mesmo co'um amigo,  
A' boa etiqueta falto:  
Perco o fio da meada  
E já não sei o que digo.

Certo termo apropriado  
A' tal conversa em questão,  
E que preciso dizer...  
Foi-se!... Não é encontrado,  
E fico como um pavão  
Triste figura a fazer!

Qual o termo a designar  
A minha perturbação?  
Dizei-o lá se sabeis...  
Pois eu indo-o procurar:  
Para lá, lia um tostão;  
E p'ra cá, lia cem réis.

Angra.



MELLO.

Dispensa, caro leitor,  
Da tua fina attenção  
Uma parte por favor;  
E, apoz pausada inspecção,  
Dirme-has, mas sem mentir,  
Se, depois de... vêr attento,  
Não tens a todo o momento  
Obrigações a cumprir.

Covilhã.

MARIO SOUSA.

Queres amigo, que da Esphinge as formas  
Eu tome e enigmas ao leitor proponha,  
Mas, sem que o achado da verdade, imponha,  
O tredo risco das antigas normas.

Edipos muitos, pelo que me informas,  
Hão de encontrar os que eu talvez proponha,  
Mas... não importa, pois não é vergonha  
Morrer. Com tal de certo te conformas.

Logo: obedeço, pois quem póde manda.  
Pelos navios hão de ver bem panda,  
Ou pelas ruas carregada ser

Uma ave extranha que n'uma outra mora,  
E, coitadinha, conhecida embora  
Ha de custar aqui seu nome ver.

Jaboatão — Pernambuco.

DE ELAIA.



### CHARADA (Enigmatica)

Eu tenho, tu tens, ell'tem — 2  
Se não fômos maus, crueis;  
Faço, fazes, faz tambem — 2  
O povo, o clero e os reis.  
Quem a segunda fizer  
Sem a primeira empregar  
Gente fraca mostra ser  
Que não tem sangue a girar.  
Prima e segunda ligada  
Com pericia, com mestria,  
Diz que o enigma-charada  
E': livro d'astronomia.

Obidos.

PADRE ETERNO.

# Belleza do Rosto

## Leite Antephelico ou Leite Candès

O Leite Antephelico cuja invenção data do anno 1849 deve effectivamente, as suas propriedades cosmeticas à combinação bem acertada de elementos tirados da materia medica, que reciprocamente se temperam por suas porções rigorosamente determinadas, e cuja acção não val alem das camadas superficiaes da pelle.

O Leite Antephelico emprega-se em loções, em dose benigna, ou estimulante, segundo as alterações que se querem prevenir ou corrigir.

### MODO DE EMPREGO SEGUNDO OS CASOS.

Durante o tratamento empregar o LEITE CANDÈS só sem nenhum outro cosmetico.

I. DOSE BENIGNA e AGUA DE TOUCADOR. — Vas. deitar n'um pires a quantidade d'uma colher à café, e ajuntar as seguintes quantidades de agua : 1º um a dois tantos, contra o Rosto sarabulhento e as Picadas de insectos; — 2º dois a tres tantos contra as Rugas, o Tisne do sol, Borbulhas, Espinhas, Brotoeja, Fogagem, Efflorescencias farinhentas ou furfuraceas e outras alterações accidentaes da cutis; — 3º tres a quatro tantos, como agua de toucador, para conservar a pureza, transparencia e macieza da pelle. — Embeber n'estas misturas um panninho fino, e humectar duas vezes por dias os pontos affectados. Como agua de toucador, basta uma loção, com preferencia pela manhã, meia hora antes de lavar o rosto.

II. DÔSE ESTIMULANTE, CONTRA AS SARDAS e AS MANCHAS DE GRAVIDEZ. — Nos dois primeiros dias,

ajuntar à pequena porção de LEITE que se deita no pires, igual quantidade de agua, e continuar esta dõse tres vezes por dia, se os effectos abaixo descriptos principiarem a produzir-se; se não, logo no terceiro dia, emprega-se o LEITE puro e humectão-se as manchas, sem esfregar, uma duas ou tres vezes quando muito no correr do dia (segundo a delicadeza da cutis), até que a epiderme que as cobre, passando por duas phases preparadas e sempre isentas de gravidade, — 1º ardor mais ou menos vivo, — 2º leve intumescencia acompanhada de sensação tensiva, — tenha tomado uma côr cinzenta, e se desseque. Oblido este resultado, as loções só se comparão de uma parte de LEITE e tres tantos d'agua. A epiderme exfolia-se, e a cutis, temporariamente vermelha, apresenta-se (depois de dez a quinze dias de tratamento) branca e fresca, livre das manchas que a embaciavão.

